

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

**A CONSTITUIÇÃO DE MULHER NO SERIADO THE GOOD WIFE – dialogia
no seriado e na fanfic.**

Ana Luzia Chavez Gomes

São Carlos – SP

2015

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

**A CONSTITUIÇÃO DE MULHER NO SERIADO THE GOOD WIFE – dialogia
no seriado e na fanfic.**

Ana Luzia Chavez Gomes

Bolsa Capes

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em
Ciência, Tecnologia e Sociedade, do Centro de Educação e
Ciências Humanas, da Universidade Federal de São Carlos,
como parte dos requisitos para a obtenção do título de
Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade.**

Orientador: Prof. Dr. Valdemir Miotello

Linha de Pesquisa: Linguagens, Comunicação e Ciência.

São Carlos – SP

2015

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária UFSCar
Processamento Técnico
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G633c Gomes, Ana Luzia Chavez
A constituição de mulher no seriado The Good Wife :
dialogia no seriado e na fanfic / Ana Luzia Chavez
Gomes. -- São Carlos : UFSCar, 2017.
256 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de
São Carlos, 2015.

1. Seriadados. 2. Bakhtin, Mikhail Mikhailovich,
1895-1975. 3. Mulher. 4. Feminismo. 5. Gêneros do
Discurso. I. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Ana Luzia Chaves Gomes, realizada em 24/02/2016:

Prof. Dr. Valdemir Miotello
UFSCar

Profa. Dra. Luzia Sigoli Fernandes Costa
UFSCar

Prof. Dr. Hélio Márcio Pajeú
UFPE

Para o humano em nós. Que se altere, que ame, que busque sem parar.

*Maman dis que lorsqu'on cherche bien / Mamãe diz que se você procura bem
On finit toujours par trouver / Sempre acabará encontrando*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus pela oportunidade concedida.

Ao apoio de toda a família para seguir a vida acadêmica. Pai, mãe, meus irmãos: Ronaldo, Ana, Gabriel, Lucas e Izabel. Amo vocês e agradeço todo o carinho e compreensão.

Agradeço ao Miotello por me aceitar como orientanda.

A confiança de vocês em que eu seria não apenas capaz, mas que valia a pena insistir em uma pesquisa aparentemente sem cabeça quando eu explicava me fez seguir em frente, e hoje, ainda com a pesquisa não completada, posso sentir uma pequena ponta de orgulho.

Ao escrever, ler, “reassistir” minha série para falar sobre, me constituí e ainda sou constituída enquanto mulher.

Agradeço ao meu namorado, Filipe, pela inspiração e motivação, todo o apoio, as ideias e sugestões. A você dedico meu amor.

Não posso deixar de agradecer a cada professor com quem tive aula nesses dois anos: Miotello, Rosângela, Arthur, Thalles, Hayashi, Alline, Eduardo Néspoli. Cada disciplina feita com vocês ampliou meu horizonte de pesquisa, e me ajudou a ter um coral de vozes de apoio.

Um agradecimento todo especial aos colegas do Gege, sem as sextas com vocês, não teria saído nem a metade do que consegui escrever aqui. Allan, Patrícia, Monique, Alexandre, Flávio, Pajeú, Ana, Luis, Tatiana, Pedro, Radamés. Se eu esqueci de alguém, me perdoem, mas cada interação e participação com vocês foi importante para mim.

Agradeço de todo coração às orientações da Rosângela, do Felipe e da Alline. Rô, sem você faltaria muita coisa para meu trabalho; Felipe, obrigada por ouvir e responder a todas as perguntas, apesar de toda a correria com a sua pesquisa.

Alline, obrigada pelas palavras, pelas colaborações, e pelos puxões de orelha “você não é perdida; você é tipo Chapeuzinho Vermelho: eu tenho que ir nesse caminho, ahh mas olha esse aqui que legal; mas tem esse; e esse”. Suas palavras sempre me faziam voltar ao foco e tratar de continuar a escrever com os pés “no chão”.

À CAPES que financiou o desenvolvimento dessa pesquisa.

MEDO (Nara Rúbia Ribeiro)

Eu tenho medo do ameno,
Da esperança à meia asa.
Tenho medo do que não se doa
Daquele que não voa e até vê,
mas pouco demais se enxerga.

Tenho medo daquele que só tem certezas
E sabe o contorno incerto de toda a verdade.

Fujo do ser que sonha somente o concreto:
Aquele que simboliza as centelhas do dia
em cifrões.

Tenho medo,
E tanto quanto assim eu também me apresento,
Eu também intento afugentar-me de mim.

Resumo

Essa pesquisa traz uma análise acerca da constituição da mulher nos seriados televisivos, mais especificamente o seriado *The Good Wife* em diálogo com as fanfics, que são as produções textuais dos fãs. A abordagem que se toma é a bakhtiniana no sentido de que as construções de mundo são sociais e que a televisão é um mecanismo de grande influência na sociedade. Assim, temas como dialogia, gêneros do discurso e constituição de sujeito são tratados, permitindo a construção de um referencial teórico. Pensar as questões da presença feminina na sociedade é interessante, visto que estamos em um período em que as mulheres estão cada vez mais inseridas rompendo com antigos paradigmas. Mas também é necessário observar que mesmo com as mudanças, ainda se tem uma mentalidade que por vezes limita essa inserção, de modo que tomar consciência possibilita romper com essas limitações.

Palavras-chaves: Seriados; *The Good Wife*; Fanfic; Bakhtin; Mulher; Feminismo; Gêneros do Discurso.

Abstract

This research presents an analysis about the woman's constitution in television series, specifically the series *The Good Wife* in dialogue with fanfiction, which are textual productions of the fans. The approach taken is the bakhtinian one in the sense that the worlds constructs are social and television is a very influential mechanism in society. Thus, issues such as dialogy, speech genres and constitution of the subject are treated, allowing the construction of a theoretical background. Think about women's presence in society is interesting, since we are in a period in which women are increasingly inserted breaking old paradigms. But it's also necessary to note that even with the changes, it still has a mindset that sometimes limits such insertion, so be aware enables break with these limitations.

Keywords: Tv Show; *The Good Wife*; Fanfiction; Bakhtin; Woman; Feminism; Speech Genres.

Sumário

INTRODUÇÃO	13
1ª TEMPORADA.....	21
T1:E1 – Piloto: A série The Good Wife.....	22
T1:E2 – Gêneros do Discurso	26
T1:E3 - “Era uma vez”: Sobre a narrativa em série	31
T1:E4 – A indústria cultural.....	43
2ª TEMPORADA.....	46
T2:E1 - SOBRE CONSTITUIÇÃO: o ser inacabado	47
T2.E2 Sobre Mulher e Mídia.....	64
T2.E3 De amores e romantismos	90
T2:E4 A boa esposa – Alicia Florrick.....	103
T2:E5 A advogada super poderosa - Diane Lockhart	108
T2:E6 A investigadora misteriosa – Kalinda Sharma	110
3ª TEMPORADA.....	120
T3:E1 Fanfiction ou a Cultura Participatória	121
T3.E2 Polifonia ou as várias vozes em diálogo.....	129
SEASON FINALE.....	144
ARGUMENTOS FINAIS	145
REFERÊNCIAS.....	148
FILMOGRAFIA	155
ANEXOS.....	I

Índice de Ilustrações

Figura 1: Alicia permanece ao lado do marido	23
Figura 2: Pais cuidando de crianças	25
Figura 3: Luke Skywalker - influência em crianças.....	30
Figura 4: Perfume "Fame" - Lady Gaga 2012.....	54
Figura 5: Gravatas Van Heusen - Anos 50.....	55
Figura 6: Calças Dracon - Anos 60	55
Figura 7: Calças Dash - Anos 70.....	56
Figura 8: Batedeira Kenwood Chef - 1961	56
Figura 9: Propaganda da Devassa 2013.	57
Figura 10: Propaganda da novela "O Cravo e a Rosa"	58
Figura 11: Alicia e Cary - episódio 1	59
Figura 12: Diane Lockhart - mulheres se ajudam.....	62
Figura 13: Cena da novela "Em família" - 2014	63
Figura 14: Alicia responde porque parou de trabalhar	68
Figura 15: Jackie Florrick	70
Figura 16: Jackie vs Verônica	71
Figura 17: "Você está me dizendo que UMA MULHER derrubou um time de agentes altamente treinados do governo?"	74
Figura 18: Campanha de denúncia ao assédio sexual - #MeuAmigoSecreto 2015.....	75
Figura 19: Reações à propaganda da Skol 2015.....	79
Figura 20: Coleção de esmaltes Risqué: Homens que amamos	80
Figura 21: Coleção de esmaltes Granado: Escritoras	81
Figura 22: Princesas Disney	83
Figura 23: "E se as princesas fossem gordinhas?"	83
Figura 24: versão punk das princesas.....	84
Figura 25: Valente disputa a própria mão em casamento	88
Figura 26: Títulos e Classificações das Fanfics - Need for Fic	93
Figura 27: Diane - "os homens podem ser preguiçosos, as mulheres não"	94
Figura 28: Juiz - "O que está vestindo?"	95
Figura 29: Expressão facial da apresentadora "Tá falando sério?"	97
Figura 30: Transformação de Uma linda Mulher.....	98
Figura 31: Transformação em Diário da Princesa.....	99
Figura 32: Transformação em O diabo veste Prada	100
Figura 33: Nas séries iniciais Scully ficava um passo atrás de Mulder, agora ela lidera o caminho.	101
Figura 34: Alicia Florrick.....	103
Figura 35: Alicia após a entrevista de confissão de Peter	104
Figura 36: Expressões e sentimentos	106
Figura 37: Diane Lockhart	108
Figura 38: Kalinda Sharma	110
Figura 39: Louis Canning e Patti Nyholm.....	111
Figura 40: Nancy Crozier	112

Figura 41: Deliberações do júri	113
Figura 42: Will recebe um vinho de oito mil dólares de uma jovem estudante	114
Figura 43: Wendy Scott-Carr	115
Figura 44: Capa e página da Fanzine "The Comet"	122
Figura 45: Fanzine "Ficção" - Edson Rontani.....	123
Figura 46: Spockanalia.....	125
Figura 47: A emancipação de Alicia	133
Figura 48: The Good Wife 1ª, 2ª e 3ª Temporada - DVD Oficial	137
Figura 49: Alicia se liberta e assume a postura de femme fatale	139
Figura 50: Alicia e Cary abrem a própria firma	140
Figura 51: The Good Wife 4ª, 5ª e 6ª Temporada - DVD Oficial	142

Lista dos Personagens do Seriado

- **Os Florrick**

Alicia Florrick (Julianna Margulies) – a esposa de um decadente promotor; Alicia retorna ao seu antigo trabalho de advogada júnior. Ela tenta conciliar sua vida profissional e familiar com o escândalo envolvendo seu marido. No meio do escândalo que sua vida se torna, Alicia desenvolve um interesse amoroso pelo seu chefe, Will Gardner.

Peter Florrick (Chris Noth) – marido de Alicia, promotor do Condado de Cook e atual governador de Chicago. Passou um período preso devido a um suposto escândalo de corrupção, porém mais tarde é novamente eleito promotor e governador posteriormente.

Grace Florrick (Makenzie Vega) – filha de Alicia e Peter Florrick. Extremamente religiosa e aspirante à ativista dos Direitos Humanos. Sonha em ser advogada como a mãe.

Zachary "Zach" Florrick (Graham Phillips) – filho de Alicia e Peter Florrick. É um geek genuíno. Já ajudou diversas vezes à mãe a resolver alguns casos na L&G.

Jackie Florrick (Mary Beth Peil) – mãe de Peter e sogra de Alicia. Jackie não acredita que o filho seja culpado e acredita que Alicia e Peter irão se reunir e formar uma família novamente. Ela tenta, em várias ocasiões, conseguir que os netos visitem o pai na cadeia.

- **Lockhart & Gardner – L&G**

Will Gardner (Josh Charles) – um antigo amigo de Alicia da faculdade de Direito que é um dos sócios de um prestigioso escritório de advocacia. Desenvolve um desgosto por Alicia após descobrir que ela fundou um escritório por suas costas, acreditando que ela tentara roubar seus clientes. No episódio 15 da quinta temporada, ele é baleado e morto na sala do tribunal pelo seu cliente Jeffrey Grant (interpretado por Hunter Parrish)

Diane Lockhart (Christine Baranski) – sócia sênior do escritório de advocacia que contrata Alicia. Fina, virtuosa e inteligente. Diane é taxativa e eficaz no que faz, sempre fechando os casos com elegância e graça.

Kalinda Sharma (Archie Panjabi) – a investigadora particular da firma. Kalinda havia trabalhado anteriormente com Peter Florrick, que a demitiu.

David Lee (Zach Grenier) – um advogado excêntrico e perspicaz. Extremamente focado no dinheiro, David Lee é implacável em suas tentativas de ganhar casos e atingir seus objetivos de formas nada ortodoxas.

- **Promotoria do condado de Cook**

Glenn Childs (Titus Welliver) – ex-promotor do Condado de Cook. Foi o responsável pelo vazamento da fita de sexo de Peter Florrick à imprensa

Matan Brody (Chris Butler) – um dos promotores do Condado que foi contratado por Peter quando ele ainda era o Promotor

Cary Agos (Matt Czuchry) – um advogado júnior, admitido na mesma época que Alicia. No primeiro episódio é dito que só há uma vaga permanente para o cargo, colocando Cary em competição com Alicia. Só que Alicia ganha a competição e Cary vira promotor. Após algum tempo Cary volta para a Lockhart & Gardner e monta um motim para roubar os clientes da firma e montar a Florrick/Agos & Associados.

James Castro (Michael Cerveris) - Atual promotor do condado de Cook.

- **Equipe de Peter Florrick**

Eli Gold (Alan Cumming) – chefe da campanha de Peter para o posto de promotor.

Elsbeth Tascioni (Carrie Preston) – advogada de Peter em substituição a Daniel Golden, que assumiu um posto no governo do presidente Barack Obama.

Kya Poole (Francie Swift) – assessora responsável pela imagem de Peter.

Daniel Golden (Joe Morton) – advogado e um dos membros da equipe de Peter.

- **Outros**

Detetive Anthony Burton (James Carpinello) – detetive de homicídios da polícia local com ligações amorosas com Kalinda.

Agente Lana Delaney (Jill Flint) – agente do FBI que ajudou Kalinda em algumas investigações, também em um caso amoroso com Kalinda.

Louis Canning (Michael J. Fox) - Canning é um advogado rival que tem sido o conselho de oposição para Alicia em vários casos. Canning é afligido com discinesia tardia, o que muitas vezes ele usa para caril simpatia com os juízes, júris, e testemunhas.

INTRODUÇÃO

Iniciar uma pesquisa parece algo simplesmente difícil, você para e pensa sobre o que escrever, e aí surgem ideias mirabolantes. E então acontece um surto criativo que faz querer escrever sobre tudo, começar vários projetos e de repente, acaba o encanto. Porque então se dá conta de que tudo isso, precisa atingir alguém que se interesse o suficiente para aceitar te orientar, e ainda tem que passar pelo processo seletivo, que não é nada fácil. Mas a gente passa, e as aulas começam e tudo parece mil maravilhas, e então chega o momento de realmente começar a escrever e é assim que se descobre a tarefa terrivelmente complicada que é o ato de escrever. De transpor para o papel os conhecimentos adquiridos, de explicar e se fazer entender, de conseguir ser capaz de dizer tudo aquilo que está nas nossas mentes.

Começar a escrever é uma das tarefas de Hércules, daquelas que para todo mundo parece impossível, mas uma hora sai algo e aí você se anima e enche de esperança, “agora vai”. Dar o primeiro passo é o mais difícil, mas você acostuma e embala e quando termina, e relê, é uma sensação incrível, ainda que alguém leia e critique não tão favoravelmente, aquilo é seu, saiu do seu esforço e é isso o que nos motiva e mantém constantes. De tudo o que se aprende nas escolas, desde o jardim de infância até esse instante, faz sentido; é uma conquista que ninguém pode tirar da gente.

Então aqui está a minha “criança”, não foi fácil, roubou muitas noites de sono, meu sossego, inúmeros dias lendo e relendo o material necessário para poder escrever, e aí quando escrevia, parecia que nada era bom, até joguei material fora por achar que era inútil e tive que reiniciar tudo, mas por fim, parece que deu certo.

Bom, com todo esse desabafo, imagino que sua pergunta seja “mas sobre o que será que ela escreve que é tão difícil assim?”; escrevo sobre a constituição de mulher no seriado *The Good Wife*, trazendo duas outras diferentes vozes: a da própria série e a da fanfic, que são os textos escritos por fãs.

Esse pode parecer um tema sem sentido, mas pare um pouco e pense em como passamos a maior parte do tempo quando não estamos estudando ou trabalhando? Estamos vendo televisão, assistindo um filme, um seriado, talvez a novela, o jornal também. De maneira, que a forma como a televisão nos apresenta as notícias e como mostra as variadas formas de se ver algo ou alguém, podemos pensar sim que algo de influência ela tem sobre nossa forma de estabelecer a visão de mundo. Particularmente,

eu assisto e gosto de muitos seriados, então, porque não unir o que eu gosto com algo que pode ser interessante de se pensar? E foi assim que surgiu essa pesquisa.

As séries televisivas mais populares e conhecidas acabam sendo as norte-americanas, temos também as francesas, as inglesas, russas, mas as de maior sucesso e aceitação são as norte-americanas. Aqui no Brasil, os canais fechados, muitas vezes dedicam a maior parte de sua programação para exibição de seriados. As séries, bem como muitos filmes, têm por embasamento, livros. Por exemplo, a série *Elementary*, é baseada nos livros de Sir Arthur Conan Doyle, do Sherlock Holmes, e inclusive seu personagem principal é chamado de Sherlock e sua parceira é Watson. O canal BBC também criou uma minissérie chamada *Sherlock*; tem uma minissérie de *Orgulho e Preconceito* (baseada no livro de Jane Austen) e assim por diante. Os seriados são classificados como dos mais variados tipos: dramas, romances, comédias, policiais, médicos; no entanto, algo que os torna bastante envolventes é o realismo. E aqui compartilho da ideia de Jost (2012) de que o realismo não é a capacidade da ficção de ser uma cópia da realidade, mas sim a impressão que deixa no expectador, por parte do narrador que é um profissional bem conhecedor de seu ofício.

A mídia tem um papel central na nossa sociedade, por ser um espaço de visibilidade e problematização da vida contemporânea; ela traz valores, referências, hábitos, rotinas da vida em sociedade. De modo que ao trazermos temas que estão sendo apresentados pela mídia, encontramos na própria sociedade o respaldo para tanto. Adriano Rodrigues diz que: “[...] são eles [os meios] próprios constitutivos dos quadros éticos da experiência, formando o horizonte do sentido das diferentes esferas da experiência moderna, constituindo o sistema de valores que tornam pertinentes os discursos e ações” (1994, p. 79).

A narrativa produzida industrialmente, que obedece a lógica do mercado, ao mesmo tempo veloz e fragmentada, que é consumida no âmbito privado muitas vezes em conjunto com outras atividades, tem um papel importante na construção de identidades. Fiuza (2010, p.13) aponta que “uma multiplicidade de configurações do feminino passa a existir na sociedade e a ficção televisiva torna-se uma de suas principais vitrines”.

A escolha do seriado como tema de pesquisa não é novidade, encontramos estudos de seriados como *True Blood* (SANTOS, 2010/2013), *Desperate Housewives* (MACHADO, 2010), *LOST* (TRENTO, 2013), existem outras pesquisas que trazem as novelas como narrativas seriadas e normalmente é escolhido um tema específico dentro

dessas narrativas. Desse modo, nessa pesquisa, abordo a questão da construção de mulher dentro do seriado e a forma como nós correspondemos a essa imagem. A pergunta que proponho é a seguinte: De que maneira se constitui a mulher no seriado *The Good Wife* e qual a resposta do fã a essa constituição? Sendo essa a questão norteadora de minha pesquisa e, portanto meu objetivo geral.

Acredito que essa pesquisa é importante e justifica-se devido à necessidade de um aumento nos estudos sobre as mulheres, na construção de sentidos que damos a elas por meio das mídias. A mídia é responsável em boa parte pela formação de identidades, de memórias de mundo das sociedades, então, em uma área tão multidisciplinar como a nossa: Ciência, Tecnologia e Sociedade, e ainda mais especificamente a linha de pesquisa: Linguagens, Comunicação e Ciência.

Aqui não vemos o sujeito como alguém que fica em frente à televisão, sendo manipulado pela mídia, mas vemos sim, um sujeito que se constitui na sua relação com o que vê. Então partimos do pressuposto de que as mulheres que são apresentadas na televisão, ainda fazem parte de um discurso maior, no qual podem ser vendidas e consumidas ao bel prazer; mas não da mesma forma como já foi em outros períodos históricos. Existem outras séries que poderiam exemplificar de diversas outras maneiras a situação da mulher na sociedade atual; no entanto, para os propósitos dessa pesquisa, a série escolhida é a que melhor mostra a evolução feminina ao longo dos tempos. Podemos ver que a personagem principal, a cada temporada, muda de alguma maneira.

Acredito que estudar a mulher seja relevante, visto que esta sempre sofreu opressões sem fim. Nos países africanos, são mutiladas com a supressão do clitóris; nos países islâmicos, devem esconder seus rostos; na Ásia são escravizadas e prostituídas e defloradas.

Estupradas em sua dignidade, elas são despidas em outdoors e capas de revistas, reduzidas a iscas de consumo na propaganda televisiva, ridicularizadas em programas humorísticos, condenadas à anorexia e à beleza compulsória pela ditadura da moda. As belas e burras têm mais "valor de mercado" do que as feias e inteligentes. (BETTO, 2001)¹

As mulheres buscam não tanto a emancipação, pois essa tem sido alcançada aos poucos com a possibilidade de reconhecimento da igualdade com relação aos direitos jurídicos, políticos e econômicos, mas a questão da libertação: é poder dar mais um passo à frente, fazer a diferença, é reconhecer que a mulher é autônoma, independente.

¹ <http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=1334>

Apesar das conquistas, a mulher ainda precisa romper com certos preconceitos. E não são apenas mudanças políticas ou econômicas que farão a diferença, ou mesmo com o socialismo, por exemplo, frei Betto cita que Bebel² (1889) acreditava que a abolição da propriedade privada significaria a libertação da mulher, mas não foi. Assim, o socialismo comprova que não por meio da abolição da propriedade privada ou mesmo sua inserção no processo produtivo que será alcançada a libertação feminina. Nas palavras de frei Betto (2001):

É preciso mudar também a superestrutura cultural e psicológica da sociedade e, sobretudo, reinventar formas de produção e de exercício de poder que tenham as mulheres como sujeito. Enquanto o masculino for o paradigma do feminino, este ideal não será alcançado, a menos que as mulheres descubram que elas próprias são o paradigma de si mesmas.

O desejo por uma igualdade das mulheres não é algo novo, e também não está apenas na mente das mulheres, houve homens que também se preocuparam com essa situação e pensaram em possíveis soluções, ou mesmo em como seria uma sociedade em que as mulheres tivessem sua liberdade e direitos garantidos. Podemos citar Bebel, em seu livro “A mulher e o Socialismo”.

A mulher na futura sociedade é socialmente e economicamente independente; ela não é mais submetida a nenhum vestígio de dominação e exploração; ela é livre, à semelhança do homem, senhora de seu destino. [...] Vivendo sob condições naturais ela é capaz de desenvolver e exercitar suas faculdades e potencialidades mentais. Ela escolhe sua ocupação no campo que corresponder a seus desejos, inclinações e habilidades naturais e ela trabalha em condições idênticas ao homem. [...] Na escolha amorosa ela, como o homem, é livre e desimpedida. Ela flerta ou é galanteada, e termina o relacionamento seguindo apenas suas próprias inclinações. [...] A este respeito, o socialismo não cria nada de novo, apenas restaura, em um nível mais alto de civilização e sob novas formas sociais, o que prevalecia em um estágio social mais primitivo, antes que a propriedade privada tenha começado a comandar a sociedade. (1923, p. 343, tradução minha)³

² Livro de August Bebel intitulado “A mulher e o Socialismo”. Foi publicado em 1879, embora sua elaboração tenha se iniciado uma década antes, quando seu autor encontrava-se preso, acusado de traição.

³ The woman of future society is socially and economically independent; she is no longer subject to even a vestige of dominion and exploitation; she is free, the peer of man, mistress of her lot. (...) Living under natural conditions, she is able to unfold and exercise her mental powers and faculties. She chooses her occupation on such field as corresponds with her wishes, inclinations and natural abilities, and she works under conditions identical with man's. (...) In the choice of love, she is, like man, free and unhampered. She woos or is wooed, and closes the bond from no considerations other than her own inclinations. (...) Socialism creates in this nothing new: it merely restores, at a higher level of civilization and under new social forms, that

As novas ideias sobre mulher, que foram construídas ao longo de diversos períodos, como por exemplo, a partir da Revolução Francesa, do Iluminismo e desse momento em diante, fizeram com que o feminismo se alastrasse: sutiãs foram queimados; a libertação sexual se tornou um fato político; agora o corpo feminino lhe pertence. Com isso foi criado um novo ideal de mulher.

No entanto, mesmo com todas essas mudanças, ainda hoje, podemos ver que a mulher é usada como um produto, uma isca de consumo. E não apenas nas propagandas, na publicidade, até mesmo os filmes e seriados, ainda acabam usando essa figura estereotipada, idealizada de mulher.

Encontramos vários trabalhos e discursos que apontam a televisão como difusora de uma cultura homogênea, que destrói as características culturais de cada grupo e que estimula uma reação “acrítica e de passividade ao propor conteúdos que, condensados, fragmentados e nivelados não provocam nenhum esforço por parte do fruidor” (FIUZA, 2010, p. 29), ou ainda, que ela não acarreta em seu público uma reação de “espanto ou de interesse, não há mistério e também não é transparente” (SARLO, 2000, p.53). No entanto, a perspectiva aqui adotada é a da dialogia bakhtiniana, ou seja, os discursos tem uma natureza dialógica relacional, porque os enunciados possuem outros enunciados, em relação com um contexto de enunciados.

Para a pesquisa a metodologia escolhida foi a pesquisa bibliográfica, trazendo textos que pudessem dialogar com o que quis demonstrar. O objetivo dessa pesquisa é o de mostrar como se dá a constituição de mulher no seriado de televisão *The Good Wife*, e como o fã responde a essa constituição. Para tanto, foram estabelecidos alguns objetivos específicos:

- conceituar a televisão e a fanfic como gêneros do discurso;
- trazer um breve histórico da origem dos seriados;
- falar um pouco sobre a indústria cultural e a cultura de massa;
- compreender a trajetória da mulher;
- ver algumas das maneiras como as mulheres são mostradas nos filmes e em algumas outras séries e até mesmo novelas;
- apresentar a fanfic.

which prevailed at a more primitive social stage, and before private property began to rule society.

Entendemos que os gêneros televisuais e as produções de textos chamadas fanfictions são gêneros do discurso secundários; adotando os textos do teórico russo Mikhail Bakhtin. Para ele os gêneros discursivos abrangem as modalidades orais ou escritas, aquelas que são colocadas no embate entre o oficial e o não oficial.

A partir do momento que se compreende o discurso televisual e os textos das fanfics como um gênero do discurso, passamos então ao processo de entender como se dá a constituição de humano. Para tanto são apresentados nesse texto, o trajeto das mulheres, as mudanças pelas quais ela passa para poder chegar até aqui. No cinema e na televisão, podemos ver que estereótipos são representados, em muitas das situações, eles permitem que tais padronizações de comportamentos sejam revistos, ocasionando revoluções e em outros, eles são mantidos, reforçando ideias já existentes em nosso imaginário.

Assim temos que, diferentemente da visão de um público moldado sem resistência, com a dialogia pensamos essa relação – público x televisão – da mesma maneira como pensamos na produção de um texto. O texto é produzido a partir de várias leituras, de maneira que o leitor, ao ler determinado texto, com suas próprias leituras outras, poderá atribuir interpretações e significações. O autor exprime e escreve de sua interpretação, mas ela não é única e nem a verdade absoluta. Portanto, acredito que o telespectador, ao assistir seu programa televisivo, se apropria da mensagem passada e constrói suas próprias significações.

As séries televisivas são um fenômeno mundial, especialmente as norte americanas, que são exibidas nos mais diversos países, e inclusive muitas delas são reproduzidas por outros países em versões adequadas ao seu contexto, por exemplo, Law & Order: UK; Law & Order Special Victims Unit: Russia. Aqui no Brasil, temos várias séries em exibição nos canais fechados, e mesmo nos canais abertos também, com as versões dubladas.

O número de séries produzidas e em exibição nos leva a pensar no fato de que são grandes influências na vida e na formação dos telespectadores. Então, ao procurar possíveis discursos televisivos para analisar, vi que existem vários estudos de pesquisadores brasileiros sobre o tema, principalmente no que se refere às novelas. No entanto, pensando no fato de que somos bastante influenciados pelos produtos norte americanos, seja pelos filmes, músicas ou mesmo pelo que eles ditam como moda; acredito que compreender os seriados norte americanos, poderia trazer algumas ideias

para percebermos como a construção desses personagens influencia a nossa maneira de ver o mundo.

Nas séries podemos ver que os heróis são pessoas que não são predestinadas a alguma coisa, mas são pessoas em construção, que vivenciam diversas experiências, seus conhecimentos são postos à prova, sua determinação em lutar para alcançar o sucesso. Podemos citar como exemplo, o fato de que a maioria dos seriados é centrada em questões de trabalho, ou seja, há uma valorização do trabalho intelectual ou manual. Muitas séries são baseadas no ambiente de trabalho: médicos, advogados, empresários, policiais e etc.

Essa pesquisa então, se propõe analisar como a constituição de mulher se dá nos seriados, mais especificamente no seriado *The Good Wife*, do canal norte americano CBS, aqui no Brasil apresentado pelo canal Universal. No seriado encontramos várias mulheres, Alicia, Diane, Kalinda e algumas outras mulheres que vão aparecendo ao longo da série, juízas, advogadas, promotoras, clientes da empresa e assim por diante. Mas, para os propósitos dessa pesquisadora, busquei analisar como principal instância, a personagem principal: Alicia Florrick. Para compreendê-la trago um pouco da forma como as demais mulheres são apresentadas pela série e inclusive algumas comparações com personagens de outros seriados cuja principal personagem seja mulher, mesmo que o foco de trabalho ou mesmo da série não seja igual ao da série em questão aqui.

Para que a análise não fique apenas em personagens de televisão e, portanto personagens que são bastante romantizados, trago para diálogo a perspectiva dos telespectadores; quero dizer, o fã.

O fã é absolutamente importante para a manutenção e continuidade de uma série. Sem ele, não há série, pois não há justificativa para sua continuidade se não houver quem a consuma.

Com a novidade das tecnologias da informação, temos um novo fenômeno: a cultura participativa. Resumidamente, podemos adiantar que essa é a maneira como o fã responde e interage com outros fãs e com o produto. Vou explicar um pouco melhor: o fã busca saber mais sobre a série, livro, desenho, filme, novela, música entre outras de seu interesse e procura complementar ou dar explicações que o original ainda não respondeu ou que não atende ao seu desejo. De maneira que ele escreve as fanfics – ficções de fãs – escrevendo sobre aquilo que acredita que esteja faltando na série. Mais do que isso, a fanfic é a interpretação do fã sobre a série. Ela traz todas as leituras do fã sobre o tema, traz seus desejos.

A pesquisa conta com três temporadas, sendo que na primeira apresentarei as questões de Gêneros do Discurso de Bakhtin, mostrando como o seriado e a fanfic são constituídos como gêneros, apresento também um breve histórico da origem dos seriados, que inclusive remontam aos romances de folhetim.

A segunda temporada será para falar da constituição de mulher, mostrando como a personagem do seriado *The Good Wife* passa por transformações e trago um pouco da história da mulher e a forma como foi e ainda é apresentada ao público. Para tanto, trarei recortes de reportagens, anúncios publicitários, de novelas e até alguns filmes e mesmo na literatura, exemplificando a constituição de mulher ao longo dos anos.

A terceira temporada será para contar a história das fanfics, de onde vieram e como estão hoje, mostrando sua importância como um fenômeno da cultura participativa, da inserção e colaboração. Aqui também trarei um pouco da ética e estética como algo que acontece no cotidiano e que será exemplificada por meio da fanfic.

Explico que não será feito um capítulo de análises a parte, pois as análises estarão sendo construídas em conjunto com o referencial teórico para que não estas não fiquem dissociadas uma da outra.

1ª TEMPORADA

Título: A Constituição da Mulher no Seriado *The Good Wife* – dialogia no seriado e na fanfic

Autor: Ana Luzia Chavez Gomes

Categoria: Dissertação

Advertência: Spoiler de vários fatos importantes que ocorrem na série ao longo das seis temporadas.

Classificação: PG

Temporadas: 1

Episódios: 3

Completa – Em andamento

T1:E1 – Piloto: A série *The Good Wife*

*The Good Wife*⁴ é um seriado norte-americano que estreou no canal CBS em 22 de setembro de 2009. Aqui no Brasil, ela estreou em 9 de novembro de 2009 pelo Canal Universal. Foi criado por Robert King e Michelle King e é estrelado por Julianna Margulies (Alicia Florrick), Christine Baranski (Diane Lockhart) e Chris Noth (Peter Florrick). Ridley e Tony Scott, Charles McDougall e David W. Zucker participam da produção da série também. A série tem sete temporadas; a 1ª e 2ª temporada contam com 23 episódios e da 3ª até a 7ª temporada: 22 episódios. Total de: 176 episódios.

Um fato interessante é de que a série foi parcialmente inspirada no escândalo de prostituição envolvendo o ex-governador de Nova Iorque, Eliot Spitzer, bem como outros escândalos sexuais proveniente de políticos norte-americanos, particularmente os de John Edwards e Bill Clinton. Michelle King diz que:

Nós tivemos esta ideia há cerca de um ano e meio. Houve uma cachoeira desses tipos de escândalos, de Bill e Hillary[Clinton], de Dick Morris, de Eliot Spitzer, para citar apenas alguns. Eu acho que eles estão por todo a nossa cultura. E havia sempre essa imagem do marido ir ao público e pedir desculpas a todos e a esposa que está ao lado dele. Eu acho que a série começou quando nos perguntamos: "O que eles estão pensando?" E Robert e eu começamos a falar sobre isso. ... Você sabe, o que é interessante sobre esses escândalos políticos é que as esposas são advogadas também. Hillary é uma advogada. Elizabeth Edwards é uma advogada. Eu acho que nos fez pensar ao longo destas conclusões. Ou seja, nós sabíamos que ela tinha que voltar ao trabalho, e tivemos tantas advogadas para desenhar (entrevista, tradução minha).⁵

A série centra-se em Alicia Florrick, cujo marido Peter Florrick, um ex-advogado do estado Condado de Cook, foi preso depois de um escândalo envolvendo sexo com prostitutas e corrupção. Depois de ter passado 13 anos como uma mãe atenciosa e dona-de-casa, Alicia retorna ao seu antigo trabalho como advogada e fica com a responsabilidade de criar os seus dois filhos. Adquirindo confiança dia após dia, Alicia se transforma de uma envergonhada esposa de político em uma poderosa mulher de carreira, principalmente pelo bem de seus filhos. Pela primeira vez em anos, Alicia rejeita sua identidade de "boa esposa" e toma conta de seu destino.

A produção executiva da série está nas mãos dos irmãos Ridley e Tony Scott. Ridley Scott é o mais conhecido dos dois, consagrado por filmes premiados, sendo

⁴ Traduzida como "*Pelo Direito de Recomeçar*" no Brasil.

⁵ – Disponível em: < <http://bitterempire.com/the-good-wife-non-lawyers-behind-that-lawyer-show/>>.

produtor ou diretor. São de sua autoria *Thelma and Louise* (1991) e *Blade Runner – O caçador de andróides* (1982) *Hannibal* (2001) *Rede de mentiras* (2008) e *Alien, o oitavo passageiro* (1979). E ainda como produtor do filme *Gladiador* (2000).

A série é “um show de talento, inteligência, criatividade e sensibilidade” e que começa onde “acabam muitas carreiras de homens públicos: no lixo” (VAZ, 2011). Os criadores Michelle e Robert King conseguem dosar as cenas e procedimentos de júris, encontros e estratégias legais com os advogados e ao mesmo tempo o acompanhamento da vida de Alicia.

Figura 1: Alicia permanece ao lado do marido



Fonte: 50 anos de filmes⁶

A série inicia com um promotor público de Chicago dá uma declaração à imprensa, transmitida ao vivo pela TV e pelo rádio, admitindo que esteve envolvido em escândalo que inclui casos com prostitutas e acusações de corrupção. Ele admite os casos sexuais, mas se proclama inocente quanto à ladroagem; pede desculpas à comunidade e à família, e informa que está renunciando ao cargo.

Ele faz um breve pronunciamento – alguns poucos minutos que para sua mulher, ali ao lado, terão durado “séculos de uma dor que não se pode imaginar” (VAZ, 2011); dizendo que:

Quero deixar claro que nunca abusei do cargo. Nunca troquei penas mais brandas por favores financeiros ou sexuais. Ao mesmo tempo, preciso reparar meu fracasso pessoal com minha mulher, Alicia, e nossos dois filhos. O dinheiro usado nessas transações foi meu, só meu. Nenhum recurso público foi usado. Mas admito falta de bom senso ao me relacionar com essas mulheres. (Episódio 1)

Ao seu lado, a Boa Esposa, que dá nome a série. É brilhante a abertura, já nos prende no primeiro momento, e por mais 16 horas e 39 minutos no total da primeira

⁶ <http://50anosdefilmes.com.br/2011/the-good-wife-a-primeira-temporada/>

temporada, com seus 23 episódios. A primeira tomada é um *close* de duas mãos dadas, a do promotor e de sua mulher; a câmara segue as mãos dadas por um longo corredor, até que uma porta é aberta e o casal está diante das câmaras, microfones, flashes das máquinas fotográficas, e daquela multidão de repórteres.

Cada episódio traz um caso diferente e fascinante, envolvendo questões morais, políticas e sociais; muitos trarão também um tema presente na literatura e no cinema, a luta entre Davi e Golias: o homem e as grandes corporações: é o caso da moça grávida com feto que precisa de caríssima operação intrauterina, e o seguro de saúde se recusa a pagar; outro é dos ferroviários que morreram em acidente e a poderosa e rica empresa quer dar indenização mínima às famílias alegando que a culpa foi deles, trabalhadores; ou ainda do ex-atleta que se tornou paraplégico por causa de um medicamento errado. Alguns temas, como os citados acima, fazem lembrar outros filmes, livros e séries – têm de fato muito a ver com os livros de *John Grisham*⁷, por exemplo. Alguns outros temas abordados são: pena de morte, aborto, preconceitos raciais, imigração, direitos individuais, responsabilidades do Estado, relações trabalhistas.

Em um dos episódios veremos um juiz suspeito de racismo. Outro trará a suspeita de que um dos jurados foi comprado. Temos juízes progressistas e outros conservadores; alguns são preconceituosos, outros rígidos, e até alguns corruptos. Um mostrará que o trabalho sério, compenetrado, honesto de um grupo de 12 jurados é deixado de lado porque acusação e defesa fazem um acordo antes que seja proferida a decisão – a decisão seria justa, e o acordo é injusto.

A série procura retratar com maior finalidade os personagens e não simplesmente coloca-los como modelos de justiça e retidão. Podemos perceber que muitas vezes é necessário que eles tomem atitudes que vão contra seus ideais originalmente apresentados, veja, por exemplo, Peter Florrick, cuja campanha para procurador de Estado é dirigida por um marqueteiro e lobista experiente, Eli Gold, que sabe o que fazer e como para “vender” seu candidato ao povo. Não importam as ideias, os princípios e os ideais do candidato, ele tem que saber ser maleável e falar aquilo com que as pessoas possam se identificar e desejar votar nele. As pesquisas de opinião permitem que o lobista saiba como fazer o candidato parecer melhor, temos um episódio em que são reunidos certa quantia de eleitores e eles dão suas opiniões sobre o candidato e sua família, assim são criadas estratégias que permitam que cada vez mais,

⁷ Escritor estadunidense, ex-político e advogado. Escreveu “A firma” (1991), “O dossiê pelicano” (1992) e vários outros.

Peter seja aceito. Durante um tempo, a campanha foca em conseguir os votos dos negros, no entanto, por meio das pesquisas, Eli vê que Peter está com poucos votos entre os brancos conservadores e então, ele dá as costas aos negros e se volta para conquistar os conservadores. Vaz (2012) aponta que:

O retrato que *The Good Wife* faz de uma campanha política é arrasador, aterrorizante, apavorante. Não há espaço para ideais, idéias, propostas – não há espaço para nada sério. É tudo show, fantástico show da vida. É tudo aparência. É tudo a ditadura dos números das pesquisas. Quem é eleito não é eleito porque é melhor, tem propostas mais sólidas – é eleito porque tem o marqueteiro melhor, mais esperto, mais safo, e o candidato menos firme, mais maleável, que aceita abrir mão do que pensa, do que acredita, para agradar à maioria do momento. No entanto, o absurdo, a falta de valores importantes, a plastificação, a sabonetização das campanhas eleitorais da nossa era nunca foram apresentada com tanta crueza, tanta clareza, tanta eficácia, quanto nesta admirável série de TV.

Outros personagens que mostram esse lado de mudança são os sócios Diane Lockhart e Will Gardner, que devido aos problemas financeiros devem mandar muitos funcionários embora, e na hora de aceitar os clientes, precisam pensar se estão aceitando alguém que renderá grandes quantias financeiras para a firma. No passado, recusariam os negócios com clientes de direita (os dois são da esquerda do Partido Democrata), republicanos ou empresários com negócios duvidosos ou ainda traficantes. Mas agora não, por exemplo, eles são os advogados de Lemond Bishop (traficante de drogas).

Vários personagens aparecem ao longo da série, alguns com certa frequência e outros nem tanto. Um personagem interessante e fora do que estamos acostumados é o investigador Andrew Wiley. Ele aparece na segunda temporada pela primeira vez, e é o “dono de casa”, ao invés de ser ele quem trabalha fora para sustentar a família, sua esposa que o faz, ela monta foguetes. Wiley nos é apresentado pela primeira vez em uma creche e ele aponta outros homens que estavam cuidando dos filhos, enquanto as esposas trabalhavam (epi. 12).

Figura 2: Pais cuidando de crianças



Fonte: Elaborado pelo autor

Outro caso interessante de pensar é na terceira temporada, o episódio 21 – Suspensão, em que um juiz, que há muitos anos atrás foi promotor e é julgado por ter sentenciado um inocente à prisão. Não querendo entrar em maiores detalhes no caso em si, acredito que é importante verificar que dificuldades existem para todos, homens e mulheres no caminho para o sucesso. E isso é mostrado levemente nesse episódio, quando a acusação leva a filha do juiz Cuesta para depor e ela conta que o pai estava tão envolvido com o caso que perdera sua formatura; que ele não ligava para quem ela namorava e que sequer tinha mandado um presente quando de seu casamento. Aqui podemos entender que para o homem também a questão de alcançar progressos nas carreiras lhes exigem dedicações e esforços intensos, inclusive o de não poderem estar presentes nas famílias, ocasionando ressentimentos por parte de filhos e esposas. E isso não é uma tentativa de “vitimizar” o homem, equiparando essa situação com as dificuldades que são impostas às mulheres.

T1:E2 – Gêneros do Discurso

O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo. O gênero renasce e se renova em cada nova etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de um dado gênero. Nisto consiste a vida do gênero. [...] não é morta a arcaica que se conserva no gênero; ela é eternamente viva [...] com capacidade de renovar-se. O gênero vive do presente, mas sempre recorda o seu passado, o seu começo (BAKHTIN, 1981, p. 100.)

As narrativas estão intrinsecamente ligadas com os processos comunicacionais, pois o ato narrativo situa o ser humano em um espaço, traz sentidos aos problemas da humanidade – ainda que isso possa causar estranhamentos, coloca a experiência humana dentro das relações. É a palavra que permite que eu seja definido em relação ao outro, ao coletivo. Bakhtin diz que “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. [...] se apoia em mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor”. (2006, p.117)

A interação está relacionada com a linguagem “a palavra é o território comum do locutor e do interlocutor”; mais do que essa relação entre o falante e o ouvinte, a interação também diz respeito ao contexto social em que está inserido. Para que haja uma interação torna-se necessário um “eu” e um “tu”, de maneira que a linguagem é um diálogo. Toda palavra é dialógica por natureza porque pressupõe sempre o outro; o

outro sob a figura de para quem é a mensagem, aquele a quem o falante ajusta a sua fala, de quem antecipa reações e mobiliza estratégias e de quem recebe respostas.

As relações entre linguagem e sociedade são indissociáveis e as diferentes esferas da atividade humana podem ser entendidas como domínios ideológicos que dialogam entre si e produzem, em suas respectivas esferas, formas relativamente estáveis de enunciados, que são chamados gêneros do discurso (BAKHTIN, 2006).

A língua se concretiza na forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos proferidos por seus falantes. Nos enunciados podemos encontrar o conteúdo temático ou tema; estilo – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua – e a construção composicional.

Os gêneros do discurso abrangem uma variedade de modalidades: as situações de comunicação oral e escrita, desde suas formas mais padronizadas, como por exemplo: saudações, despedidas, felicitações, entre outros; quanto as formas mais livres, exemplo: conversas de salão ou bares, conversas de amigos e familiares; e também as formas discursivas mais elaboradas, por exemplo: a literária, científica, jurídicas e políticas. E os participantes da comunicação ocupam em cada uma dessas esferas comunicativas, lugares sociais que os levam a adotar gêneros específicos de acordo com suas finalidades ou intenções comunicativas.

Na vida cotidiana, a entonação também é importante para compreensão do enunciado. O cinema, em sua composição, une diferentes tipos de linguagens, dentre elas o som. Além do contato visual com o contexto, temos a entonação que a personagem dá ao enunciado. O círculo de Bakhtin, em vários momentos, toma que o enunciado verbal é composto também por aquilo que não é estritamente verbal. Lembramos aqui o exemplo dado por Voloshinov, em “*A palavra na vida e a palavra na poesia*”.

Duas pessoas estão sentadas numa sala, em silêncio, quando uma delas diz “bem” e a outra nada responde. As pessoas se entendem muito facilmente, mas para nós que estamos alheios à situação, o enunciado torna-se incompreensivo. Por mais que queiramos entender o enunciado apenas pela parte verbal não conseguiremos evoluir um passo em direção à significação sem considerar o que não está escrito.

Ao continuarmos a leitura, vemos que existe um contexto que pode facilitar a nossa compreensão dessa simples palavra “bem”. Enquanto essas duas pessoas conversam, nevava lá fora e os flocos de neve podiam ser vistos da janela. Era mês de maio e a primavera estava próxima. Assim, eles estavam cansados dos rigorosos meses

de inverno e ansiavam pela primavera. Ao se pensar essas informações, dá à palavra “bem” outro significado, que não está escrito, mas que é presumível e é então que o enunciado se torna decifrável.

No seriado *The Good Wife*, temos um momento em que Alicia está conversando com Nancy, que diz “eu adoro o seu casaco. A minha mãe tem um igualzinho”. Palavras aparentemente inocentes e sem nada demais, no entanto, quando assistimos o episódio todo, vemos que Nancy é uma jovem advogada, recém-formada, então quando ela profere as palavras acima transcritas, podemos compreender que o que ela estava querendo dizer, é que Alicia era “velha” (epi. 13). Um poucos antes disso, a advogada, diante do juiz, age como uma criança em escola, erguendo a mão para esperar a sua vez de falar; sua voz trêmula e gaguejante. Quando o juiz defere o seu pedido, Will pergunta o que aconteceu e Alicia responde “bonitinha, atraente, 26, acabou de acontecer”.

A televisão engloba elementos que permitem que imagem e som sejam constituídos e transmitidos de um lugar para outro; como um gênero do discurso, o seriado é um gênero secundário com uma narrativa mais complexa.

A variabilidade de **enunciados** televisuais é praticamente infinita, podendo ocorrer a partir de cada um dos programas, capítulos de programas, reportagem, vinhetas, *spot* publicitário. Nas palavras de Machado (2001, p. 70) “cada enunciado concreto é uma singularidade que se apresenta de forma única.”. Embora sejam enunciados únicos, espelham uma determinada possibilidade de utilização dos recursos televisivos, não apenas por meio dos conteúdos verbais, figurativos, narrativos e temáticos, mas também no quesito dos códigos televisuais. E apesar de serem elementos relativamente estáveis, ou ainda, esferas de intenção mais ou menos definidas, em que os enunciados podem ser codificados e decodificados pela comunidade de produtores e expectadores. Os programas televisivos podem ser derivados da literatura, do cinema, do teatro popular, do jornalismo e assim por diante.

Por exemplo, temos seriados que se basearam em livros, como é o caso da minissérie da BBC de *Orgulho e Preconceito*; baseadas no mesmo livro, de Jane Austen, têm também a *webserie* (série na internet) chamada *The Lizzie Bennet Diaries*. Ou ainda a série *Hannibal*, baseada na trilogia sobre o dr. Hannibal Lecter. As séries da Marvel e da DC, baseados em seus quadrinhos: *Marvel: Agentes of Shield*; *Agent Carter*; *Demolidor*; *Jessica Jones*; *Supergirl*; *Smallville* e assim por diante. Veja a série que trago para essa análise, *The Good Wife*, é baseada em um acontecimento real, a traição de políticos norte-americanos e suas esposas que permanecem ao seu lado.

E é aqui que Bakhtin entra, ou seja, a forma como podem ser tratados cada um desses elementos, dentro do âmbito televisual, podem ser considerados como **gêneros**; que estão presentes em grande quantidade, chegando a ser inumeráveis, aparecendo e desaparecendo ao sabor do tempo, alguns duram mais do que outros, ou tem maior aceitação em certa região geográfica mais do que em outra. Ainda de acordo com Machado (2001, p.71): “os gêneros são categorias fundamentalmente mutáveis e heterogêneas (não apenas no sentido de que são diferentes entre si, mas também no sentido que cada enunciado pode estar “replicando” muitos gêneros ao mesmo tempo)”. Os gêneros discursivos são ricos e diversos, a atividade humana é inesgotável e cada esfera de atividade traz e possibilita todo um imenso repertório de gêneros discursivos.

O ser humano se apropria da linguagem ao estar imerso nas variadas formas de comunicação verbal, que se associam às diferentes esferas da comunicação humana e que definem os infinitos gêneros discursivos existentes. Cada gênero constitui certo ponto de vista, uma atitude, uma forma de pensamento e uma entonação de acordo com a esfera de atividade humana à qual ele se relaciona. Ele se apropria da linguagem e se constitui sempre através do Outro.

Podemos dizer que o gênero é também dialético, pois ao mesmo tempo em que se constitui ao redor de uma demanda sócio histórica de interação verbal entre os falantes, produz visões de mundo e, assim, formas de ação.

Vou dar um exemplo até extremista dessa influência, em julho de 2012, um jovem atirou em várias pessoas em um cinema, na estreia do filme Batman: o cavaleiro das trevas ressurgiu; que teria dito ao chefe de polícia que era o Coringa, rival de Batman.⁸

É possível percebermos que as crianças manifestam muito mais facilmente a influência que recebem dos filmes e desenhos que assistem, por exemplo, as meninas querem se fantasiar e vestir igual personagens da Disney, por exemplo; querem suas festas de aniversários com temas como Frozen, Cinderela, Branca de Neve, da gatinha Marie; dos Minions entre outros. E não só as meninas, mas também os meninos, Colin Stokes (2013) dá uma entrevista no Ted Talks⁹ e conta que seu filho viu um trecho do filme Star Wars e depois só queria se vestir como Luke Skywalker e queria sabres de luz. É interessante a fala de Stokes, quando ele questiona:

⁸ <http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2012-07-20/atirador-mata-ao-menos-10-pessoas-em-sessao-do-batman-nos-eua.html>

⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=ueOqYebVhtc>

Será que ele estava captando os temas de coragem, perseverança e lealdade? Será que estava captando o fato de que Luke se une a um exército para derrubar o governo? Será que ele está captando o fato de que só há meninos no universo, exceto pela Tia Beru e claro, esta princesa, que é muito legal, mas meio que espera sentada durante a maior parte do filme, para poder primar o herói com uma medalha e uma piscada e agradecê-lo por salvar o universo, o que ele faz pela magia com a qual nasceu?

Figura 3: Luke Skywalker - influência em crianças



Fonte: Youtube – Como filmes ensinam masculinidade¹⁰

Quando assistimos um filme, um programa de televisão, um seriado, uma novela, uma reportagem, enfim, estamos sendo influenciados, como eu disse antes, nas crianças é mais fácil de vermos isso e na maioria das vezes, eles nem sabem realmente os significados de tais comportamentos nos personagens. Mas quando somos mais velhos, a ideia é de que temos o pensamento crítico que nos possibilita analisar o que estamos vendo e responder. E nisso tudo somos alterados, falarei mais sobre mais para frente.

Outro elemento que pode ser considerado como um gênero do discurso são as fanfictions. Explicarei melhor elas na terceira temporada desse texto, mas de uma forma bem resumida, podemos dizer que as fanfics são textos elaborados pelos fãs, acerca de algum texto outro. Por exemplo, temos as fanfics baseadas em filmes, em livros, em desenhos animados, em seriados, em músicas e assim por diante. Então elas também são um gênero secundário, assim como os seriados.

¹⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=ueOqYebVhtc>

Como essa pesquisa é sobre a constituição da mulher no seriado *The Good Wife* e a maneira como o fã (co) responde a essa imagem, a seguir, apresento um pouco da história do seriado.

T1:E3 - “Era uma vez”: Sobre a narrativa em série

A televisão pode ser considerada como uma herdeira do rádio e que se aproveita do discurso *oral*, fazendo da palavra sua matéria prima principal (MACHADO, 2001, p.71) e é uma ferramenta para disseminação de informação, uma forma de se atingir um público mais específico coletivamente; ou seja, ao mesmo tempo em que se dirige a um específico, é transmitida a nível coletivo, abrangendo assim, o maior número de pessoas possível, sendo então uma grande influenciadora de opiniões. A televisão é “*uma janela para o mundo e também uma janela para o sujeito*” (HOINEF, 1995 *apud* PEREIRA, 2002; grifo meu), ela traz “informações sobre o mundo, modelos de comportamento, um guia prático cultural”. (PEREIRA, 2002). Mais do que isso, podemos perceber que a televisão também se aproveita de algo que Bakhtin chama de dialogia. O diálogo tem vez e voz nos programas televisivos, podendo ser visto nos mais variados formatos: na entrevista, no debate, na mesa redonda e mesmo no monólogo, pois este supõe a interação com um diretor oculto ou mesmo com o telespectador. Cruz (2011, p.5), falando acerca do que a mídia pode fazer:

Penso que as práticas discursivas produzidas pela mídia, são formas simbólicas, que veiculam noções existentes na sociedade, reproduzindo crenças, valores e identidades sociais, retratando alterações históricas, e contribuindo para a perpetuação ou transformação das relações sociais. Parto do pressuposto de que os contextos sociais são constitutivos da produção das formas simbólicas, e dos modos pelos quais essas formas são recebidas e entendidas, contribuindo também para as maneiras pelo qual elas serão interpretadas, recebidas e valorizadas.

Com isso em mente, a presente pesquisa, traz um pouco da maneira como se tem alguns gêneros do discurso falado para e sobre a mulher, visto que estas são uma parcela significativa da população que ainda estão no processo de lutar por reconhecimento, por serem mais incluídas no mundo. Ao serem representadas na televisão, seja por meio das novelas, das propagandas, de seriados ou filmes, isso reflete como a sociedade tem visto a mulher, e oferecem também a chance de se criarem olhares outros.

De maneira que a TV, as novelas, as revistas de histórias em quadrinhos, as revistas de maneira mais geral, os jornais, a internet, os jogos etc., cada qual com seu formato e espaço de recepção e interação trazem representações sobre as mulheres, os homens, a sociedade. Ainda hoje, é possível ver que as representações de mulher demonstram uma perspectiva de que ela seja “diabolizada ou santificada [...] de uma natureza sexuada selvagem, rebelde, má, cuja domesticação resultaria na imagem da ‘boa’, da ‘verdadeira’ mulher” (SWAIN, 2001, p.15-16).

A programação da televisão é organizada na forma de blocos, cujas programações podem ter durações diferenciadas de acordo com sua finalidade, ou seja, um determinado programa pode durar meses, anos, alguns até mesmo décadas, sob a forma de edições diárias, semanais ou mensais. E a isso, de acordo com Machado (2001) podemos chamar serialidade: essa apresentação descontínua e fragmentada; e falando especificamente das formas narrativas, há um enredo que é estruturado na forma de capítulos ou episódios. A isso chamamos de série que surge e acaba definindo o momento de transformação do panorama televisivo nos anos 1980. As narrativas seriadas não podem ser atribuídas à televisão, como sendo sua invenção. Já existia esse tipo de narrativa nas formas epistolares de literatura (cartas, sermões, etc.), nas narrativas míticas intermináveis (por exemplo, Mil e uma noites). Os folhetins eram um exemplo também, com suas publicações periódicas nos jornais; com o rádio vieram os radio dramas e as radionovelas.

Amigo leitor sabe aqueles episódios em “flashback” que vemos nos seriados ou mesmo em filmes? Com um fundo mais sombrio, às vezes até em preto e branco? Bom, essa próxima parte do capítulo/episódio será algo assim, veremos um pouco dos folhetins, das radionovelas bem como o primeiro seriado audiovisual.

O folhetim surge no início do século XIX, na França e era caracterizado por abranger diversos tipos de textos, dentre eles o romance-folhetim e ocupava um lugar específico no jornal: o rodapé e sua principal função era o entretenimento. Aos poucos, seu conteúdo foi renomeado: crítica teatral, resenha de livros; variedades e etc. Mas, a “grande sensação” veio com o romance-folhetim, em agosto de 1836 inicia-se a produção de histórias de ficção por partes.

O aparecimento de narrativas fragmentadas e com a fórmula “continua amanhã” tornou-se um hábito na sociedade francesa, fazendo com que a novidade e a necessidade de consumir tais histórias conduzissem a uma explosão de assinaturas dos jornais e à disputa acirrada pelos melhores folhetinistas. O efeito maior dessa novidade foi que a ficção

passou a ser apresentada por meio de romance-folhetim, ou seja, de forma seriada (CHAVES, 2007, p. 15).

Ainda de acordo com Chaves (2007) os principais elementos de um autêntico folhetim eram: suspense; luta entre o bem e o mal; personagens simples; diálogos vivos; temas emocionais, além da técnica e corte de capítulos e histórias envolventes. Alguns dos escritores que conhecemos hoje, começaram com os romances de folhetins: é o caso de Alexandre Dumas pai, Eugène Sue, entre outros.

Chaves (2007) nos conta ainda que na segunda metade do século XIX, surge outra variedade do folhetim, chamado *fait divers*, que continha relatos romanceados do cotidiano das pessoas: uma notícia é transformada em um registro melodramático e transmitida pelo jornal, concorrendo diretamente com os romances-folhetins. Em 1863, *Le Petit Journal* começa a vender de forma avulsa e a um baixo preço esses folhetins.

No Brasil, o primeiro jornal produzido foi o *Gazeta do Rio de Janeiro*, em 10 de setembro de 1808, e contava assuntos da Europa. Cresceu aos poucos, novos jornais começam a surgir, na Bahia e mesmo no Rio de Janeiro; de modo que eles conseguem certa liberdade de imprensa podendo relatar assuntos do cotidiano nacional. Mas são influenciados pelos jornais franceses e adotam os folhetins também. Em 1838, é publicado o romance de Alexandre Dumas: “Capitão Paulo” pelo *Jornal do Comércio*. Outros romances de Dumas são publicados; de Eugène Sue também e em 1843 surgem romances assinados por escritores brasileiros: “O Filho do Pescador” de Teixeira e Sousa, publicado na forma de folhetim em 1859, no periódico “*A Marmota*”. Em 1844, é publicado “A moreninha” de Joaquim Manoel de Macedo e a partir daí seguem as publicações brasileiras com textos de Manuel Antônio de Almeida, José de Alencar, Machado de Assis e assim por diante.

O crescimento do folhetim nacional traz uma nova espécie de narrativa: a “crônica: um texto capaz de falar tanto do cotidiano e dos acontecimentos atuais, como de temas corriqueiros e desnecessários” (CHAVES, 2007, p.20).

Em 1887, são detectadas as primeiras ondas de rádio por Henrich Rudolph Hertz; em 1894, Oliver Lodge realiza a primeira transmissão em código Morse e em 1896, Guglielmo Marconi faz uma demonstração de um de seus aparelhos de transmissão e recepção na Inglaterra. A primeira transmissão de voz humana só ocorre em 1906, em Nova Iorque, por experiência de dois cientistas: A. Fesseden e Ernest F. W. Alexanderson. O uso do rádio, nesse momento, estava restrito a alguns grupos

comerciais, militares e do governo, relacionadas com transmissão de informações confidenciais.

Quando o *Titanic* se choca com um *iceberg*, David Sarnoff, engenheiro de rádio da Companhia Marconi Americana, capta as mensagens recebidas no local do desastre.

Durante três dias e três noites manteve o público horrorizado e comovido com as notícias do acidente trágico (DEFLEUR; BALL-ROKEACH, 1993), chamando a atenção das pessoas que captavam as mensagens sonoras. Foram essas narrativas dramáticas de salvamentos em alto-mar que fizeram David Sarnoff idealizar o rádio doméstico. (CHAVES, 2007, p.22)

Surge então, uma “Caixinha de Música de Rádio”, que poderia ser colocada em cima da estante, das escrivaninhas, nas salas de casa, transmitindo palestras, músicas, notícias, eventos esportivos e etc. Após a Primeira Guerra Mundial, foi criado um transmissor que possibilitava a recepção doméstica e que permitiu surgir o rádio comercialmente e a partir daí se popularizou seu uso nas casas. Isso trouxe a necessidade de se ter uma sustentação econômica. Entre os programas do rádio, começa a transmissão de narrativas seriadas inspiradoras, sendo dramas curtos, com cerca de quinze minutos de duração. E é com essas narrativas que algumas empresas, criam histórias que divulgassem seus produtos para que as donas de casas viessem a comprá-los. A essas narrativas deu-se o nome de *soap* (ligada aos anunciantes, patrocinadores de sabão) e *opera* (ligado ao romantismo do gênero musical).

O romance de folhetim e a soap opera diferem nas histórias e mesmo na estrutura narrativa:

[...] não há o corte abrupto de capítulos, nem uma sequência narrativa que envolva suspense, emoção, ou um desfecho final. Na soap-opera norte-americana existia apenas um grupo de personagens morando num determinado lugar, onde ocorrem vários acontecimentos, vivendo diferentes dramas, sem existir uma trama principal e nem mesmo um fim. (CHAVES, 2007, p.25)

A junção entre soap opera, romance de folhetim e rádio, criou o que chamamos de radionovela. Em Cuba, a radionovela se inicia em 1935, em Havana; também eram patrocinadas, a princípio, por fábricas de sabão e assim passa a ser direcionada ao público feminino.

Foi tão grande o êxito das radionovelas cubanas, que elas cobriam quase todas as horas de transmissão, inclusive a programação que não continha o gênero, mas estava aparentada com ele; um exemplo era o programa *Guantanamera*, que narrava, musicalmente, fatos policiais de forma sensacionalista e melodramática (OROZ, 1999, p.25).

No Brasil, a primeira rádio é inaugurada em 1919: a Radio Clube do Pernambuco, mas oficialmente, apenas em 1923, a Radio Sociedade do Rio de Janeiro, com uma programação voltada para a educação e a cultura que foi considerada como a primeira emissora oficial de rádio do país. Mas era um produto caro, importado e até mesmo a energia elétrica era insuficiente, tanto é que seu funcionamento era restringido aos períodos da manhã e da tarde. Foi apenas quando começaram a surgir patrocinadores, do mesmo modo que nos Estados Unidos e em Cuba, que a rádio brasileira conseguiu ter maior amplitude no país.

No período da Segunda Guerra Mundial, há uma consolidação da rádio devido à procura por notícias, algumas das programações desse período são: “O boletim da Guerra” da Rádio Tupi e o “Repórter Esso”, da Rádio Nacional. Inspiradas nas *soap-opera* americanas, as rádios cubanas e argentinas, criam as narrativas melodramáticas, com o “tempero latino-americano” (CHAVES, 2007, p.30) e que acabam fazendo grande sucesso no país. Cuba, devido ao fato de não sofrer influência direta do Estado, como no México e também pelo seu grande número de emissoras; ficou como a produtora de radionovelas para a América Latina. A primeira radionovela exibida no Brasil foi em 1941, “Em busca da felicidade”:

[...] de Leandro Blanco, adaptada por Gilberto Martins, no horário de 10h30min, radiofonizada às segundas, quartas e sextas-feiras pela Rádio Nacional. Sucesso instantâneo na programação, ela foi transmitida em 284 capítulos até maio de 1943, sob patrocínio de Colgate-Palmolive, através da agência Standard Propaganda, que tornou a publicidade nacional da década de 30 em multinacional.

Escritores dramaturgos brasileiros também tem sua participação nesse mesmo ano, é o caso de Oduvaldo Vianna, que escreveu “A predestinada”, radiofonizada pela Rádio São Paulo e que teve um aumento considerável de audiência. Daí por diante, inúmeros outros sucessos surgem: “Renúncia”; “Fatalidade”, entre outros.

Podemos encontrar vários textos que contem muito mais sobre as radionovelas, mas esse não é nosso trabalho no momento. Gostaria de chamar sua atenção, querido leitor, para algo muito importante para o desenvolvimento das radionovelas: a sonoplastia. Tão importante quanto um texto bem escrito, que chamasse a atenção dos ouvintes, deveria ser o som. Se pensarmos bem, hoje, quando vamos ao cinema, a música do filme normalmente nos faz entrar no clima, não é mesmo? Aquelas músicas de suspense, que nos deixam tensos e ansiosos por saber o que vai acontecer, com os

olhos pregados na tela, o corpo travado. Ou ainda as músicas românticas e leves que nos deixam com breves sorrisos; ou o som das águas que pode nos acalmar. Enfim, extremamente importante é a música nesse trabalho de capturar nossa atenção.

O sonoplasta é aquele que estuda minuciosamente as relações entre música e vida. Cada detalhe do cenário, cada expressão, pode ser percebido, pois as sombras foram vestidas. Para isso, esse homem deve ser um verdadeiro conhecedor da psicologia, ter cultura musical, bom gosto e tato: “E o seu universo é o mesmo universo trevoso de onde Deus tirou tudo. Venham os cenários, venham os ruídos, os estados de alma, as sensações que só se transmitem traduzidas pela música.” Ele tem que possuir o espírito criador. Afinal, esse tom certo, o momento e a música escolhida são vitais, especialmente, para a radionovela. (CHAVES, 2007, p.35)

As radionovelas ficam bem presentes no cotidiano familiar e nacional, por evidenciar aspectos da vida e do dia a dia; suas tramas eram envolventes e assim ocupavam boa parte da programação das emissoras. Maria Elvira Bonavita Federico (1982) nos conta que, após o sucesso da primeira novela, elas alcançaram o horário nobre do rádio que iniciava às 17 horas, e que a Rádio Nacional, entre 1943 a 1955, irradiou cerca de 11.756 horas de radionovelas. “A narrativa variava de acordo com os horários: os de maior audiência eram entre as 20 e 21 horas, mas também entre 10 e 15 horas. Neles eram exibidas novelas românticas que garantiam maior fidelidade do público.” (BORELLI; MIRA, 1996, p.37).

Os seriados de TV remontam aos folhetins do século XIX, que eram publicações periódicas, cada capítulo em um dia diferente. Com o rádio, as histórias eram contadas em vários capítulos, e esses acontecimentos rápidos tinham a intenção de prender a atenção dos ouvintes, da mesma maneira que os folhetins faziam. Séries cinematográficas como *Fantômas* (1913), de Louis Feuillade, e *The Perils of Pauline* (1914), de Louis Gasnier, baseados no modelo de folhetins jornalísticos, deram a forma básica do gênero, em que “a trama continuava em outros capítulos, geralmente 12 ou 15, terminando cada um por um lance de suspense (*cliffhanger*), para forçar o espectador a assistir os subsequentes”. (MATTOS, 2010).

As séries como um produto de entretenimento se encaixavam com o perfil do cinema, no entanto, com a televisão, recebe um ambiente ainda melhor. Com o advento da televisão, os programas de rádio receberam versões para a TV, no entanto eram diferentes dos modelos atuais, pois eram sitcom (abreviação de *situation comedy*), normalmente gravadas em frente a uma plateia, ao vivo, com as histórias encenadas em

ambientes comuns, como com a família, grupo de amigos ou local de trabalho. Ainda hoje temos exemplos desse tipo de narrativa: *The Big Bang Theory*; *Two and a Half Man* e *Friends*.

O seriado no cinema nasce por volta de 1913, como resultado das mudanças no mercado de filmes. E isso porque nesse período, boa parte das salas de cinema eram os antigos nickelodeons, que exibiam filmes curtos, em que o público ainda tinha que ficar em pé ou em bancos de madeira sem encosto, o que acabava sendo desconfortável. Os longas-metragens, que começam a surgir nesse mesmo período, só podiam ser exibidos nos salões de cinema, estes mais confortáveis, mas também mais caros, embora não houvesse muitos. Então o filme em série surge como uma forma de atender à duas demandas, pois esses filmes tinham duração mais longa, podendo ser exibidos nos salões de cinema destinados à classe média, mas ao mesmo tempo, podiam ser exibidos no nickelodeons, com um público mais pobre. Do cinema mudo vieram séries como "What Happened to Mary?" (1912), da era de ouro das séries nasceram "Dick Tracy" (1938) e "Flash Gordon" (1936).

Quando a TV se popularizou, em meados dos anos 50, os seriados saíram das telas dos cinemas, para a casa das famílias americanas. A recepção da televisão, por ocorrer nos espaços domésticos, acaba concorrendo com os muitos afazeres dos telespectadores, de modo que a programação televisiva teve que ser repensada levando em consideração esse fator, de modo, que diferentemente do cinema, seus programas teriam uma duração menor, fazendo com que o telespectador pudesse dispor do seu tempo e afazeres para assistir algum programa.

A princípio a programação obteve sucesso com a exibição de programas como o "*The Texaco Star Theatre*", no entanto os críticos pressionavam para que houvesse uma maior continuidade narrativa, o que fomentou a procura de um formato que privilegiasse as articulações da história. (ESQUENAZI, 2011, p.19).

Nessa época surgem os precursores dos gêneros que viriam a dominar a produção de seriados televisivos: as séries *I Love Lucy* (sitcom) e *Dragnet* (policial). *I Love Lucy* era uma comédia filmada simultaneamente por três câmeras, produzida em um estúdio com a presença de uma plateia que acompanhava a encenação. Voltada para a família, a série estrelada por Lucille Ball foi adaptada do rádio para a TV, onde foi premiada e manteve altos índices de audiência. *Dragnet* narra o dia-a-dia do sargento John Friday e o acompanha enquanto ele tenta resolver os mais diversos casos. "*Dragnet* constituirá um exemplo a seguir pelas séries de aventura: narrativa precisa,

ritmo idêntico em todos os episódios e constituição de personagens recorrentes". (ESQUENAZI, 2011, p.21)

“Os seriados são **produtos culturais** com forte impacto social porque atingem um grande público no mundo inteiro e muitas vezes refletem a realidade política, social, econômica e ideológica de cada grupo” (OLIVEIRA, 2012)¹¹

Para esse trabalho, trago o seriado como uma forma de se falar um pouco do contexto social vivido historicamente. Isso porque, ao assistirmos um seriado, podemos perceber que mais do que apenas um programa para se passar o tempo, ele aborda questões éticas e presentes no dia a dia. Um exemplo disso é dado e analisado por Arlindo Machado em seu livro “A televisão levada a sério”.

O seriado *The Outer Limits*, por exemplo, é uma coletânea de histórias, diferentes entre si, mas que tem como plano de fundo o fato de que a terra (isto é, os E.U.A.) foi invadida por alienígenas. Seu enredo então consiste em descobrir o que deve ser feito para destruí-los ou devolvê-los aos seus territórios de origem. A análise de Machado traz que na verdade, essa série de maneira metafórica aborda o medo do cidadão comum norte-americano de um ataque externo, proveniente, sobretudo do mundo comunista, devido ao período da guerra fria. A série também faz referência a outro medo reprimido: o da própria televisão. Isso porque o surgimento de um meio novo provoca nos primeiros momentos, reações de pânico e incerteza, sendo exemplificadas com acontecimentos apocalípticos em que o mundo é dominado por esses meios. “*The Outer Limits* explora, não sem uma ponta de perversidade, as inquietudes geradas pela própria televisão” (MACHADO, 2001, p.90 - 91).

A própria abertura do programa traz uma imagem que começa a ser distorcida, desfocada e descentralizada, os controles de vertical e horizontal entram em colapso, e uma voz diz:

Não há nada de errado com seu aparelho de televisão. Não tente corrigir a imagem. Nós estamos controlando a transmissão. Nós vamos controlar a horizontal. Nós vamos controlar a vertical. Durante a próxima hora, sente-se calado e deixe que nós controlemos tudo o que você vai ver e ouvir. Você está prestes a experimentar o pavor e o mistério que se estende das profundezas da mente aos Limites do Exterior.¹²

¹¹ www.seriados-de-tv.info

¹² There is nothing wrong with your television set. Do not attempt to adjust the picture. We are controlling transmission. We will control the horizontal. We will control the vertical. For the next hour, sit quietly and we will control all you see and hear. You are about to experience the awe and mystery that reaches from the inner mind to the Outer Limits.

The Outer Limits é iniciada em 1963, e nesse período as transmissões de televisão ainda estavam em processamento, de maneira que a imagem ficava distorcida pelas mais variadas causas técnicas; então havia um locutor de plantão pronto para avisar que a emissora estava tendo problemas de transmissão, prometendo que o sinal seria restabelecido em pouco tempo. A série “tira proveito dessa precariedade técnica da televisão e a associa muito astuciosamente ao terror de uma sociedade dominada pela televisão” (MACHADO, 2001, p.91).

Nos anos seguintes, as séries passam por mudanças e inovações, trazendo outros aspectos como uma crônica social e até mesmo abrangendo pontos do cinema da época. Hoje, os seriados têm os mais variados temas e estilos – drama, musical, comédia, ficção científica, mistérios policiais e assim por diante. Uma das principais características dos seriados, que os diferencia dos filmes e das telenovelas, é o fato de que não há um tempo específico para sua duração, o que lhes possibilita ter várias temporadas, isso levando em conta o sucesso perante o público. A partir de 2000, é possível ver que as séries norte-americanas se multiplicaram e passaram por grandes renovações, sendo criadas e produzidas tendo em vistas uma maior segmentação do público, tornando-se uma tendência forte em termos de consumo televisual, não apenas no Brasil, mas no mundo inteiro.

Para cada unidade do seriado deu-se o nome de episódio; e de temporada ao conjunto de episódios exibidos durante o ano. Uma temporada pode conter entre 10 e 24 episódios em média, e, após exibidos, a produção entra em recesso, sendo retomada após alguns meses para realização dos novos episódios que compõem a nova temporada. Esse período sem a exibição de inéditos varia, em média, de 4 a 9 meses e é chamado comumente de *hiato*. Os episódios tem em média uma hora de duração, sendo cerca de 43 minutos de programa mais 17 minutos de intervalos comerciais. Nos canais fechados *premium*, em que não há intervalo comercial, a duração do episódio varia de 50 minutos a uma hora.

Umberto Eco (1994) fala sobre a serialidade e a repetição como se referindo à coisas que “[...] a primeira vista não parecem iguais a outras” e separa em gêneros como *retomada*, *decalque*, série e saga, suas caracterizações são diferenciadas a seguir:

Retomada - Um primeiro tipo de repetição é a retomada de um tema de sucesso, ou seja, uma continuação. O exemplo de retomada é o texto *Vinte anos depois*, de Alexandre Dumas; no campo cinematográfico, um exemplo de retomada são as diversas

versões de *Guerra nas Estrelas*, *Super Man*, *Batman* e assim por diante; nos seriados, um exemplo é *Arrested Development*.

Decalque - Conta novamente uma história de sucesso e pode dizer algo de diferente em relação à versão anterior ou às versões anteriores.

Série – a série diz respeito à estrutura narrativa. Nela é encontrada uma situação fixa e um número de personagens principais fixos, em torno deles gira os personagens secundários que podem variar, trazendo novos elementos para a série, mas ao mesmo tempo, mantendo a trama narrativa.

Saga - Difere da série, pois acompanha a evolução de uma família em um intervalo de tempo “histórico”. Pode se ocupar de uma só linhagem, ou pode tomar a forma de uma árvore (um patriarca e diferentes galhos referindo não apenas a uma linhagem, mas também a linhagens colaterais e suas famílias). Em sua estrutura é uma série disfarçada, pois seus personagens envelhecem, mudam, mas na realidade sua história se repete: luta pela riqueza e pelo poder, sucesso, decepção, ciúme.

Na série podemos encontrar três tipos de narrativas, de acordo com Machado (2000):

- **Teleológico** – um ou mais conflitos básico, que fará toda a trama se desenrolar para que se solucione o desequilíbrio causado pelo conflito. Normalmente, essa solução acontece nos capítulos finais. Alguns exemplos desse tipo de narrativa são: teledramas, telenovelas, algumas séries e minisséries.
- **Seriados** - cada episódio é uma história completa, com começo, meio e fim; sendo que nos capítulos seguintes se repetem os personagens e a situação narrativa. Nesse tipo, os acontecimentos de um episódio, não interferirão necessariamente nos seguintes. Alguns exemplos: *Malu Mulher* (1979-1981) e alguns programas humorísticos do tipo *Monty Python's Flying Circus* (1969-1974); *South Park* (1998)
- **Séries** - Nesse apenas o espírito geral da história ou a temática é mantido; aqui não necessariamente se repetirão os personagens, nem os atores, cenários, enredos e em alguns casos, até mesmo diretores e roteiristas são diferentes.

Assim a serialidade não é dependente do enredo como um todo, mas pode nascer a partir de um de seus aspectos. Por exemplo, uma série que trata dos problemas da mulher na atualidade pode gerar outra que trate especificamente da violência contra a mulher.

Ao analisar a serialização é possível observar que existe certa “estética da repetição” na construção dessas narrativas; no entanto não devemos pensar na repetição

como algo negativo na obra. Colonna (2010, p.36) aponta que a série “[...] repousa na repetição: retorno de personagens, temas e de situações [...]”. Apesar dessas repetições estruturais, ainda existe uma novidade. E outro fator importante para se levar em consideração é que essa repetição narrativa faz com que o telespectador se sinta como um coautor, sentido de que, ele consegue prever o que acontecerá a seguir e assim por diante. Pensando nos elementos do gênero do discurso, podemos compreender que o tema é algo relativamente estável e isso na série é visto com os personagens. Melhor explicando, cada personagem que aparece, ao se tornar um pouco mais recorrente na série, adquire novas funções; ao entrar ele é tema, mas conforme a série passa e ele reaparece, ele se torna uma significação, quer um exemplo? Will Gardner, o chefe de Alicia. Quando o conhecemos pela primeira vez, ele é apenas o chefe, aos poucos vemos que ele muda; de chefe, descobrimos que ele tinha uma queda por ela na época da faculdade, e que isso ainda não mudou muito. Ele tem várias “namoradas”, mas ainda é apaixonado por Alicia; e ele declara isso logo no primeiro episódio da segunda temporada, ao ligar para ela para que tenham um relacionamento, e ela pede um plano e ele diz “quer saber [...] quer saber o meu plano? Meu plano é eu amo você, ouviu? Eu acho que amo você desde os tempos de Georgetown. Então me ligue [...]”. Eli Gold apaga a mensagem e ela fica sem saber, o que torna o ambiente de trabalho nos primeiros dias após isso um pouco tensos, mas depois eles acabam se entregando um ao outro e isso dura pouco. Na quinta temporada Will morre. E isso para nós, fãs, que desde o começo amávamos ver os dois juntos, foi algo impactante e muito entristecedor; nas fanfics, vemos que um dos temas recorrentes é o do amor explicarei isso mais para a frente, mas aqui cabe trazer uma breve amostra:

Alicia desligou o computador pensando em como as fanfics estavam certas sobre eles, de uma forma ou de outra. Eles se amavam, mereciam uma segunda chance, mas talvez tivessem realmente perdido o tempo certo. Tudo o que restou, foi uma única noite de loucura. (CARISSINHA, 2011)

Conforme a série continuou, nós ainda esperávamos que eles fossem um casal com final feliz, mas já podíamos entender que talvez seu tempo tivesse passado. Após a morte de Will, Alicia tem um caso rápido com outro homem, e na sétima encontra alguém que poderia ser seu par ideal, como a série ainda não está finalizada nesse momento, não sabemos o que acontecerá.

Will mesmo morto, ainda fica em nossas mentes como o par certo de Alicia. Acabamos aceitando que ela não fique junto para sempre com ele, pois ele morreu, mas

ele ainda é um parâmetro de par ideal. Ao conversar com outros fãs da série, algo recorrente é “nunca vou me conformar com a morte de Will, ele era perfeito para ela”. Will era um tema, mas com o tempo, ele tornou-se significado.

A estética da repetição é algo que não acontece só com os filmes ou séries, mas também pode ser visto na literatura:

O atrativo do livro, o sentimento de apaziguamento, de amplidão psicológica que ele é capaz de conferir, provém do fato que os leitores, instalados em uma boa poltrona ou em uma cabine de trem, reencontram continuamente, ponto por ponto, aquilo que eles já conhecem e querem saber mais, é por isso que eles compraram o livro. Eles tiram prazer da ausência de história, (...) a distração consiste na refutação da existência de uma sucessão de acontecimentos, na retirada da tensão do passado-presente-futuro em proveito da concentração sobre um instante, que amam precisamente porque é recorrente. (ECO, 1994 *apud* MOTTER; MUNGIOLI, 2006)

No final dos anos 1950 e início dos 1960, surge então a internet, projeto de uma pesquisa militar, sendo uma resposta do governo norte-americano ao lançamento do Sputnik da União Soviética (URSS), atualmente a Rússia. Do seu surgimento até os dias atuais, a internet passou por diversas mudanças, o próprio computador sofreu mudanças drásticas da sua forma original. A internet possibilitou acesso a informações que antes não eram acessíveis, ela permitiu que se tivesse contato com outras pessoas, com outros países, com outras culturas; facilita esse contato e a troca de dados.

Apesar do medo que sentimos com o surgimento de novas tecnologias, acabamos nos adequando e adaptando a elas. O computador e a internet se popularizaram, estando presentes nas casas dos cidadãos da mesma maneira que a televisão, e isso fez com que uma nova distração surgisse, pois ao mesmo tempo em que se está assistindo televisão, dá para usar o computador, o celular, *tablets*. E nisso surge um novo fator, pois a mesma programação da televisão está sendo disponibilizada na internet; facilitando que a pessoa possa ter acesso em qualquer horário e lugar ao seu programa, diferentemente da televisão, que faz com que você tenha horários fixos para assistir as programações.

Nessa pesquisa não entrarei no mérito da questão da televisão buscar maneiras de manter um contato maior com seus telespectadores, utilizando a internet como uma ferramenta para melhor divulgação e contato dos telespectadores com suas programações. Mas já em 1983, o cientista político Ithiel de Sola Pool, em seu livro *Technologies of Freedom*, escrevia sobre o desaparecimento das fronteiras entre os meios de comunicação. Num período que cada mídia tinha sua própria e distinta função

e mercado, Pool dizia que futuramente haveria um único meio físico que levaria o conteúdo que antes era distribuído separadamente; afirmando também que o processo contrário seria igualmente possível, ao haver um mesmo conteúdo transportado por diversos meios de comunicação. (JENKINS, 2009). Isso aconteceu, e pode ser visto nos dias atuais, por exemplo, através da distribuição e acesso ao mesmo conteúdo, mas com diferentes abordagens e linguagem, pelas mais diversas plataformas midiáticas como o cinema, televisão, revistas, jornais, internet, games, entre outros.

Aqui então surge o fenômeno da cultura de fã ou então cultura participativa que explicarei melhor mais para frente no trabalho.

T1:E4 – A indústria cultural

Quando falamos de cinema e de televisão, algo que vem imediatamente à mente é a indústria cultural, de maneira que fica difícil falar desses temas sem falarmos um pouco dela. Então, vamos nos reportar a Horkheimer e Adorno (2002, p.169) que apontam que “Filmes, rádio e semanários constituem um sistema. Cada setor se harmoniza em si e todos entre si. As manifestações estéticas, mesmo a dos antagonistas políticos, celebram da mesma forma o elogio do ritmo do aço”. Não vou entrar aqui no mérito da questão dos lucros monetários que um diretor, os atores e o estúdio recebem por sua produção. Entendo que isso seja um dos aspectos desse tema, mas não é algo que necessitaremos para esse texto.

Algo que transparece da indústria cultural é o fato de demonstrar que as tendências sociais são manipuláveis. É o caso do exemplo dado no próprio texto de Horkheimer e Adorno sobre “distinções enfáticas entre filmes de classe A e B [...] reduzidos a material estatístico, os consumidores são divididos em grupos de rendas, em campos vermelhos, verdes e azuis” (2002, p.172). Ou então

A esquematização do procedimento aparece em os produtos mecanicamente diferenciados revelarem-se, afinal de contas, como sempre iguais. Que a diferença entre a série Chrysler e da General Motors seja substancialmente ilusória disso sabem até as crianças "vidradas" por elas. (p.173)

No entanto, sabemos e vivenciamos no nosso cotidiano a influência que tanto o cinema quanto a televisão tem em nós, e isso eu explicarei um pouco melhor na temporada seguinte; mas veja que na série *The Good Wife*, as roupas usadas pela personagem servem de modelo inclusive para a primeira dama dos Estados Unidos.

Mostrando assim que a indústria editorial, a moda, a decoração, o turismo enfim, são alguns dos outros que se beneficiam da indústria televisiva e cinematográfica.

Figura 4: A primeira dama, Michelle Obama usa o mesmo modelo de roupa usada por Alicia Florrick



Fonte: Vicio em séries de TV¹³

É interessante a reflexão deles sobre o tema quando eles dizem que

O mundo inteiro passou pelo crivo da indústria cultural. A velha experiência do espectador cinematográfico para quem a rua lá de fora parece a continuação do espetáculo acabado de ver - pois que este quer precisamente reproduzir de modo exato o mundo perceptivo de todo dia - tornou-se o critério da produção. Quanto mais densa e integral a duplicação dos objetos empíricos por parte de suas técnicas, tanto mais fácil fazer crer que o mundo de fora é o simples prolongamento daquele que se acaba de ver no cinema. Desde a brusca introdução da trilha sonora o processo de reprodução mecânica passou inteiramente ao serviço desse desígnio. A vida, tendencialmente, não deve mais poder se distinguir do filme. (p.173)

A sensação que nos desperta o assistir a um filme, ou a um seriado de televisão nos faz ansiar por algo que não sabíamos querer. Para os dois filósofos, a televisão e a indústria cultural “levam adiante a tendência daquela, no sentido de cercar e capturar a consciência do público por todos os lados” e que esse controle é obtido por meio de repetições que contribuem para a manutenção de modelos de comportamentos e isso porque as pessoas buscam encontrar uma maneira de colocar em ordem o mundo caótico que se vive (ADORNO, in: COHN, 1987, p. 246).

E, por falarmos em indústria cultural, é interessante pensarmos um pouco sobre a cultura de massa, visto que ela nos fornece produtos que permitam facilidade de entendimento e que normalmente são transmitidos pelos meios de comunicação de massa: o cinema, a televisão, rádio e assim por diante.

¹³ <http://vicioemseriesdetv.com/2015/05/19/the-good-wife-alicia-florrick/3/>

Pensando dessa forma os seriados poderiam ser considerados como uma manifestação da cultura de massa, pois em sua maioria nos são fáceis de compreender. Embora mostrem realidades e costumes de outros países que não o Brasil, ainda assim são um fenômeno que nos dão acesso a essas outras culturas, de maneira compreensível.

Considero que essas duas correntes de pensamento teórico são importantes e válidas, no entanto, para essa pesquisa, como já disse anteriormente, penso que compreender a indústria cultural e a cultura de massa como dizem Silva e Oliveira (2014) como alienantes e que tornam o indivíduo em alguém não pensante e que não é capaz de formar opiniões próprias acerca de si diante da sociedade, é desvalorizar o ser humano e é tirar-lhe seu não-álibi no existir, é arrancar a responsividade e torná-lo um vazio.

O gênero do discurso bakhtiniano nos permite compreender a materialidade do discurso, que há dialogia entre o texto escrito e o texto falado, aqui exemplificados por meio da fanfic (escrita) e da série (falado + imagético); vida e arte estão conectados.

2ª TEMPORADA

Título: A Constituição da Mulher no Seriado *The Good Wife* – dialogia no seriado e na fanfic

Autor: Ana Luzia Chavez Gomes

Categoria: Dissertação

Advertência: Spoiler de vários fatos importantes que ocorrem na série ao longo das seis temporadas.

Classificação: PG

Temporadas: 3

Completa – Em andamento

T2:E1 - SOBRE CONSTITUIÇÃO: o ser inacabado

Imagens transmitem ideias que influenciam a cultura compartilhada por uma sociedade. Elas não meramente representam um objeto, pessoa ou evento que ilustram, mas trazem também significados mais profundos, nem sempre identificados facilmente. Imagens criam discursos e propagam mitos. (BREDEK, 2013, p. 12)

Nesse capítulo, apresento a questão da constituição de sujeito, a fim de que possamos compreender que o significado que damos para pessoas, objetos, situações, enfim, são sentidos socialmente construídos. Dessa forma, a mulher apresentada no cinema, na novela, na propaganda de revista/jornal, na internet, na televisão, mais especificamente no seriado, não quer dizer que é uma mulher acabada, totalmente definida, que não passará por mudanças, sejam elas físicas, emocionais ou psicológicas. Isso porque todo ser humano está em construção, inacabado; está sendo construído e está construindo outros.

Assim, temos que o sujeito e o social são mutuamente constituídos e constituintes, e o processo de significação envolve suas manifestações, expressões, sentimentos e emoções, afeições; então, o próprio corpo, ações, consciência de mundo e de vida, seu existir e experiências são permeados pelos processos de produção da significação. A significação ocorre nessa relação do eu com o outro e é também mediada pela palavra, que é o signo produzido nessa relação e gera transformações nas atividades, nos sujeitos e isso afeta as práticas sociais. Então, podemos entender que a significação é uma atividade humana que surge das relações.

Quanto ao signo, este é um construto social, também a partir das relações humanas, e que ocasiona mudanças na organização social; pois que é determinado pelas formas de interação social, que são historicamente constituídas variando com as leis econômicas e sociais; ao mesmo tempo em que é determinado pela realidade, o signo organiza essa realidade de acordo com certo ponto de vista valorativo e com o contexto da interação, ambos determinados socialmente. Aqui entendemos social como algo historicamente estipulado em relação às diferentes formas de produção material, e de organização cultural. (PONZIO, 1998).

Surgem então os discursos, que são os produtos das relações do indivíduo consigo e com os outros. O sujeito emprega em seu discurso o histórico e o ideológico das relações que estabelece, ou seja, a história de sua atuação no mundo. É nessa relação

entre mundo e homem habitado pelo signo e ideologicamente marcado pelas estruturas sociais que os sujeitos se constituem. É nessa relação que se cria a possibilidade de diálogo e na perspectiva do diálogo há sempre um movimento de ida e vinda que cria a possibilidade de modificação recíproca. O diálogo, na concepção baktiniana, não se limita apenas à comunicação entre pessoas colocadas face a face, mas envolve todo o processo de comunicação: verbal (falado ou escrito) e não verbal.

O discurso não é uniforme, mas sim um espaço marcado pela heterogeneidade de “diversas vozes”, vindas de outros discursos; o sujeito traz consigo todas as vozes que o antecederam, um mundo que já existe, mas que é compreendido diferentemente. A linguagem está sempre em movimento, sempre inacabada, susceptível de renovação pela dependência da compreensão que acontece no diálogo, e se constitui a singularidade.

Voloshinov e Bakhtin (1993) apresentam a linguagem não como um dom divino ou mesmo um presente da natureza, mas antes de tudo, um produto da atividade humana coletiva, que aborda, em todos os seus elementos, a organização tanto econômica quanto sociopolítica da sociedade que a produziu. A comunicação verbal sempre esteve inerente às situações reais da vida e às ações do homem.

A sociedade cresce sendo moldada pelos mais diversos mecanismos e a mídia televisiva, imagética é uma delas. São criadas formas de apresentação de cada segmento, por exemplo, a mulher, até pouco tempo atrás, tinha que ficar em casa, cozinhar, criar os filhos, ficar a espera que o marido regressasse ao lar. Houve mulheres que romperam com esse paradigma, com essa tradição, no entanto, embora hoje já não seja assim, pois ela também trabalha, estuda, tem uma participação mais ativa na sociedade, entretanto, ainda existem aquelas que não conseguiram ou não querem escapar dessa situação.

Geraldi que aponta que para uma construção de mundo, ninguém parte do nada, ou seja, é preciso pensar que atuam outros seres com os quais compartilhamos a vida; mas somos nós que “lhe damos sentidos, *jamais dados, jamais acabados, jamais prontos, jamais definidos*” (2013, p.7; grifo meu).

Dessa forma, o signo faz parte da realidade social, refletindo e refratando, assim como a ideologia, que também não pode ser vista fora do contexto social, pois ela é parte da dinâmica social, e até podemos dizer da constituição da consciência. Voloshinov (apud PONZIO, 1998, p. 107) fala que ideologia é “todo o conjunto de reflexões e interpretações da realidade social e natural que tem lugar na cabeça do

homem e que se expressa por meio de palavras ou outras formas sígnicas”. O signo é uma arena onde se dão as lutas de classes, em que a mente é provocada pelos confrontos ideológicos. Bakhtin (2006, p. 88) afirma que a palavra é um signo ideológico, pois que “*a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial*”; de maneira que os processos de significação estão vinculados à interação de vozes, de perspectivas ideológicas, posições sociais, à arena de disputa, muitas vezes desigual e contraditória da sociedade.

Uma imagem, uma palavra, um signo, se não tiver um contexto, não poderá ser entendido ou compreendido. Para Bakhtin essa significação acontece na relação com o outro, no diálogo, que existiu e que existe e permanecerá quando nos formos e nem mais lembrança houver.

Isto significa que também este mundo cheio de sentidos que herdamos, o peso do passado que carregamos, é passado sempre revisitado, sempre ressignificado. Os fatos (como os elementos da natureza) não se modificam por si: são modificados pelo presente que lhes dá novas interpretações e novos sentidos (e novos usos). (GERALDI, 2013, p.8)

Aqui reitero as palavras de Geraldi (2013, p. 7) “*de sentidos jamais dados, jamais acabados, jamais prontos, jamais definidos*”; em conjunto com as palavras de Hall (1997) de que nenhuma interpretação produz um momento final *de verdade absoluta*, antes, pelo contrário, outras interpretações se seguem as primeiras, em um ciclo sem fim (grifo meu).

Ao analisarmos as literaturas disponíveis sobre o sujeito, vemos algumas correntes teóricas que o colocam como individualista - representado pela fenomenologia e pelo interacionismo simbólico; temos também o sujeito assujeitado que, de acordo com a perspectiva estruturalista, pode ser assujeitado pela estrutura social, pela estrutura linguística e pela estrutura do inconsciente. No entanto, esses dois sujeitos são deveras inadequados, no sentido de que podem ser considerados seres nulos, pois não tem uma atitude, uma responsabilidade diante do existir. É nisso que Bakhtin é fantástico ao trazer que o sujeito é alguém em construção, que se modifica diariamente, é alguém que (co) responde, que tem atitude, postura, responsabilidade.

O ser humano é único e singular, insubstituível e peculiar no existir e se relacionar com os demais. Não falo de algo egoísta e indiferente para com os outros; mas da singularidade não indiferente, em que não nos encarceramos em nós mesmos e nossos próprios pesares, mas sim de um lugar único no mundo, aberta à “alteridade

consigo própria e com os outros, uma singularidade em ligação com a vida do universo inteiro, que inclui em sua finitude o sentido do infinito” (PONZIO, 2012, p.14). Bakhtin (2012) fala de sujeito responsável/ responsivo que tem um “não-álibi no ser”, o eu na relação com o outro, numa não indiferença com o outro genérico, mas sim na relação concreta com o outro, por exemplo, o vizinho, o companheiro. Aqui nessa pesquisa, o outro é um outro do seriado, é a advogada que supera barreiras da sociedade e de si própria para poder alcançar outros lugares na vida; são os personagens que aparecem de vez em quando e nos despertam sentimentos variados, é a investigadora misteriosa, da qual não chegamos a saber muitas coisas, é o padrão encantado e ainda enamorado pela namorada de sua juventude, é a chefe super poderosa e segura de seu lugar no mundo, enfim, são vários *outros* para dialogarmos e para sermos alterados.

O sujeito deixa de ser o centro da interlocução que passa a estar não mais no *eu* nem no *tu*, mas no espaço criado entre ambos, ou seja, no texto. Descentrado, o sujeito divide-se, cinde-se, torna-se um efeito de linguagem, e sua dualidade encaminha a investigação para uma teoria dialógica da enunciação (BARROS, 2003, p. 3).

O individuo é socialmente constituído não porque está submetido às diversas instituições sociais, mas porque se inscreve numa relação de mão dupla com elas e com outros indivíduos. Assim pensar o sujeito como alguém que está sempre em relação com outro, somos então levados a refletir sobre a questão da alteridade que é a constituição do sujeito que se dá na e pelas relações sociais pelas mediações na linguagem no campo das relações intersubjetivas.

Algo importante a ser considerado é a questão da ética e da estética em Bakhtin, pois são dois pontos que se inter-relacionam e que estão bem presentes ao pensarmos no seriado e na fanfic e sua relação com a vida.

Quando pensamos a estética, imaginamos em primeiro lugar, obras de arte, algo que seja bonito, ou não; quadros; esculturas; museus; filmes; fotografias; enfim, todas essas coisas. Mas em Bakhtin aprendemos que a estética é algo vivenciado, que pressupõe um acabamento inacabado. Ou seja, ele encerra um determinado momento, embora continue existindo. A própria vida é feita de pequenos acabamentos; o próprio ato de viver é um ato ético-estético, em que somos os heróis de nossa própria existência. Há um acabamento inacabado, pois, nas palavras de Bakhtin (1997, p. 33):

Se eu mesmo sou um ser acabado e se o acontecimento é algo acabado, não posso nem viver nem agir: para viver, devo estar inacabado, aberto para mim mesmo — pelo menos no que constitui o essencial da minha vida —, devo ser para mim mesmo um valor ainda porvir, devo não coincidir com a minha própria atualidade.

O ato estético é um ato que necessita de dois participantes, de duas consciências, que não são a mesma; a interpretação do homem sobre si mesmo, não é estético, mas o que o outro diz desse mesmo homem, isso sim é estético.

Quando estamos diante da tela do cinema, ou da televisão, ou de um livro, uma poesia, uma música, ao conversarmos com alguém levamos a nossa contrapalavra; não chegamos vazios e desprovidos para lugar algum. Nossa humanidade, nossa visão de mundo, nossas interpretações sobre, nos acompanham e ao ouvirmos o outro, travamos um embate, nos alteramos; damos às suas palavras, o nosso mundo, e nesse encontro são construídos novos sentidos.

As experiências de vida que adquirimos trazem uma consciência do outro, uma consciência de nós mesmos e cria memórias, coletivas, dialógicas, discursivas, polissêmicas, polifônicas.

Essas experiências (re)constróem memórias (futuro, presente e passado) e modos de conviver com o inusitado, de reinventar paisagens e sonhos, de definir atos responsáveis que orientam processos de constituição da subjetividade. O sujeito vê a si mesmo e o outro e a situação em que ambos vivem - sempre em acabamentos provisórios, a partir dos quais vão se constituindo na sua incompletude. As experiências vividas são momentos constituintes da vida do sujeito - que é vivida dramaticamente - e compõem o drama que o constitui (MOLON, 2011).

Bakhtin apresenta a alteridade e o princípio da dialogia, que implica o encontro e as vozes em um espaço e um tempo social e histórico. Para ele, é o sujeito situado, tendo sempre presente sua situação social e histórica concreta (SOBRAL, 2008).

O dialogismo cria uma ruptura na visão do sujeito “assujeitado”, que não tem postura, que simplesmente aceita tudo o que é dito como final. Ele traz o sujeito como sendo constituído nas práticas sociais, sendo condicionado por elas, mas ao mesmo tempo, capaz de fazer as próprias escolhas, de intervir na realidade.

A alteridade traz a ideia de um sujeito inacabado, que é constituído na relação com o outro, dessa forma, a consciência de “eu” se torna possível ao olhar a si mesmo, pelos olhos do outro. Como diz Bakhtin no texto *Estética da Criação Verbal*:

[...] na vida, agimos assim, julgando-nos do ponto de vista dos outros, tentando compreender, levar em conta o que é transcendente à nossa própria consciência: assim, levamos em conta o valor conferido ao nosso aspecto em função da impressão que ele pode causar em outrem [...] Na vida, depois de vermos a nós mesmos pelos olhos do outro, sempre regressamos a nós mesmos; e o acontecimento último, aquele

que parece-nos resumir o todo, realiza-se sempre nas categorias de nossa própria vida (1997, p. 35-37).

Pensar a dialogia ou a alteridade na relação eu e o outro, parece simples quando pensamos no sentido de duas pessoas conversando. Ao conversamos, mais do que qualquer coisa, todos os discursos que crescemos ouvindo e aprendendo nos acompanham, falamos de coisas que já conhecemos ou de que ouvimos falar, repetimos informações que já temos, mas já não é mais apenas a nossa palavra. Falamos de coisas que já foram ditas antes, foram desacreditadas, contestadas, avaliadas, consolidadas e damos novas significações. A alteridade parece simples também, afinal, nessa mesma conversa com o outro, podemos ver que algo que ele diz pode nos fazer mudar de ideia sobre determinado tema. Podemos concordar com o que ele diz, ou acharmos revoltante e nos irarmos. Nesse momento fomos alterados.

No entanto, mais do que essa alteridade tão perceptível, temos a alteridade que se dá no silêncio, na observação e do qual não nos apercebemos. Passamos boa parte do nosso tempo livre em frente a uma tela, seja a do computador, ou a da televisão, as imagens que nos são transmitidas por essas mídias ficam gravadas em nossas mentes, elas nos ajudam a construir a memória de mundo; por meio delas, passamos a compreender acontecimentos históricos passados, podemos pensar em como o mundo será daqui a alguns anos e assim por diante. Não vou generalizar e dizer que “todo mundo” passa tanto tempo na frente das telas, existem pessoas que não o fazem, que se ocupam de outras maneiras. O tempo que ficamos diante dessas telas é tanto, que por vezes nos tornamos quase espectros de homens, conseguimos conversar com inúmeras pessoas online, mas ao sairmos para um local público não sabemos como conversar ou mesmo como reagir diante de tantas pessoas reais. O virtual leva boa parte da nossa vida. E nisso estamos sendo alterados, e isso não é um processo que vemos e dizemos “fui alterado”.

A televisão permite dar às pessoas modelos de reação diante da vida, ela cria padrões de comportamentos. Ao dizer que algo é normal, vemos que no dia a dia, isso se torna normal. Se ela mostra certo produto como sendo fundamental para a vida, começará uma busca gigantesca pela aquisição desse produto. “Mais do que nunca, em torno da tecnologia, mercados são desenvolvidos, poderes são distribuídos, nossa compreensão sobre o que é corpo, o homem, a sociedade e o mundo é reformulada.” (BAIO, 2012, p. 6).

Nessa pesquisa não compartilho da afirmação de Porto (2011), quando ela diz que a televisão produz “sujeitos inertes”, no sentido de que o sujeito observa passivo o que assiste, embora não generalizando.

O consumo demasiado de imagem por muitas vezes podem nos tornar passivos diante de alguns acontecimentos, a televisão nos deixa anestesiados diante dos problemas sociais, das tragédias e de todas as mazelas do mundo expostas em programas, telejornais e filmes (PORTO, 2011, p. 4-5).

Discordo dessa afirmação, pois como vimos anteriormente, somos alterados na relação, no contato com o outro. E aqui estou apresentando a televisão como nosso Outro. Ainda que possamos parecer passivos, na verdade, cada pequena imagem, cada palavra, cada notícia reportada, são acontecimentos singulares que nos modificam, transformando e transmutando quem somos. Estamos em constante e ininterrupta construção, estamos sendo constituídos por meio dessas imagens, dessas palavras.

Quando assistimos TV, temos os jornais que nos informam os últimos acontecimentos, temos as novelas, que trazem temas atuais em pauta e assim por diante. A um só tempo, ela cria, preserva e transmite as informações. Por isso que ao analisar um seriado de televisão, temos todos esses pontos sendo abordados, porque a série traz elementos de situações que são vivenciadas no dia a dia, é claro que da forma mais romantizada possível, porque embora sejam fatos que acontecem na vida real, não é do mesmo jeito que na série. Mas ela traz fatos reais, que são possíveis de serem vividos; ela nos deixa a par de situações que estejam sendo discutidas no momento, por exemplo, a questão da inserção e aceitação dos homossexuais, mais recentemente temos os transexuais aparecendo um pouco mais. São questões que existem desde sempre, mas que nem sempre estiveram em pauta. Vemos as questões da inserção feminina no mercado de trabalho, nas universidades; assim como do negro também. Cada momento histórico vivido é retratado na televisão, no intuito não apenas de uma memória de mundo, mas também de uma forma a permitir que as pessoas ajam em frente aos acontecimentos da vida.

Enquanto uma memória de mundo, o seriado analisado traz, no quesito que me propus analisar, a questão da constituição da mulher; a saída da mulher do perfil “dona de casa” e, portanto, alguém que obedece sem questionamento o homem, seja ele o pai ou o marido; que começa a enfrentar a vida de outra maneira. A personagem Alicia, não é apresentada a idade dela, mas percebe-se que ela não é mais tão jovem; provavelmente esteja perto dos seus 40 anos; ela sofre uma traição por parte do marido, que é uma

figura pública e sendo acusado de usar dinheiro do governo para bancar suas traições, acaba sendo preso. Ela então tem que assumir o papel de sustentadora da família e correr atrás de um emprego. Ao estudarmos um pouco mais da história da mulher, podemos ver que é basicamente isso o que aconteceu conosco. Em um primeiro momento, o papel da mulher era apenas o de ser cuidadora do lar. Ela cozinha, passa roupa, cuida dos filhos, espera o marido com a janta pronta, acorda cedo para preparar sua marmitta para um longo dia de trabalho, cuida dos doentes e assim por diante.

Ao fazer uma pesquisa inicial para embasamento teórico desse trabalho, foram encontrados vários estudos no sentido de se entender um pouco, como a mídia tem representado a mulher, principalmente por meio de propagandas. Nessas, a mulher ainda é um objeto sexual, sendo assim vendida e manipulando a mente dos que assistem de que a mulher perfeita tem que estar dentro dos padrões daquela apresentada na TV. Em sua maioria, são loiras, com corpos perfeitamente esculpidos, altas, magras, se vestem de maneira provocante, a própria expressão facial é erotizada. Principalmente nas propagandas de cerveja que se vê isso; mas também em produtos de beleza, como maquiagem ou perfumes. Abaixo algumas ilustrações dessas propagandas, que trazem em si um pouco a frase de Foucault (2003) “*Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!*” (grifo meu)

Figura 5: Perfume "Fame" - Lady Gaga 2012



Fonte: NST Perfume¹⁴

Voltando um pouco no tempo, podemos encontrar propagandas de produtos eletrodomésticos, gravatas entre outros, com imagens que são uma agressão visual contra as mulheres. Veja:

¹⁴ <http://i.imgur.com/fClb7.jpg>

Figura 6: Gravatas Van Heusen - Anos 50



Fonte: Propagandas históricas¹⁵

Essa era a propaganda das gravatas Van Heusen, nos anos 1950: “Mostre para ela que o mundo é dos homens”. Essa imagem mostra que a mulher deveria ser submissa aos homens, porque, afinal, o mundo é deles. Outra propaganda que segue o mesmo estilo é a das calças Dracon, dos anos 1960, que diz que “é bom ter uma mulher perto de casa”, inclusive colocando a mulher sendo pisada pelo homem.

Figura 7: Calças Dracon - Anos 60



Fonte: Propagandas históricas¹⁶

¹⁵ <http://www.propagandashistoricas.com.br/2013/05/gravatas-van-heusen-anos-50.html>

¹⁶ <http://www.propagandashistoricas.com.br/2013/06/calças-dracon-machista-anos-60.html>

Outra propaganda, dos anos 1970, da Dash, tem duplo sentido, pois a frase “Homens, cheguei”, tanto poderia se referir à calça que a moça aparentemente nua segura, quanto à própria moça.

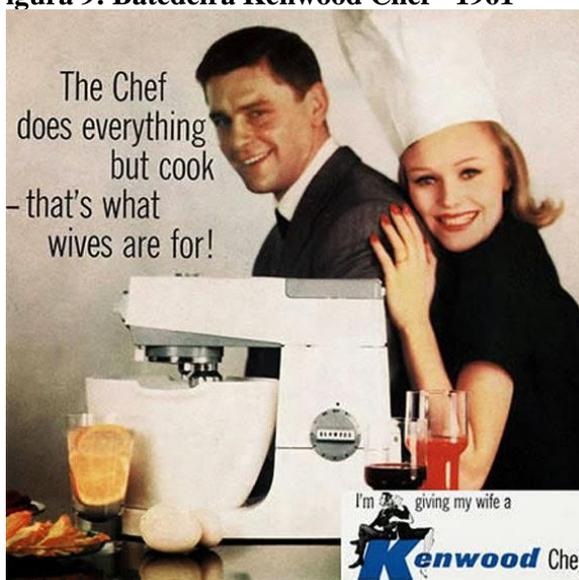
Figura 8: Calças Dash - Anos 70



Fonte: Propagandas Históricas¹⁷

Mais um exemplo, dessa vez com eletrodomésticos é a propaganda da Kenwood, de 1961, que dizia “O chef [a batedeira] faz tudo, menos cozinhar. É pra isso que existem as esposas”.

Figura 9: Batedeira Kenwood Chef - 1961



Fonte: Propagandas históricas¹⁸

¹⁷ <http://www.propagandashistoricas.com.br/2015/11/calças-dash-homens-cheguei-1970.html>

Nas propagandas de cerveja, além dessa figura da mulher como objeto sexual, ainda criam-se propagandas racistas e preconceituosas, como é o exemplo da figura:

Figura 10: Propaganda da Devassa 2013.



Fonte: Diário do Centro do Mundo.¹⁹

Com isso, é possível notar, que em um período que se acredita que o ser humano tenha progredido, esteja mais elucidado, que tenha rompido com as barreiras de anos atrás, de preconceitos, de racismo e etc. ainda encontram-se propagandas como a da Devassa acima, que reduz a mulher negra a “corpo”.

Na literatura pode ser encontrado um exemplo clássico com o texto de Shakespeare “A megera domada”, que no Brasil foi adaptada em uma novela “O cravo e a rosa”. Em que a mulher aparece como violenta, irascível, aborrecida com a vida e com as pessoas, mas que aos poucos é conquistada/domada pelo marido, se tornando assim, uma “boa” mulher, delicada, feminina, que responde aos comandos do cônjuge. A propaganda da Rede Globo para a novela é particularmente interessante, pois diz que “Ela era cheia de ideias feministas, até conhecer esse caipira”.

¹⁸ <http://www.propagandashistoricas.com.br/2014/01/batedeira-kenwood-chef-esposas-1961.html>

¹⁹ <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-verdadeiro-crime-da-propaganda-racista-da-cerveja-devassa/>

Figura 11: Propaganda da novela "O Cravo e a Rosa"



Fonte: Faces Femininas²⁰

Essa imagem faz com que se pense um pouco a forma como a mídia viu a ideia do feminismo e o passou adiante, como se para uma mulher ser feliz, ela tivesse que deixar seus ideais e conhecer o “amor” de um homem para ser plena e realizada.

Ao se prestar atenção às propagandas, aos produtos que se procura vender para as mulheres, e até mesmo programas de TV, é possível perceber que ainda se transmite o perfil aos receptores de relação a assuntos específicos, tais como: sedução e sexo, família, casamento, maternidade e futilidades. Ela é simplesmente uma consumidora, que faz girar a economia com os produtos que estão relacionados com a imagem “natural” dela: eletrodomésticos, móveis, produtos de limpeza, roupas, sapatos, maquiagem, produtos de maternidade, enfim. São poucas as mulheres que aparecem no âmbito político, e quando o fazem, sofrem críticas severas por suas roupas, penteado. Nas palavras de Swain (2001, p. 20):

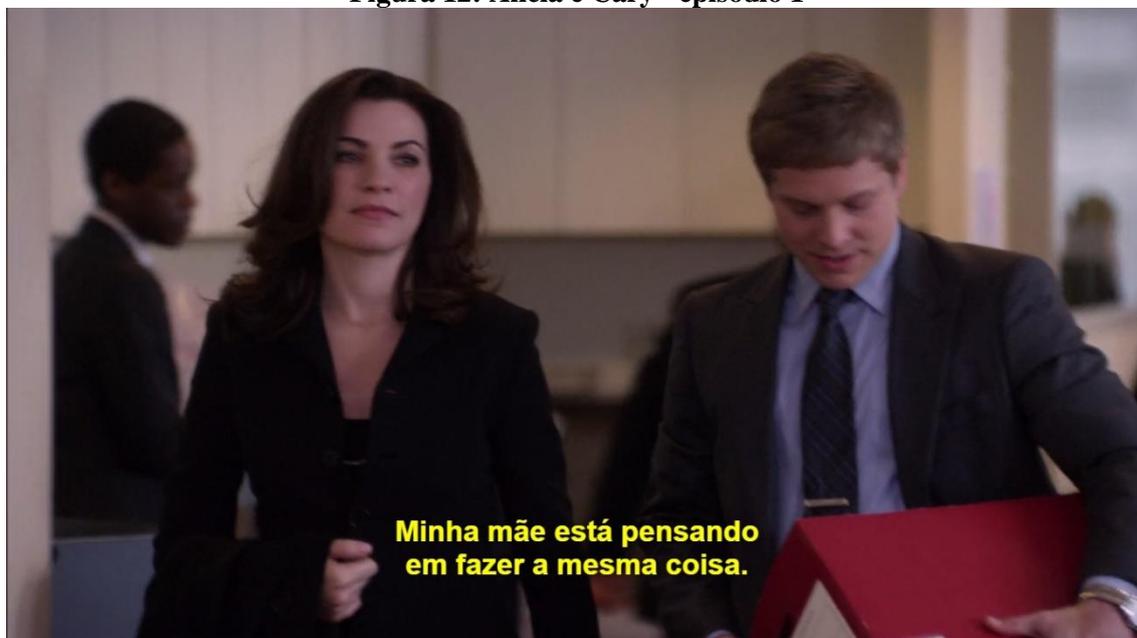
A ausência, nas revistas femininas, de debate político, de assuntos econômico-financeiros, das estratégias e objetivos sociais, das questões jurídicas e opinativas é extremamente expressiva quanto à participação presumida, à capacidade de discussão e criação, ao próprio nível intelectual das mulheres que as compram.

²⁰ <http://www.facesfemininas.com/wp-content/uploads/2013/08/o-cravo-e-rosa.jpg>

Com as mudanças houve uma mudança nesse perfil; a mulher saiu de casa, timidamente, e começou também a trabalhar fora. E aí surgem novos desafios.

Ao sair de casa para trabalhar, encontramos uma diversidade de outros problemas a serem enfrentados. Não basta a dificuldade que foi conseguir sair de casa, quando se chega ao trabalho, tem que ser enfrentado os preconceitos das pessoas; tem que passar por cima de atitudes desanimadoras e desmotivadoras. Na série esse momento é bem representado por uma cena, ainda no primeiro episódio em que Alicia descobre que ela está, na verdade, concorrendo por uma vaga de associado júnior, com um jovem, Cary Agos, este recém-formado e indiscutivelmente mais jovem do que ela; e ele diz que admirava o esforço dela em estar ali trabalhando e que também a mãe dele estava pensando em procurar trabalho. Pensando o contexto geral apresentado pela série, uma mulher mais velha entrando agora no mercado de trabalho, gerou no jovem, um estranhamento. A ponto de sua reação ser algo sarcástica e zombeteira, dizendo para ela, em outras palavras, que ela tinha idade para ser mãe dele. Nos dias atuais, quantas vezes não vemos essas reações? Embora esteja mais fácil de ver pessoas mais velhas envolvidas nos ambientes de trabalho, muitas vezes, quando algo dá errado, o comentário mais frequente, é que a pessoa já “tá velha”, então não escuta, ou não presta mais a mesma atenção.

Figura 12: Alicia e Cary - episódio 1



Fonte: Netflix

Nesse ponto paramos pra pensar a seguinte questão: sendo a televisão uma forma de memória de mundo, nesse seriado em particular, vemos a forma como a

mulher tem sido tratada ao longo do tempo, porque podemos dizer que essa forma de memória não é ligada a apresentar uma ou outra pessoa, na verdade, essa memória diz respeito a um determinado grupo de pessoas. Ela representa uma parcela da sociedade, mas podemos perceber que não é no sentido de uma manutenção do *status quo*, mas que ela nos traz a mente a forma como a mulher já foi tratada, retrata seu sofrimento para conseguir alcançar uma melhor aceitação. E faz com que possamos ver que é possível aceitar essas mudanças, viver com elas. Como foi dito por Almeida (2004, p. 271): “as imagens na televisão não se apresentam como simples evocação da realidade, mas principalmente desejam entranhar-se como presença no universo humano e fazer parte da vida social”. Essas imagens e signos que são colocados na televisão evocam mais do que uma comunicação com o telespectador, mas uma forma de ser como um contato real e presente na realidade, na vida concreta. Podemos pensar que a história apresentada na televisão, acaba sendo a história oficial, ou seja, a história que é contada pelos que estão no poder; e isso pode fazer com que nem sempre os fatos apresentados, sejam os mais reais possíveis, mas são idealizados de acordo com o poder. Essa narrativa é cronológica, ou ainda nas palavras de Almeida (1999, p.12):

[...] uma narração cronológica, que constrói e reconstrói constantemente mitos e histórias. Personagens reais e fictícios nascem, vivem e morrem em seus minutos de exibição. Aparecem em diferentes momentos e espaços de suas vidas. Expressam, em imagens e palavras, valores e mensagens diversas e participam, de diferentes maneiras, da grande construção mítica da sociedade contemporânea. Participam tanto da narração quanto mostram-se como figuras morais e modelares de virtudes e vícios. [...] Dessa linguagem, que expressa a realidade com signos da própria realidade, decorre a credibilidade quase total do espectador naquilo que vê as telas e que acredita ser real e verdade.

Nas novelas é interessante percebermos que, normalmente o foco principal são mulheres, sua busca pela felicidade e realização, principalmente a procura do amor, do “príncipe encantado”; e ao mesmo tempo, os temas que são abordados nas novelas procuram refletir as discussões e situações que estão ocorrendo na vida. Cada vez mais, vemos temas como a homossexualidade, as cotas, violências, emancipação feminina, entre outros, sendo abordados nas novelas.

A telenovela brasileira, considerada como produto da indústria cultural mais divulgado no exterior, sendo exibida em um grande número de países da Europa, Ásia e América, é também, na avaliação de estudiosos da comunicação e de outros campos do saber, uma forma de representação que retrata nossas características

socioculturais. Herdeira do folhetim do século XIX e da radionovela, tem se caracterizado por buscar, cada vez mais, a aproximação com temas sociais e políticos nacionais. Sem deixar de lado o conteúdo melodramático que garante o fascínio e a adesão do público aos heróis e heroínas e às tramas românticas, procura mesclar nessas tramas questões sociais e temas polêmicos para os quais a sociedade se volta na atualidade. Assim a ficção se constrói num diálogo e numa interação constantes com a realidade. (ARAÚJO, 2000, p.13)

A novela tem um formato aberto, ou seja, ela pode ser modificada conforme é exibida, se adequando às demandas do público. Se um personagem não é muito do agrado, então ele pode ser removido da trama; se um casal não atende às expectativas, ele pode ser desmanchado e assim por diante. Vemos que situações do cotidiano são mostradas na televisão e quando as assistimos, como que vivenciamos esse momento, se nos identificamos com os personagens, aprendemos a amar e odiar juntamente com eles. De maneira que as histórias ali apresentadas acabam nos ajudando a moldar nossa visão de mundo, as construções de sentidos que fazemos. Infelizmente, a retratação de cenas como as de mulheres que trocam tapas entre si nas novelas²¹, que brigam e manipulam os acontecimentos prejudicando as outras, é ruim, pois ajuda a manter certos padrões de comportamentos e atitudes.

Não é apenas nas novelas que vemos essa ideia de que as mulheres precisam competir entre si, ao vermos os desenhos da Disney, podemos notar que as princesas sempre são solitárias de amigas femininas. Veja, por exemplo, Ariel – a Pequena Sereia – seus melhores amigos são um peixe e um siri e sua maior rival e inimiga é uma mulher, Úrsula; Cinderela tem a fada madrinha, mas o tempo todo, suas inimigas são as meias irmãs e a madrasta e seus melhores amigos são ratos e pássaros, machos. Até mesmo Rapunzel, de Enrolados, seu melhor amigo é um camaleão macho e a inimiga é a mãe Gothel. A relação que é mostrada é de competição, de enfrentamento umas com as outras, como se mulheres não pudessem ser amigas. E isso é algo que tem sido mudado, quando vemos as novas animações da Disney, veremos um pouco melhor isso mais pra frente.

Há ainda certa banalização da mulher, pois vemos que as personagens femininas das novelas, estão sempre em constante competição umas com as outras, tomam atitudes que prejudicam a outra para poderem parecer melhores, se batem, é uma violência atrás da outra. Não bastasse a luta de se fazer com que diminuam as violências

²¹<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/beatriz-e-ines-saem-no-tapa-as-sete-maiores-brigas-de-mulher-em-novela-8096>

contra a mulher, por parte dos homens; ainda se tem que lutar com a violência propagada de mulher para mulher. Simone de Beauvoir diz que se

[...] a mulher se enxerga como o inessencial que nunca retorna ao essencial é porque não opera, ela própria, esse retorno. Os proletários dizem “nós”. Os negros também. Apresentando-se como sujeitos, eles transformam em “outros” os burgueses, os brancos. As mulheres – salvo em certos congressos que permanecem manifestações abstratas – não dizem “nós”. Os homens dizem “as mulheres” e elas usam essas palavras para se designarem a si mesmas: mas não se põem autenticamente como Sujeito (1970, p.14).

No seriado, Diane diz para Alicia que “Mulheres se ajudam, certo?” no sentido de que com as dificuldades que são encontradas diariamente pelas mulheres, é necessário que mais do que competir umas com as outras, elas precisariam superar essas barreiras em conjunto.

Figura 13: Diane Lockhart - mulheres se ajudam.



Fonte: Netflix

As cenas que mais alcançam sucesso são as que envolvem brigas, surras e assim por diante. Por exemplo, na novela “Em família”, houve uma cena no dia 03 de março de 2014, os protagonistas brigaram e isso terminou em tapa. Mas isso aparentemente é algo normal já nas novelas, no entanto, o estranhamento surge quando quem desfere o tapa, na verdade é o homem na cara da mulher.²²

²²<http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/180-artigos-de-genero/24105-novela-bate-em-mulher-desde-cedo>

Figura 14: Cena da novela "Em família" - 2014



Fonte: Geledés

No desenrolar da cena (com uma excelente atuação, diga-se de passagem), Laerte (interpretado por Gabriel Braga Nunes) obriga Helena (Júlia Lemmertz) a ouvir o que ele tinha pra dizer, segurando-a com força (ela inclusive disse “você está me machucando”). Quando ele a soltou, trocaram ofensas, ele a chamou de vadia, e ela deu um tapa nele. Qual foi a minha surpresa (e a dela, imagino), quando ele DEVOLVEU O TAPA?

Quando ela questionou a "coragem" dele de bater nela, ele respondeu o que tantos machistas respondem: “Acha que só você, por ser mulher, tem esse direito?” (ARONOVICH, 2014).

Esse ato violento de dar um tapa nos faz perceber que mesmo nos dias atuais a violência contra a mulher ainda está bem presente e até tem aumentado; os motivos são variados: ciúmes, rejeição e mesmo a independência financeira das mulheres nem sempre são bem recebidos pelos homens. Isso acontece porque a maneira como fomos educados e criados, faz com que para alguns homens ainda seja difícil aceitar que a mulher também consegue dar conta da sua vida. Apesar das conquistas femininas, ainda vemos que muitas são objetos sexuais, escravas e empregadas de “seus” homens, aqueles que ideologicamente deveriam ser seus companheiros, mas que agem como seus donos ou carrascos.

Outro exemplo que podemos citar nesse sentido, é a presença das mulheres negras, seja em filmes ou novelas, ou melhor, a falta delas. Elas têm um problema ainda diferente, pois são vistas simplesmente como cozinheiras ou então como boas de cama. Se analisarmos novelas e filmes, podemos ver isso claramente. Nas novelas brasileiras, quando aparecem mulheres negras, elas sempre são as faxineiras, cozinheiras ou então são as beldades que levam os homens a cometerem loucuras, romperem com seus casamentos.

No seriado, esses mesmos preconceitos existem e são apresentados, como por exemplo, é o caso de uma moça, que fazia *strip* em festas de despedidas de solteiro, é abusada por um noivo e quando entra em processo contra ele, sua palavra é desacredita devido à profissão e porque o moço tem certa influência na sociedade. Outro exemplo, é que existem poucos personagens negros representados na série. Não pretendo aqui falar

muito profundamente sobre a questão da inserção do negro na sociedade ou sua imagem mediada pelas mídias, pelo cinema, ou pela televisão, por meio dos seriados ou novelas. Mas a critério de informação, temos algumas séries que a personagem principal é uma mulher negra, como é o caso de “*Scandal*”²³, com Olivia Pope interpretada por Kerry Washington e “*How to get away with murder*”²⁴, com Annalise Keating, interpretada por Viola Davis. Ambas as séries são do canal norte-americano ABC, aqui no Brasil são exibidas pelo canal Sony e contam com Shonda Rhimes como produtora executiva.²⁵

Shonda é uma mulher negra, produtora e roteirista, que domina os horários das quintas-feiras na programação do canal Sony, com três séries: “*Grey’s Anatomy*”; “*How to get away with murder*” e “*Scandal*”. A atriz Viola Davis foi a primeira mulher negra a receber um Emmy de Melhor Atriz em drama, por sua atuação na série “*How to get away with murder*”. Seu discurso foi emocionante, ao citar Harriet Tubman: “*Em meus sonhos e visões, eu via uma linha, e do outro lado da linha estavam campos verdes e floridos e lindas e belas mulheres brancas, que estendiam os braços para mim ao longo da linha, mas eu não poderia alcançá-las*” e conclui “*Deixem-me dizer uma coisa: a única coisa que separa as mulheres de cor de qualquer outra pessoa é a oportunidade. Você não pode ganhar um Emmy por papéis que simplesmente não existem*” (DAVIS, 2015, grifo meu)²⁶.

Nessa pesquisa, não há intenção de dar uma verdade absoluta, ou um único significado ao que é ser mulher, ou mesmo à forma como as mulheres têm sido vistas e interpretadas na televisão ou no cinema, mas sim de mostrar outro olhar, sob a perspectiva bakhtiniana.

T2.E2 Sobre Mulher e Mídia

A mulher viveu e ainda vive diferentes papéis na sociedade, sendo simplesmente uma dona de casa ou começando a se inserir no mercado de trabalho e lutando em pé de igualdade com os homens. Sair de um papel para o outro, exigiu uma luta intensa, uma

²³ Scandal - Escândalo

²⁴ “How to get away with murder” – Como escapar de um assassinato.

²⁵ <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/10/conheca-shonda-rhimes-a-superprodutora-da-tv-americana-4612849.html>

²⁶ <http://www.papelpop.com/2015/09/viola-davis-e-a-primeira-negra-a-ganhar-o-premio-de-melhor-atriz-no-emmy-e-faz-discurso-emocionante/>

procura por seus direitos e ainda hoje não é algo que esteja completamente consolidado. As mulheres ainda lutam para romper com as barreiras impostas pela sociedade.

A relação entre história e mídia, até mesmo os mitos que foram criados, os discursos trazem presentes a diferença dos sexos, que ficaram gravados na cultura e na sociedade. Por exemplo, a Eva bíblica, mulher sedutora que fez Adão pecar, desobedecendo a Deus, fez com que a igreja católica colocasse a mulher em um lugar escuro, como uma ameaça ao homem. Nesse período, a mulher era vista como pecadora e relacionadas aos prazeres carnais, assim então seriam “filhas pecadoras de Eva”, ou ainda: “Não sabes (mulher) que és Eva, tu também? (...) Tu és a porta do diabo, tu consentiste na sua árvore, foste a primeira a desertar a lei divina” (TERTULIANO apud DALARUM, 1990, p. 35).

Ao ler a Bíblia, encontramos algumas mulheres que tem um papel fundamental para determinados acontecimentos; a própria criação da mulher, não é pensando em alguém subalterna, mas sim uma “ajudadora”. Assim está escrito no livro de Gênesis capítulo 2 versículo 18: “Disse mais o Senhor Deus: *‘não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea’*” (2011). Ao longo do texto bíblico, temos alguns outros exemplos de mulheres. Uma mulher que corrobora com a visão católica de mulher como símbolo do pecaminoso, é Jezabel, esposa do rei Acabe; que matava quem fosse contra ela. Mais pra frente, no livro de Ester, temos a rainha Vasti, que se recusa ir à presença do rei Assuero, que havia dado uma grande festa e, já alto de vinho, solicita que ela fosse para ser exibida. Quando ela diz que não, o rei e seus príncipes se revoltam, a ponto de ela ser destituída do cargo, pois como disse o conselheiro do rei Memucã:

A rainha Vasti não somente ofendeu ao rei, mas também a todos os príncipes e a todos os povos que há em todas as províncias do rei Assuero. Porque a notícia do que fez a rainha chegará a todas as mulheres, de modo que desprezarão a seu marido, quando ouvirem dizer [...]. Hoje mesmo, *as princesas da Pérsia e da Média, ao ouvirem o que fez a rainha, dirão o mesmo a todos os príncipes do rei; e haverá daí muito desprezo e indignação.* [...] e o rei dê o reino dela a outra que seja melhor do que ela. Quando for ouvido o mandado, que o rei decretar em todo o seu reino, vasto que é, *todas as mulheres darão honra a seu marido*, tanto ao mais importante como ao menos importante. (ESTER, 2011; grifos meus)

O medo era que as outras mulheres não respeitassem mais aos seus maridos, que conseguissem dizer “não”; a moça que é escolhida depois disso, pelo contrário, é

obediente ao tio, que lhe diz para não revelar sua raça (era judia) até que chega o momento de defender seu povo da morte.

Joan Scott (1990) aponta que o termo gênero começou a ser utilizado para designar “mulheres” no intuito de dar um aspecto erudito e sério à pesquisa, isso por ser um termo mais neutro e objetivo e que parece dissociado da política do feminismo, mais relacionado com as ciências sociais. Isso porque usar a expressão “história das mulheres” soa mais agressivo e proclama uma posição política que (contrária às práticas habituais) coloca a mulher como um sujeito histórico válido. Já o termo “gêneros” inclui as mulheres, sem nomeá-las e assim não constitui uma ameaça forte.

Encontramos vestígios da dominação masculina por meio das definições e redefinições dos estatutos e mesmo dos papéis, não apenas das mulheres, mas relativos ao sistema de reprodução de toda a sociedade. Tomemos como exemplo, a Grécia do século XIX, às mulheres era atribuída a vida doméstica e a educação dos filhos, isso perpassa uma redefinição dos estatutos da infância e “são inseparáveis das transformações das cidades gregas da época”. Democráticos por excelência, Atenas e a França pensam a vida da cidade tendo em mente a participação do indivíduo, sua responsabilidade política; essas duas sociedades, que exaltam a cidadania, a participação “esquecem” das mulheres. Tomemos como exemplo, a história de Hypatia, que foi a primeira mulher conhecida que fez contribuições para o desenvolvimento da matemática e, no entanto, naquele período não era reconhecida pelo fato de ser mulher. Nisso, é possível perceber que a dominação masculina está nos lugares e mecanismos mais diversos (ANNALES, 2000)²⁷.

O domínio masculino existiu nas sociedades pré-capitalistas e nas sociedades industrializadas e não pode ser separada da questão da produção de bens, o que acabou excluindo a mulher dos benefícios do próprio trabalho. Elas são exploradas no âmbito doméstico por meio do trabalho e da capacidade reprodutiva. Essa exploração da mulher é expressa com uma variedade de discursos e práticas que estão ligadas à família, à sociedade civil e ao Estado. Não vamos generalizar tudo, porque conforme o período histórico a maneira de domínio sobre as mulheres varia. Conforme Michelle Perrot (1987) diz "as mulheres sempre trabalharam, mas nem sempre exerceram profissões".²⁸

27

http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/Documentos/historia_das_mulheres_nuteg.pdf

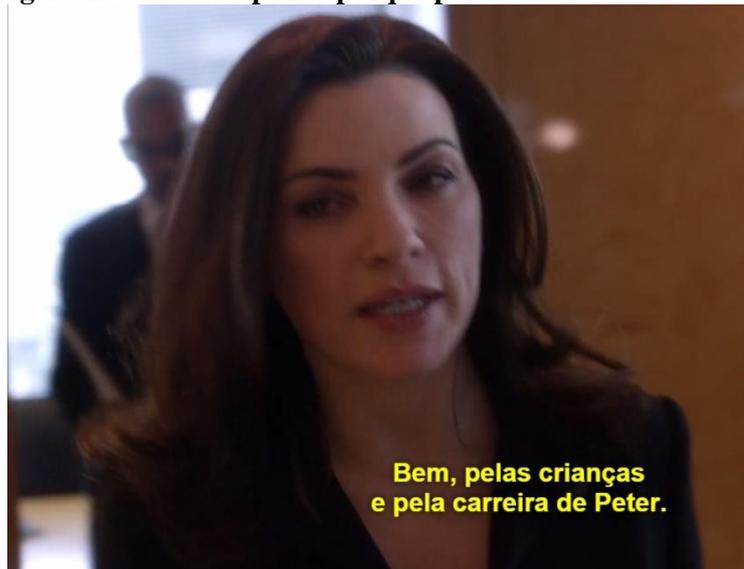
²⁸ "Qu'est-ce qu'un métier de femme?", *Le mouvement Social*, n° 140, Juillet - Septembre 1987, p. 3

Não podemos dizer que a mulher simplesmente se submetia a essa dominação masculina, na medida em que era possível, ela tentava conseguir certo grau de autonomia, assumindo o papel que lhe era designado, se tornando um modelo. Um exemplo disso é que, sendo elas as mantenedoras do lar, há certa desconfiança quando se vê um homem na cozinha ou na arrumação da casa. O poder feminino nesse aspecto ainda hoje é exercido, e podemos ver isso na questão da educação dos filhos, da infância. Essa relação da mulher com a infância são papéis reforçados e revalorizados no século XIX e a figura do pai/homem é deixada de lado. De maneira que alguns espaços são ocupados predominantemente pelas mulheres e os homens hoje lutam para poderem estar inseridos nesse mesmo espaço²⁹. Em *The Good Wife*, Alicia já havia trabalhado anteriormente, mas ao casar e ter filhos precisou deixar o trabalho para assumir seus compromissos com o lar. Sabemos isso, porque quando Diane diz que sabia que ela tinha um dos salários mais altos na empresa anterior, pergunta porque ela havia deixado o trabalho e a resposta de Alicia é: “pelas crianças e pela carreira de Peter”. Aqui vemos que não apenas para assumir o lar, mas também pensando no bem estar da carreira do homem, do marido. Então a mulher precisava abdicar de si mesma, tendo em vistas um “bem maior”: marido e filhos.

²⁹ <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/185/fora-do-lugarminororia-em-todos-os-niveis-de-ensino-os-267505-1.asp>

<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/homens-lidam-com-estigma-ao-licionar-no-ensino-infantil-11831999>

Figura 15: Alicia responde porque parou de trabalhar



Fonte: Netflix

Esse “poder” maternal, por vezes cria mães tirânicas, que se fazem:

[...] guardiãs escrupulosas da ordem moral e das conveniências. Submersas em códigos e deveres, de culpabilidade e de vergonha, elas se fazem os modelos de todas as virtudes, as engrenagens de uma maquinaria de poderes de que elas não podem tirar proveito senão submetendo-se a eles, pagando-se sua revolta frequentemente com o preço da loucura (ANNALES, 2000, p.289).

Devido a esse domínio materno, surge então certa rebelião contra as mães e mulheres através de uma literatura masculina, com a imagem de mãe ausente, por exemplo, o romance policial, até mesmo a reação contra o sentimentalismo dos romances de folhetim. Dentro de casa, surge então, o poder do patriarca, que assume um poder soberano sobre a família quebrando a identidade feminina, principalmente no que diz respeito às filhas e/ou noras. Aqui temos a figura da sogra e da viúva que assumem certo domínio. Isso faz com que haja uma ruptura na solidariedade feminina, devido às manipulações que vem junto com esse poder. As viúvas adquirem um poder moral na comunidade.

Trazendo do seriado analisado, Jackie Florrick, mãe de Peter Florrick – marido de Alicia – que sempre que aparece, demonstra ser essa mulher correta, dona de casa, que vai à igreja todo domingo e assim por diante. Jackie ajuda Alicia a cuidar da casa e dos filhos – Zach e Grace – de maneira que sempre que ela aparece no seriado é na cozinha do apartamento, ou fazendo limpeza na casa. A sogra aqui aparece como a mãe intensamente protetora do filho e que discorda das decisões tomadas por Alicia, em

alguns momentos, vemos que ela interfere na educação dada aos netos, se intrometendo até o momento em que Alicia a proíbe de ver os netos sem sua permissão.

É interessante pensar em Jackie porque ela não está apenas querendo ser má com Alicia, na verdade ela está tentando ajudar da melhor maneira que pode. A questão é que a forma como ela foi educada e ensinada a ver a vida, a responder às circunstâncias é diferente de como Alicia agora está vivendo. Algumas cenas na série nos permitem ver isso. Por exemplo, quando elas estão conversando sobre Peter:

Jackie: [falando de Peter]: ele está magoado lá, ele é muito corajoso. Mas está magoado. Precisa que o perdoe, Alicia.

Alicia: Jackie, passei 15 anos lavando as roupas dele. Limpando a casa dele. Nunca perguntei nada, porque achei que não precisava. Ele levou tudo o que tínhamos e levou a público, para todos.

Jackie: ele não queria isso. A imprensa [...]

Alicia: Jackie, pare, por favor. Peter não pensou em nós.

Jackie: leva tempo, Alicia. Dê um tempo.

Alicia: todo o tempo que tenho agora é para eles (os filhos).

Jackie é a mãe realmente super protetora, aos seus olhos, o filho não fez nada errado, pelo menos não o suficiente para que Alicia esteja tão brava com ele. Em vários momentos da série vemos isso. À sua maneira ela está preocupada com os netos também, por exemplo, quando Grace aparece com uma amiga, que o pai também estava preso, ela fica preocupada, mas o dia que a menina não vai para a casa delas, ela vai à casa da jovem e conversa com a mãe e diz: “seu filho está numa prisão pior do que o meu, era para nós nos preocuparmos com vocês e não o contrário”, como a mulher a destrata, ela pega a mangueira que estava pingando água e joga no rosto dela (epi. 10).

Jackie não sabe como aceitar elogios, ela é uma pessoa que acaba demonstrando certas inseguranças, sempre esteve cuidando de várias coisas, casa, filho, marido, os netos e quando Alicia a manda embora, ela não sabe como reagir. Se intromete na campanha do filho, o que deixa seu assistente Eli Gold (assistente do Peter) bravo. Se pensarmos bem, assim como cada uma das outras mulheres principais da série: Diane, Alicia e Kalinda, Jackie nos mostra a vida anterior. O que era esperado de uma mulher, como agir, como se vestir, como se portar.

É no final da primeira temporada que vemos melhor o que Jackie pensa, quando ela afirma “Ele não teria conseguido sem você. *Nós, mulheres, ficamos nas sombras. Sorrimos, damos carinho, cuidamos, mas estamos sempre presentes* [...] Ele precisa de você” (epi. 22).

Figura 16: Jackie Florrick

Fonte: Netflix

Jackie é um exemplo perfeito de uma mulher que se esquece de si mesma em prol dos filhos, na série, as cenas em que a vemos mais feliz, é quando está fazendo coisas pelo filho. Sempre que está perto dele, ela aparenta ser uma mulher realizada. É apenas na última temporada, a sétima, que a vemos de um modo diferente, quando ela conhece Howard, um dos advogados mais velhos da Lockhart & Gardner, que a convida para jantar e eles começam a ter um relacionamento. É surpreendente vê-la tão feliz sem ser motivada por algo que tenha acontecido ao filho ou talvez até aos netos, está feliz por ela mesma.

Ainda pensando na figura de mãe, vemos que a mãe de Alicia, diferentemente de Jackie é uma mulher mais des preocupada com o que se pensará dela, tendo se afastado dos filhos e casado com outros homens. Nas poucas vezes em que ela aparece no seriado, está bebendo, um contraponto interessante à figura de Jackie.

Verônica, a mãe de Alicia só aparece para nós pela primeira vez na quarta temporada. Nas anteriores conhecemos seu irmão, Owen, que é gay e eles têm algumas conversas sobre o fato dos pais terem se separado. A relação com a mãe é um pouco conturbada, tanto que ao final do episódio 9, da quarta temporada, conversando, Verônica diz para Alicia que ela não conseguia deixar as coisas, que quando era criança não queria deixar amigos, livros e nem a mão do pai; e que agora no trabalho com Will, ela queria, mas não se permitia, pois “não ser como ela [a mãe]”; e diz que ela nunca fazia algo que não quisesse e termina perguntando se Alicia estava feliz; ao que ela

responde que vivia a vida que queria, e que há coisas maiores; Verônica diz que “não há, quanto mais velhos ficamos, mais claro fica que só há uma coisa ... felicidade”.

Verônica e Jackie são duas mulheres opostas, são mães sim, mas com visões diferentes de como deveriam educar seus filhos. Enquanto Jackie é super protetora e até mesmo possessiva com o filho, Verônica pensa em curtir a própria vida e que os filhos façam o mesmo. Não estou dizendo que ela não se preocupa com Alicia e Owen, mas ela não é uma mãe que fique presa a eles e, à maneira dela, se preocupa sim com a felicidade deles, tanto é que no primeiro episódio em que aparece, depois da conversa acima com Alicia, ela vai falar com Peter, dizendo que ele estava “explorando Alicia”, que ele deveria se divorciar dela, para que ela pudesse aproveitar a vida e não ficar presa a um matrimônio que não tinha dado certo.

Figura 17: Jackie vs Verônica



Fonte: Netflix

Na série, há uma constância de que ao final dos episódios, em sua maioria, Alicia aparece em casa, algumas vezes sozinha, outras com os filhos, com uma taça de vinho nas mãos; não apenas Alicia, mas sua mãe também. O vinho é considerado uma bebida mais leve, sofisticada, que realça um momento seja um jantar ou um tempo com amigos e família; é quase tão antigo quanto a água, seus poderes e benefícios à saúde são variados; lhe era atribuído um caráter divino. O vinho tem significados que vão desde “dádiva dos Deuses”, “sangue de Cristo”, “fruto da videira e do trabalho do homem”, “essência da vida”, “néctar dos Deuses”, etc. – e que “demonstram a sua

amplitude e significado nas representações sociais e na memória coletiva dos povos” (MAGALHÃES, 2005).

Em outros finais de episódios, Alicia está no bar com Kalinda ou com alguma outra pessoa do trabalho; de maneira que para ela, o ato de beber está relacionado com um momento de relaxamento e interação com amigos e familiares. Mas beber com eles em um bar, não é o mesmo que estar em casa, sentada no sofá em frente à televisão com os filhos do lado e uma taça de vinho na mão. De modo que um dos significados desse ato pode ser o de exprimir características de personalidade e/ou de estilo de vida, ou nas palavras de Souto e Campos (2008) seja características de “requinte, sofisticação e exclusividade”.

No século XIX, o que muda nas relações do público e do privado, é a exaltação de um “poder social”, que inicialmente masculino, é concedido devagar às mulheres, que não mais contentes com as “doçuras do lar”, começam a sair de suas casas. É atribuído um papel social para as mulheres, uma maternidade social, de maneira que elas socorrem, educam, controlam as pobres e operárias. Elas são as “visitadoras dos pobres”, são voluntárias nos mais variados trabalhos sociais. Até os médicos as assumem enquanto companheiras para auxiliar nas questões de higienização, de cuidados dos doentes. Essas mulheres se envolviam nesses trabalhos numa forma de escaparem à ociosidade da vida doméstica, mas também vale lembrar que isso era apenas para as que tinham condição social, pois as pobres tinham que se resignar a ficar nas casas, não ociosas, mas escravas do cuidado das casas, dos inúmeros filhos e assim por diante.

Assim os poderes e lutas femininas são recobrados, mitos examinados e estereótipos repensados. Essa nova visão traz uma atuação das mulheres como sujeitos ativos, de modo que as imagens de passividade, ociosidade e confinamento ao lar foram questionadas.

A luta por uma inserção feminina acontece desde o século XVII e encontramos relatos pós - guerra, em que a quantia de mulheres era muito maior do que a de homens. Isso porque eles haviam ido para a guerra, e muitos morreram, outros voltaram aleijados, feridos, dificilmente capazes de dar continuidade a determinados serviços. Por exemplo, na União Soviética, o número de mulheres era 20 milhões a mais do que homens; na Iugoslávia, muitos vilarejos não tinham nem um homem sequer, devido aos ataques alemães; na Alemanha, dois em cada três homens nascidos em 1918 não sobreviveram à guerra: “numa comunidade da qual dispomos de estatísticas detalhadas

– o subúrbio de Treptow -, em fevereiro de 1946, entre os adultos na faixa etária de 19 a 21 anos, havia apenas 181 homens, para 1.105 mulheres.” (JUDT, 2008, p.33).

Com isso, a presença das mulheres se tornou algo comum, embora ainda fosse sob condições precárias e injustas. A falta de homens, fez com que elas assumissem cargos e responsabilidades que eram atribuídas aos homens. Algumas leis passam a beneficiar as mulheres, por exemplo, a Constituição de 32 estabelece que “sem distinção de sexo, a todo trabalho de igual valor correspondente salário igual; veda-se o trabalho feminino das 22 horas às 5 da manhã; é proibido o trabalho da mulher grávida [...]”. No entanto, mesmo com essas leis, Probst (2002) conta que as explorações ainda existiram e duraram por muito tempo, com jornadas de 14 a 18 horas e diferenças salariais, justificadas com a desculpa de que o homem trabalhava e sustentava a mulher, então elas não precisariam do mesmo salário.

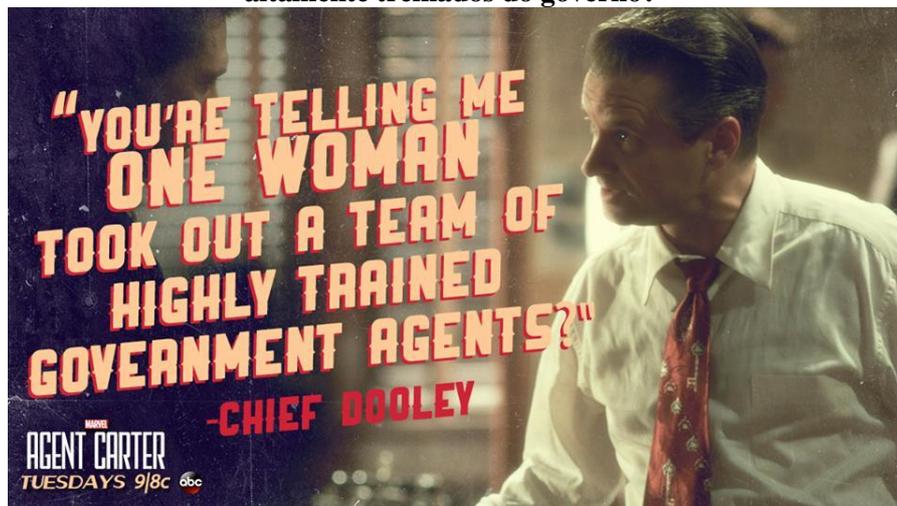
A série Agent Carter, embora explore um pouco do universo fantástico do Capitão América; temos uma personagem feminina Peggy, no ano de 1946, que tenta conciliar a vida e o emprego na Reserva Científica Estrangeira, logo após perder o amor de sua vida, Steve Rogers, o capitão América. Logo no primeiro episódio, temos algumas cenas que comprovam o preconceito existente quanto à presença feminina em um ambiente predominantemente masculino. Ao entrar na sala, o chefe da agente avisa que teriam sido chamados para algo urgente, e que ela deveria “cobrir as ligações”. Sua resposta é solicitar que a telefonista encaminhe as ligações para a sala de reuniões, e diz ao chefe: “cobertas, podemos?”.

Durante a reunião, quando Peggy defende Stark, que aparentemente seria um traidor, vendendo produtos de alta tecnologia para os inimigos dos EUA, a resposta do chefe é a de que ela por ter sido o “contato” do capitão América durante a guerra, teria feito vários contatos, ao que outro agente faz o comentário de que ela teria conhecido “muitos caras na guerra”. Nisso, o agente Sousa a defende, dizendo que o outro teria que pedir desculpas a ela. Peggy diz a ele que preferia que ele não tivesse feito isso, e ele diz que ela era uma agente, mas que a tratavam como uma secretária; ao que ela responde que sabe disso, mas que era “mais do que capaz de lidar com esse tipo de coisa”.

Um pouco mais adiante, após a reunião, o agente Thompson solicita que ela archive os relatórios, pois ela era “muito melhor nessas coisas”, ao que ela responde “que tipo de coisa? O alfabeto? Posso ensiná-lo. Vamos começar com palavras que começam com A.”

É interessante notar que há uma desvalorização da agente, no sentido de que a vem como inferior, atribuindo-lhe atividades que exigiriam menos inteligência, como o atender ao telefone ou preencher relatório. O comentário machista e desagradável do outro agente de que ela teria conhecido muitos caras, como se ela estivesse lá para satisfazer sexualmente a outros homens, também é uma amostra do que sofrem as mulheres, na verdade até hoje, em menor escala, e de forma um pouco mais velada também. Na figura abaixo, podemos ler a frase do chefe Dooley, da agente Carter: “Você está me dizendo que UMA MULHER derrubou um time de agentes altamente treinados do governo?”; é interessante perceber o menosprezo do chefe, ainda que ele tivesse uma mulher trabalhando para ele, e não uma mulher qualquer, mas uma pessoa extremamente forte, inteligente, segura, que sabia muito bem como se defender sozinha. Acompanhando a série, podemos vê-la em diversas situações de perigo e ela sempre consegue escapar, luta bravamente e sem deixar nada a dever a nenhum homem.

Figura 18: "Você está me dizendo que UMA MULHER derrubou um time de agentes altamente treinados do governo?"



Fonte: Facebook³⁰

Hoje, temos campanhas realizadas por meio da internet que lutam contra esses assédios. Um exemplo é o blog “*Think Olga*”, criado em 2013, pela jornalista Juliana de Faria, que tem como missão “empoderar mulheres por meio da informação e retratar as ações delas em locais onde a voz dominante não acredita existir nenhuma mulher”.

Na série *The Good Wife*, temos alguns episódios que tratam um pouco a questão do assédio sexual, no segundo episódio da primeira temporada, ela defende uma

³⁰ <https://www.facebook.com/AgentCarterTV/photos/pb.556685341097741.-2207520000.1455048061./675675095865431/?type=3&theater>

prostituta que foi estuprada; no quinto episódio da segunda temporada, uma jovem acusa o vencedor do Nobel, por seus trabalhos humanitários com mulheres na África; na quarta temporada, episódio seis, uma jovem oficial acusa um empreiteiro, de uma empresa associada aos militares de estupro; no episódio vinte, uma jovem acusa um colega de classe por estupro. Outros seriados também abordam essa temática, da violência sexual contra a mulher, infelizmente isso é algo que ainda ocorre; e em muitas das vezes, as mulheres se culpam por tal fato. De maneira que é importante e interessante que se tenha campanhas e apoio para cada uma dessas vítimas. Além do blog que falei anteriormente, no ano de 2014 foi criada uma campanha #meuamigosecreto³¹, amplamente utilizada no Twitter e no Facebook, que denunciava, sem falar nomes, atitudes machistas, muitas vezes disfarçadas, de amigos e parentes. Veja alguns exemplos:

Figura 19: Campanha de denúncia ao assédio sexual - #MeuAmigoSecreto 2015

#MeuAmigoSecreto

#meuamigosecreto diz que não é machista mas acha que mulher só serve pra cuidar da casa e dos filhos.

#MeuAmigoSecreto fala que gosta da beleza natural das mulheres, mas não contrata negra com cabelo afro pois acha "antiprofissional".

#meuamigosecreto ainda acha que pra se dar ao respeito profissionalmente as mulheres e os homens devem se vestir de terninho.

#meuamigosecreto disse que não vai contratar mulheres que pretendem casar e ter filhos pq terão que tirar licença maternidade depois.

#meuamigosecreto humilha mulheres no ambiente de trabalho, paga menos a mulheres, subestima as funcionárias.

#meuamigosecreto acha que só a mulher deve limpar, cozinhar, e cuidar das crianças; mesmo os dois tendo a mesma jornada de trabalho.

Fonte: Elaborado pelo autor

Outra campanha no facebook é a #movimentovamosjuntas³²; temos também a #primeiroassédio³³. Essa segunda é particularmente entristecedora pela forma como surgiu. No programa de televisão Masterchef Junior (programa de culinária), uma criança de 12 anos, Valentina, teve seu nome em vários comentários, no *twitter* e no

³¹ <http://vocesa.uol.com.br/noticias/carreira/mulheres-denunciam-machismo-usando-hashtag-meuamigosecreto-leia-relatos.phtml#.Vpe2AfrLIU>

³² <https://www.facebook.com/movimentovamosjuntas/timeline>

³³ <https://twitter.com/primeiroassedio?lang=pt>

facebook, relacionado a conteúdos sexuais. Inúmeras pessoas aderiram a essas denúncias e isso é muito importante para que aos poucos possamos conseguir mudanças e melhorias. O direito de ser quem quiser ser, de ir aonde quiser ir, de se vestir como quiser, é um direito de todos; e é garantido pela lei, mas quase sempre, na vida cotidiana, esses direitos são desrespeitados.

É a partir da década de 1980, século XX, que os estudos sobre as mulheres assumiram um aspecto voltado às questões da “condição feminina” (colocada em oposição à experiência masculina), e buscaram preencher um vazio e passaram a investigar as mulheres enquanto sujeitos históricos, analisando seu cotidiano a partir das ideias de resistência e da transformação da sua realidade. Surgem aqui estudos sobre a análise do feminino, assuntos relacionados com a sexualidade, o amor, o corpo, o pecado, o medo, a morte, os desvios; e passaram a ter maior destaque bem como as relações entre o público e o privado. Gomes (2011) aponta que a mulher se torna um sujeito social que estava nessa luta contra as declarações de poder produzindo percepções e experiências próprias.

Na sociedade democrática contemporânea vemos a inclusão da mulher na vida pública e política. Há uma melhoria progressiva na condição feminina nos últimos anos e isso se deu por meio das lutas feministas que fizeram com que a sociedade repensasse essa inserção de maneira democrática e também na sociedade industrial.

A expressão gêneros acaba por trazer que não se pode estudar a mulher, sem colocá-la junto com o homem, pois estudar um não seria possível sem falar do outro, de maneira que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, sendo criado **por** e **nesse** mundo (SCOTT, 1990, p. 75; grifo meu). Assim, então gênero é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos.

Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador em comum, para diversas formas de subordinação feminina, no fato de que as mulheres tem a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Gênero torna-se uma forma de indicar “construções culturais” – criação social das ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres (SCOTT, 1990, p. 75).

Scott (1990) explica melhor a questão de gênero dividindo-o em dois itens:

- O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos. E isso abrange os seguintes aspectos: símbolos culturalmente disponíveis; conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos

símbolos; concepção política e referência às instituições e à organização social e a questão de identidade subjetiva.

- O gênero é uma forma primária de dar significações às relações de poder.

Vemos então, mais uma vez que as mulheres inicialmente apresentadas como indefesas e dependentes de pais ou maridos, com o feminismo, elas passam a buscar a libertação o que resultou em mudanças na história cultural e acabou abrindo portas que mostrassem a participação feminina na cultura, o que até então era praticamente invisível.

Temos na História vários exemplos de mulheres que são inspiradoras: Cleópatra, co-governante do Egito no século I a.C; a rainha Elizabeth I, uma mulher no poder inglês no século XVII; Joana D'Arc, heroína da Guerra dos 100 anos; no século XV, temos Isabel I de Castela, que mostrou grande firmeza no poder. Marie Curie, no século XIX, primeira mulher a ganhar um prêmio Nobel, e a primeira mulher doutora formada na Sorbonne; sua filha Irene Curie, que também ganha um Nobel em química em 1935. No século XX, dentre tantas mulheres que fizeram a diferença, não podemos deixar de citar Simone de Beauvoir, escritora, filósofa existencialista e feminista francesa, que, com suas ideias e atitudes, mostrou que a mulher não é apenas o “segundo sexo”.

Não é apenas no contexto internacional que temos mulheres inspiradoras, aqui no Brasil, temos alguns exemplos também: Olga Benário, ativista política; Francisca Praguier Proes, médica e feminista; Leopoldina de Habsburgo-Lorena, primeira imperatriz do Brasil; Maria Bonita, conhecida como a “Rainha do Cangaço”; Pagu, poetisa, jornalista e ativista política; Ricarda de Almeida Brito, participante da Guerra do Paraguai; Alice Tibiriçá, ativista social e feminista; Bárbara de Alencar, revolucionária na Revolução Pernambucana de 1817 e Lélia Gonzalez, intelectual, política, professora e antropóloga. Com suas ações e participação na sociedade, essas mulheres traçaram caminhos que possibilitaram os avanços e a formação de exemplos da mulher brasileira que temos hoje: como Marta, jogadora de futebol, escolhida como melhor futebolista do mundo por cinco vezes consecutivas, um recorde entre mulheres e homens; Pollyana Rabelo, única mulher mergulhadora dos Bombeiros do Brasil; Zezé Motta, atriz, cantora e ativista política; e, é claro, Dilma Rousseff, a primeira mulher presidenta de nosso país, entre outras.

Nos estudos em CTS podemos ver que existem pesquisas importantes que tratam da questão do envolvimento da mulher no âmbito da Ciência e da Tecnologia, questões quanto à presença e inserção feminina na Política. No entanto, gostaria de apresentar o

fato de que a mídia apresenta uma imagem, seja da mulher, do homem, da criança, enfim, de cada sujeito social; no entanto, suas representações acabam abrangendo inclusive uma questão industrial, de venda. Quando Joan Scott apresenta a questão de gênero como envolvendo as questões de símbolos culturalmente disponíveis, podemos compreender que o ideal de mulher que nós temos e a que somos expostos continuamente, nos ajudam a criar uma imagem e muitas vezes a agir como tal. Enquanto na Idade Média, a mulher era vista pelos olhos da igreja como a pecadora Eva, que corrompeu o homem, mais tarde, a mesma igreja, traz Maria – mãe de Jesus – como o ideal de mulher. A mãe devota, pura e virgem, inocente, esposa obediente.

De maneira, que ao analisarmos as imagens de mulher que são apresentadas na televisão, seja por anúncios, ou mesmo nas novelas, as apresentadoras dos programas televisivos, acabam sendo imagens que entram em nossa mente e se fixa, a ponto de querermos ser como aquelas imagens.

O que somos e o que pensamos ver estão carregados do dizer alheio, dizer que nos precede ou que precede nossa consciência e que herdamos, sem saber como nem por quê, de nossos antepassados ou daqueles que parecem não deixar rastros. O que somos e o que vemos está carregado, portanto, do que ficou silenciosamente abafado na memória discursiva, como um saber anônimo, esquecido. (CORACINI, 2007, p. 59)

Por exemplo, o ideal de corpo que a mídia transmite, faz com que muitas mulheres se esforcem muito para atingi-lo; seja na questão do tipo de cabelo, corpos esbeltos e curvilíneos, as maquiagens, as cores dos esmaltes e assim por diante. As roupas ou esmaltes que são usados por determinada personagem da novela, criam toda uma nova linha de produtos que são vendidos e compramos, porque aquela mulher da novela, sendo linda e maravilhosa usa tal produto, então eu, a pessoa comum, poderei sentir por um breve instante a sensação de ser algo como a atriz. Isso não significa que as mulheres só queiram ser como as atrizes e modelos de tais propagandas; existem mulheres simples e comuns que são apresentadas pela televisão e que fazem com que nos identifiquemos com elas também.

Apesar de toda a resignificação que se busca ter da mulher, de toda a luta, existem propagandas, em pleno século XXI, mais especificamente do ano de 2015, recém-acabado, em que vemos que existem certos preconceitos.

Uma propaganda que é ao mesmo tempo divertida, interessante e irreverente, é a da Bombril, com Monica Iozzi, Dani Calabresa e Ivete Sangalo, que fazem piada com

os homens. Monica diz: “eu concordo com a Ivete, toda mulher nasceu pra brilhar”, ao que Dani responde “a gente brilha muito” e Ivete diz “a gente arrasa, arrasa no trabalho; faz sucesso o dia todo e ainda deixa a casa brilhando. É por isso que toda brasileira é uma diva”. Dani diz “enquanto isso, os homens [...] e Ivete continua “ixe, esses daí nem com todos os produtos da Bombril para ajudar na casa”; Monica diz “não dá nem pra comparar” e Dani conclui “não, pra comparar dá; toda mulher é uma diva e todo homem é ‘divagar’.”

Em fevereiro de 2015, a Skol lançou uma campanha para o carnaval, chamada “Esqueci o Não”. A possibilidade de duplo sentido na propaganda, fez com que a publicitária Pri Ferrari e a jornalista Mila Alves protestassem contra, como se vê na imagem abaixo. A campanha feita para o Carnaval traz mensagens do tipo "Esqueci o não em casa" e "Topo antes de saber a pergunta". Pri Ferrari em entrevista à Exame diz que a campanha poderia estimular a falta de respeito e de limites com os outros, pois não se trata de um problema “[...] só de passar uma mensagem de desrespeito às mulheres numa época [Carnaval] em que os estupros aumentam, mas de beber além da conta ou de usar drogas só para aparecer ou se afirmar” (2015). A campanha foi reformulada com “Não deu jogo; tire o time de campo” ou “Quando um não quer, o outro vai dançar”, sendo assinados com “Neste carnaval, respeite”.

Figura 20: Reações à propaganda da Skol 2015



Fonte: Revista Exame online³⁴

A empresa de esmaltes Risqué, lançou uma campanha “Homens que amamos”, nomeando seus esmaltes com atitudes que eles teriam diariamente. A explicação da

³⁴ <http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/outdoor-da-skol-para-carnaval-causa-indignacao-em-sao-paulo>

coleção é a de que “Inspirada nos homens que fazem a diferença na vida das consumidoras e unindo dois dos assuntos queridinhos das mulheres, homens e esmaltes, nós apresentamos a Coleção Risqué Homens que Amamos. Um *tributo aos pequenos gestos diários dos homens*”. Alguns dos nomes dos esmaltes são: “André fez o jantar”; “João disse eu te amo”; “Zeca chamou pra sair”; “Leo mandou flores”; “Carlos lavou a louça” e assim por diante.

Figura 21: Coleção de esmaltes Risqué: Homens que amamos



Fonte: Sites Uai³⁵

Em contrapartida, temos a Granado, com a coleção “Escritoras” (2014). Acredito que é interessante observarmos, que cada vez mais, cresce no mundo da publicidade essa tendência por uma busca de igualdade para a mulher. Embora ainda existam propagandas extremamente machistas, que parecem objetificá-la, vemos que existem propagandas que nos empoderam, que nos mostram que somos vistas e valorizadas.

35

http://sites.uai.com.br/app/noticia/saudeplena/noticias/2015/03/23/noticia_saudeplena,152718/homens-que-amamos-campanha-de-marca-de-esmaltes-e-criticada-nas-red.shtml

Figura 22: Coleção de esmaltes Granado: Escritoras



Fonte: Viciada em Cosméticos³⁶

As mulheres compram e gastam livremente hoje, de acordo com o que lhe agrada e interessa. Pensando nas propagandas de cerveja, por exemplo, que normalmente exploram o corpo feminino para vender seus produtos; podemos ver que as mulheres também tomam cerveja, então as empresas da bebida, deveriam investir em propagandas que levassem as mulheres a consumirem seu produto. Isso foi feito pela Heineken, que coloca uma moça salvando o agente 007 (Daniel Craig) ao mesmo tempo em que entrega uma bebida. Recentemente surgiu uma campanha #WeAllLoveBeer³⁷, no formato de vídeo, em que alguns casais pedem a bebida, a mulher pede cerveja e o homem pede outra bebida qualquer; quando os garçons vão servir, eles dão a cerveja para o homem e a outra bebida para a mulher.

Ao vivermos em um período em que predomina o mundo visual, em que somos uma sociedade imagética, e constantemente alterados pelas mídias; suas imagens remetem a múltiplas interpretações e isso não quer dizer que necessariamente somos manipulados por essas imagens, mas sim que elas nos alteram no sentido de que nos fazem buscar mudanças. Nas palavras de Rocha (2001, p. 19):

[...] O mundo interno, as formas de expressão do sentimento, o privado e o íntimo, a individualidade, enfim, abandona, definitivamente, o plano interior

³⁶ <http://viciadaemcosmeticos.blogspot.com.br/2014/07/nova-colecao-de-esmaltes-granado.html>

³⁷ Todos nós amamos cerveja

dos atores sociais para ser representação coletiva que assume lugar de fato social, coisa - coercitiva, extensa e externa ao indivíduo. As identidades, tanto do homem quanto da mulher, se traduzem na mídia pelos seus aspectos relacionais, gramaticais, como códigos ou padrões onde a sociedade cruza ideias, estilos, práticas e nelas aloja os atores sociais. As identidades neste sentido não são dimensões do indivíduo, pairando além do social pois, transformadas em imagens da mídia, sua instância decisória não é mais o foro íntimo. Elas têm seu registro na classificação coletiva e se constituem através de valores também sociais investidos nestes espaços.

Pensar a questão da mulher nas mídias é um trabalho e tanto, temos o cinema, a televisão, os seriados, as revistas, os jornais, as propagandas e assim por diante. E cada uma dessas mídias se aproveita das mais variadas maneiras para se apresentar ao público de uma forma que possa atingir cada vez mais pessoas.

Ao vermos a imagem que a mídia passa de determinado sujeito, fala para mim enquanto sujeito único, mas também para o todo que me cerca. Não é criada uma imagem única de mulher, mas sim um ideal coletivo, que acaba se traduzindo na busca particular de cada uma em ser o mais próximo possível igual ao modelo televisivo. No entanto, o fato que permanece é que são criadas e apresentadas formas de comportamentos, papéis específicos e particulares para cada sujeito social; regras e ideologias são consolidadas como sendo verdades. Podemos ver que a cada mudança que ocorre na sociedade, as mídias se adequam a isso, apresentando essas novidades. Essas imagens trazem nosso cotidiano, trazem experiências de vida e assim são familiares para nós.

Lins (2004) fala que a publicidade e propaganda são elementos identitários, no sentido de “que criam modelos com os quais os indivíduos se identificarão, terão caminhos apontados, visto que ensina condutas, comportamentos, traçando caminhos e moldando identidades”. (p. 41, 42), acrescentando ainda que pode ser analisada enquanto estrutura mitológica, da mesma forma que a televisão sendo considerada “responsável pela alimentação do mundo imaginário; e um espaço privilegiado para conhecer os valores e expectativas de uma sociedade em um dado momento, uma vez que busca referentes na cultura, trabalhando-os e atualizando-os”. (p. 42)

A cada ano que passa, com todas as mudanças que isso acarreta, faz com que essas mesmas mídias devam repensar a maneira como se fazem conhecer ao público, por exemplo, em um período em que a questão de gênero – feminino e masculino – passa por ressignificações, personagens são revistos sob outra perspectiva. De maneira prática, podemos dizer que as princesas da Disney, por exemplo, sempre estereotipadas, lindas, magras e com longos cabelos, acabem sendo (re) apresentadas de outra maneira.

E se elas fossem gordas? Ou tivessem cabelo raspado? A versão das princesas com cabelos raspados foi lançada em campanha por causa das crianças com câncer.

Figura 23: Princesas Disney



Fonte: Eonline³⁸

Figura 24: "E se as princesas fossem gordinhas?"

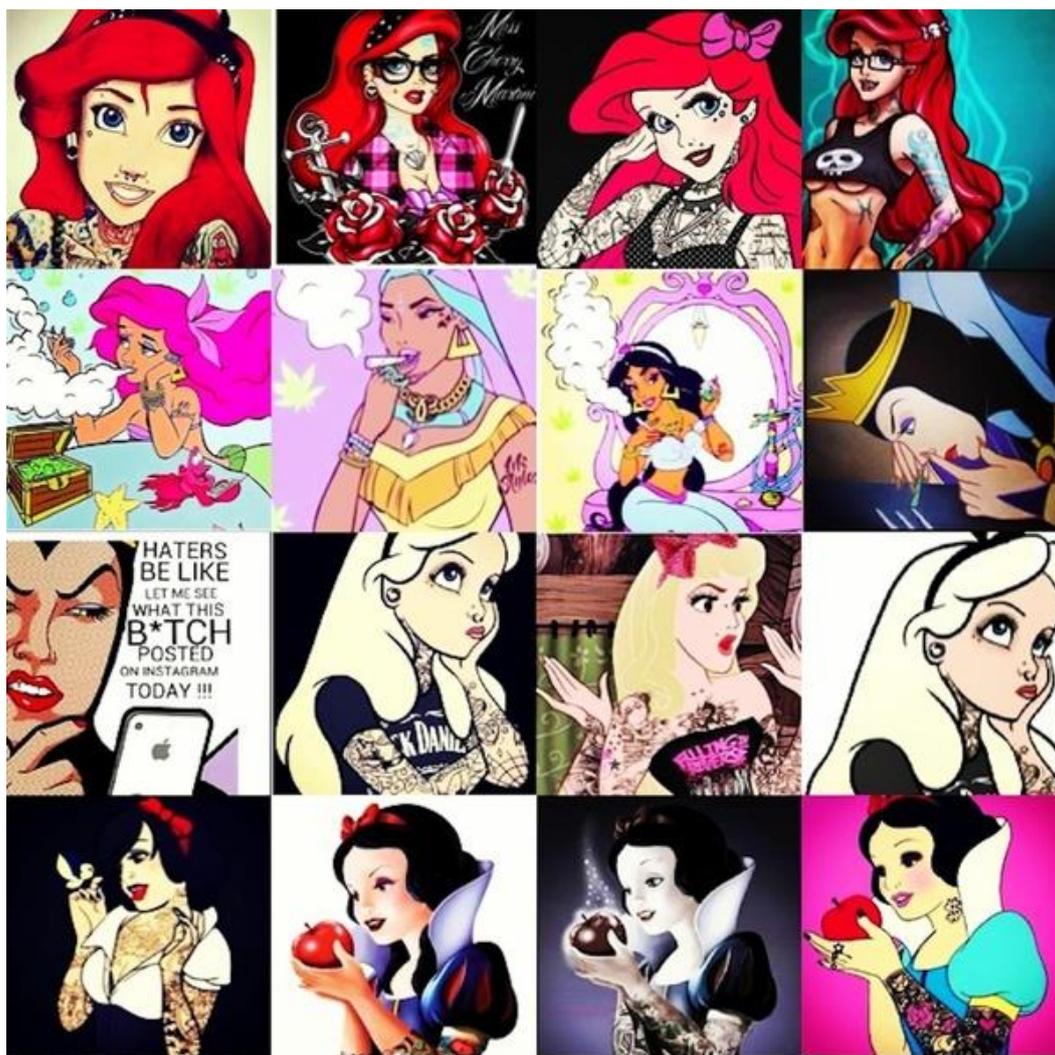


Fonte: Catraca Livre³⁹

³⁸ <http://br.eonline.com/2014/top-15-curiosidades-sobre-as-princesas-da-disney/>

³⁹ <https://estilo.catracaivre.com.br/comportamento/e-se-as-princesas-da-disney-fossem-gordinhas/>

Figura 25: versão punk das princesas



Fonte: Punk Disney Quotes⁴⁰

Esse é apenas um exemplo, mas, ao pensar em cinema, nos filmes mesmo, podemos ver que existe uma padronização da mulher. As mulheres são vistas de duas formas: boazinhas e que não reagem a nada, simplesmente se submetem a tudo o que é ordenado ou então são *femme fatales*, que se utilizam das artes da sedução para conseguir atingir seus objetivos. O corpo acaba funcionando como um “capital simbólico, padronizado pelas construções discursivas de beleza, saúde, juventude, felicidade, tudo homogeneizado em uma aparência ‘natural’; o discurso corrente é de que ‘não tem mulher feia, só está fora dos padrões’.” (ALVES, 2012).

Morin (1997) aponta que o erotismo tornou a mulher em um objeto e não só isso, mas ele também nos apresenta que essa imagem que hoje temos de mulher, não é construída apenas para os homens, mas também para as mulheres, os quais se servirão

⁴⁰ <http://quotesgram.com/punk-disney-quotes/>

dessa representação, que aqui chamarei de constituição, termo mais bakhtiniano; como sendo modelos a serem seguidos. “Essas imagens que provocam o desejo masculino ditam à mulher suas condutas sedutoras [...] é para submeter que a mulher se submete ao ideal de sedução e aos figurinos-modelo do erotismo padronizado” (MORIN, 1997, p. 122). De maneira que aqui temos uma mulher-sujeito em conjunto com uma mulher-objeto, que faz com que a figura da mulher tenha ampla recorrência no mercado midiático.

O arquétipo da mulher moderna, cuja emancipação não se dá somente pelo acesso social às carreiras masculinas, aos direitos políticos, mas também pela hipererotização e pela transformação das servidões domésticas em controle eletrodoméstico. O autor identifica dois modelos de mulher desenvolvidos pela cultura de massa: a boneca do amor e a *good-bad girl*. Para a boneca do amor desenvolve-se toda uma gama de publicidades e conselhos, orientados para os caracteres sexuais secundários (cabelos, peitos, boca, olhos), para os atributos erógenos (roupas de baixo, vestido, enfeites) e para um ideal de beleza esbelto (quadril, ancas, pernas). Já a *good-bad girl* significa, para Morin, a síntese mais espantosa entre o erotismo e o coração. A virgem e a *vamp* clássicas desaparecem, para darem lugar a diversas modalidades da *good-bad girl* que reúne a erotização da *vamp* e a pureza da virgem. “... Esta imagem é representação sublimada da mulher moderna: pintada e enfeitada como boneca do amor, mas buscando o grande amor, a ternura e a felicidade.” (MORIN, 1997, p. 145).

Podemos ver que existem muitas críticas contra as princesas, visto que a idealização de mulher que elas representam, são praticamente impossíveis de serem alcançadas por meninas reais. O fato de que elas sempre estão à espera do príncipe encantado para que venha e as liberte de sua realidade, faz com que muitas mulheres se revoltem. No entanto, é necessário que o contexto histórico seja analisado antes de darmos julgamentos tão peremptórios, por exemplo, Cinderela não pode ser culpada por apenas esperar que seu príncipe a resgatasse – ela é uma mulher da década de 50, e reflete essa época, anterior até à chamada “segunda onda” do feminismo. (BREDEK, 2013). Sendo o cinema uma arte e “uma estrutura *intrinsecamente social*, a criação artística *está aberta por todos os lados às influências sociais de outras esferas da vida.*” (VOLOCHÍNOV, 2013, p.98). Assim, vemos que as mudanças do papel da mulher ao longo do século XX, se dá também na maneira como elas são apresentadas e isso porque como diz Foucault (2008, p.24), em seu livro “Arqueologia do Saber”, antes de analisarmos um autor, ou um livro em especial, é necessário levarmos em conta “uma população de acontecimentos no espaço do discurso em geral”. Ou seja, não podemos

pensar nas princesas, por exemplo, sem antes considerar toda uma série de acontecimentos que embasam sua história.

Pensando na questão das mudanças sociais, das ressignificações que são feitas, temos quatro mulheres/princesas muito interessantes: a Mulan, Rapunzel, Merida e Elsa. Ao assistir os filmes da Disney, vemos que Mulan foi a mulher que não se preocupou em ser um modelo de perfeição feminino, pelo contrário, no encontro com a senhora casamenteira, ela chega despenteada e atrasada e para ajudar, tinha uma cola com as dicas de boas maneiras escritas no braço; ela inclusive tem que recitar os deveres da boa esposa. Ela não é princesa, nem filha de um líder local e não se casa com o príncipe; rouba o uniforme do pai, que era veterano de guerra e tinha um ferimento no joelho - e se alista em seu lugar para enfrentar a invasão dos hunos. Vestida de homem, enfrenta com astúcia o inimigo; é ela quem levanta a moral da tropa para que se tornem um grupo valente de soldados; e também usa o último explosivo para causar uma avalanche e soterrar o exército inimigo. Quando é descoberta, sofre com expulsão, humilhação e é desacreditada. Ao ouvir que os hunos sobreviveram e planejavam invadir o palácio para acabar com o imperador, é ela e um grupo de amigos que conseguem salvá-lo. Recebe então grandes honras e até o próprio líder se curva diante dela. A balada de Mulan, de David Wu (2013)⁴¹ termina assim:

De frente para a janela, ela prende seus cabelos macios como nuvem,
no espelho, ela põe flores amarelas.
No portão, ela encontra seus camaradas,
eles ficaram todos surpresos.
Lutando juntos por doze anos,
eles jamais suspeitaram que Mulan fosse mulher.
Lebres macho gostam de chutar e pisar,
lebres fêmeas têm olhos enevoados e acetinados.
Mas se as lebres correm lado a lado,
quem pode dizer qual é ele ou ela?

É interessante notar nesse filme, que os papéis são bem delimitados, à mulher cabe fazer certas coisas, mas não outras, e a Mulan vem e rompe com isso, ainda incita e deixa claro que a mulher precisa sim saber lutar e defender.

Ela corta os cabelos, enverga trajes masculinos, abdica das fraquezas femininas - faceirice, esquivançar, sustos -, cinge os seios e as ancas, trata seus ferimentos em segredo, assim como se banha escondido. Costuma ser descoberta quando, ferida, o corpo é desvendado; e guerreira; e morre. (GALVÃO; 1997, p. 12).

⁴¹ <https://www.epochtimes.com.br/hua-mulan-a-lendaria-e-corajosa-guerreira/#.Vpk5tfrLIX>

A nova Rapunzel, do desenho “Enrolados”, presa na torre, aprende a se defender sozinha, desenhar e mapear estrelas; ela também faz as tarefas da casa, limpeza e arrumação. O narrador da história é o personagem Flynn Ryder, algo que tornou o filme mais aceito não apenas pelas meninas, mas também pelos meninos. Rapunzel tem os cabelos dourados, que tem o poder de curar e rejuvenescer; algo que é explorado pela bruxa, mãe Gothel, que queria manter-se sempre jovem. Fica presa na torre, e é convencida de que o mundo seria um lugar cruel onde ela não sobreviveria e onde as pessoas iriam explorá-la por causa de seus poderes; é diminuída, sendo chamada de desastrada, ingênua e incapaz. Todo dia do seu aniversário, ela vê luzes subindo (que era a forma como os pais e os demais súditos do reino tinham como um símbolo de esperança de que um dia, sua princesa retornasse), de modo que se torna seu sonho, o de ver pessoalmente essas luzes. Quando Flynn, fugitivo da guarda real por ter roubado a coroa, acaba se escondendo na torre, é nocauteado por Rapunzel, que esconde a coroa. Ela negocia com o bandido dizendo que devolveria o objeto se ele a levasse para ver as luzes e a trouxesse de volta em segurança. Ele não tem muita escolha a não ser concordar. Lá fora, ela descobre que o mundo não era tão cruel quanto a “mãe” dizia; e ainda assim, ela fica se sentindo culpada por ter fugido. Rapunzel descobre ser a princesa perdida, enfrenta a vilã, se apaixona pelo ladrão, Flynn; que tenta salvá-la e é ferido gravemente. Ela então promete que não fugiria mais, se Gothel salvasse seu amado, mas Flynn corta o cabelo dela, libertando-a da vilã, cuja juventude se esvai e acaba morrendo. São as lágrimas de Rapunzel que salvam o jovem Flynn.

Perceba que aqui, embora ainda tenhamos uma princesa, que se apaixona por um jovem, há uma reciprocidade nos sacrifícios que fazem um pelo outro. Não é o moço que vai beijá-la e acordá-la do sono eterno; mas ela o salva da morte, e ele a salva de sua promessa para a vilã.

Em 2012, os estúdios Pixar lançam o filme “Valente”, com a primeira protagonista feminina, ambientado na Escócia medieval. Não é baseado em conto de fadas, mas sim uma história original de Brenda Chapman. É sobre uma princesa Merida, que gosta de arco e flecha, e é ótima nisso; quando mais jovem, inveja a liberdade que os irmãos meninos têm, pois ela tem que aprender a “ser princesa”: delicada, feminina, embora firme; e tem que casar com o primogênito de algum dos clãs. Na disputa por sua mão, ela também entra na competição, lutando pelo direito a si mesma e assim não ter que casar com nenhum deles. E ela vence. O conflito se dá com a mãe, pois esta queria

que ela fizesse as coisas como deveriam ser, como sempre tinham sido. E ela recorre a uma bruxa, para que a mãe “mudasse”, ela se transforma em uma urso. A trama se desenvolve na busca por uma reconciliação entre as duas.

Merida não tem nenhum interesse amoroso; nenhum príncipe encantado aparece para arrebatá-la; ela apenas percorre seu próprio caminho, sem seguir os passos da mãe. E o desejo da mãe, Elinor, é que ela cresça uma jovem sensata e responsável. Merida é de personalidade forte, nada indefesa, luta pelo que quer, valoriza o amor da família, e não tem medo de fazer o que quer, seus cabelos ruivos rebeldes são uma completa fuga do estereótipo de mocinha perfeita, delicada e doce à espera do príncipe.

Figura 26: Valente disputa a própria mão em casamento



Fonte: Cine Mercado⁴²

Pensando essas princesas, é como se Mulan tivesse surgido para que a mulher pudesse questionar sua posição na sociedade, e Merida vem como a mulher que não precisa mais fingir ser homem para poder lutar, se impor e ter a credibilidade que merece. Ela é princesa, “dona do poder que sua realeza lhe dá” (BREDEK, 2013, p.43), e não apenas uma moça bela, delicada e frágil.

Elsa, da animação Frozen, já é mais uma narrativa fantástica, a princesa tem poderes; ela consegue criar gelo do nada. Em uma brincadeira com a irmã, Anna, que acaba sendo machucada; os pais então decidem deixá-la isolada do mundo, para que ela

⁴² <http://www.cinemarcado.com.br/2011/12/23/nova-imagem-de-valente/>

pudesse aprender a controlar seus poderes, sem que ninguém soubesse que ela os tinha. Os pais morrem em uma tempestade no mar; mas Elsa continua escondendo seus poderes. Quando chega a hora, ela é coroada rainha, e na festa, Anna conhece Hans, um príncipe, que a pede em casamento e ela aceita na hora. Para Anna, o casamento era uma forma de escapar da solidão que tinha sido a vida no palácio, já que sua irmã se afastara dela, aparentemente sem motivos – ela não sabia o que tinha acontecido, porque sua memória havia sido apagada. A rainha coloca a cidade toda em um inverno eterno, e Anna vai procurá-la nas montanhas, onde havia se escondido. Anna passa por algumas situações aventureiras, foge de lobos, salva o mocinho dos lobos, salta de um penhasco para outro, tenta escalar uma montanha e finalmente encontra a irmã. Mas, teve seu coração congelado pela irmã, e achando que o que a salvaria era um beijo de amor verdadeiro, ela corre atrás do príncipe, descobre que ele na verdade só queria o trono. Ao pensar que o mocinho, Kristoff, era seu amor verdadeiro, vai ao encontro dele; mas vê o príncipe tentando matar sua irmã, então, se coloca na frente dele, se sacrificando por ela. E esse é o ato de amor verdadeiro.

Hoje, podemos perceber nos filmes, novelas, séries e animações, que há uma tendência, ainda fraca e engatinhando, mas que nos apresenta mulheres que conseguem se resolver, sem depender de homens. Não que seja ruim depender de homem, mas não é só isso, nós trabalhamos, temos sonhos e desejos e isso nem sempre aparece nos filmes. De modo que fica interessante o fato de que a Disney - sendo uma grande formadora de opiniões, e isso é fácil de notar quando vemos as crianças vestidas e fantasiadas como as personagens dos filmes – coloque essa nova forma de olhar o mundo, de enxergar a mulher em suas produções. Lembra quando eu falei um pouco antes, sobre as novas personagens da Disney? Sobre elas não serem mais apresentadas apenas como rivais e inimigas?

Quando vemos a relação de Merida com Elinor; de Elsa com Anna e que elas agora não estão apenas lutando com outra vilã que é sua rival, como era o caso da Branca de Neve, da Cinderela, da Ariel, enfim. Hoje, o amor verdadeiro não é apenas o de um príncipe que venha e beije a mocinha; ele está nas relações e interações de mundo, com a família e amigos.

E, por falar em amor verdadeiro, e lembrando que essa pesquisa tem por objetivo trazer a voz dos telespectadores na forma das fanfics, acredito ser importante, pararmos agora para refletir sobre esse tema. Quando lemos as fanfics, é possível notarmos que em sua maioria, o tema principal, é o envolvimento romântico dos personagens, embora

os episódios dos seriados durem em média 40-45 minutos, com variadas tramas e desenrolares de situações; na série *The Good Wife*, que tem uma advogada, que enfrenta julgamentos, faz investigações para descobrir como defender seu cliente, em que temos aspectos políticos, no caso a carreira política do marido e até mesmo a sua, enfim, temos vários temas sendo abordados a cada episódio, em cada temporada. No entanto, quando buscamos as fanfics, a maior parte trata apenas de romance. Por que será?

T2.E3 De amores e romantismos

“[...] Se achardes o meu amado, lhe digais que estou enferma de amor”.
(Cânticos 5:8).

O amor, assim como as ideias que temos de muitas coisas, passou por mudanças e reformulações, na antiguidade ele tinha uma dualidade que se referia ao ato de *gostar*, de estar apaixonado; e de estar *atraído*, que tinha mais a ver com a relação erótica. Com os poemas de Safo, na Grécia antiga, podemos ver bem esse enaltecimento do erotismo. Com a influência da Igreja Católica, essa parte do amor, é escondida e camuflada, sob a ideia de que é pecaminoso. A mulher é vista como aquela que levou o homem à desobediência, que foi a causa da queda do homem, lá no Jardim do Éden, no Gênesis bíblico.

Mas, em Maria, mãe de Jesus, é encontrada uma nova mulher, uma que poderia trazer o Salvador, então as mulheres passam a ser idealizadas, são colocadas em pedestais e até mesmo idolatradas. Na literatura encontramos vários textos que exemplificam essa idealização, e aqui trago como exemplo o livro *Ivanhoé*, de Walter Scott:

Diz-se que expulsou o próprio filho do seio da família só porque levantou os olhos com afeição para aquela beleza que, parece, somente pode ser adorada a distância e nunca aproximada, senão com pensamentos conducentes ao altar da Virgem Abençoada. (p.28)

Essas são as palavras que usa o Prior Aymer quando fala com o cavaleiro templário, Brian de Bois-Guilbert sobre a jovem, Lady Rowena que haviam de encontrar em casa do senhor saxão, Sir Cedric. Um pai que rejeita o próprio filho por este ter se enamorado da jovem, ao invés de vê-la com os olhos “puros” e inocentes. As

mulheres passam a serem disputadas, por meio de torneios, suas mãos são oferecidas em prêmio ao vencedor, lembra o filme *Coração de Cavaleiro*? Nele podemos ver que o prêmio que seria dado ao vencedor do torneio, além das honrarias, seria a mão da jovem em casamento. Nesse mesmo filme, temos um outro momento interessante, quando o jovem cavaleiro persegue a donzela sem reparar aonde iam, e assim, entram em uma igreja, e o moço segue-a ainda no cavalo. O padre fica bravo e os repreende, quando ele vai embora, a jovem diz ao padre que ela tinha sido “amaldiçoada com uma beleza” e isso mais uma vez nos remete à ideia antiga de que a mulher era alguém que desvirtuaria o homem do bom caminho, que sua beleza era um castigo divino.

Temos então o aparecimento da galanteria, que fazia parte dos rituais de se fazer a corte; eram os jogos de sedução e que não eram apenas para o prazer masculino. A expectativa feminina por uma declaração de amor, essa postura de ser conquistada; o papel de mulher “adorada, mimada, satisfeita”, essas eram as formas de compensação das mulheres que faziam dessa forma de viver, a sua ocupação, a realização de seus sonhos.

“A estes prazeres de escrava” muitas mulheres encontravam – encontram sempre – atrativo. Mesmo os deveres de representação, para nós tão fastidiosos, proporcionam satisfação a muitas mulheres. Apalpar tecidos, escolher aqueles do enxoval, usar uma nova roupa, ser, no mundo negro dos homens, as manchas luminosas tão bem representadas pelos impressionistas, numerosas mulheres provaram dessa felicidade, sem, contudo perceber as armadilhas (ANNALES, 2000, p. 288-289).

Mas isso era para poucos, em sua maioria, os casamentos eram realizados por obrigação e por escolha dos pais. O casamento era apenas uma troca de jugo, da casa do pai, para a casa do marido. Mas, nesse processo de transição, as responsabilidades da casa ficavam ao seu encargo, então nessa função de inspiração, de sonhos a sua realização, pois assim estava confiada “a doçura da sombra” em detrimento da “crueldade da competição” (ANNALES, 2000, p.288).

A partir disso, o amor passa a ser buscado, surge um desejo por amar e ser amado. E aqui podemos recordar novamente o que anteriormente apresentei sobre as princesas da Disney. As princesas são um modelo a ser alcançado em vários sentidos, inclusive no que diz respeito à espera de um príncipe encantado, que irá trazer o amor para que se viva o “felizes para sempre”.

Viver é um ato dialógico e amar é a abertura para a alteridade, é quando amamos aquilo que “é bonito porque nós amamos, e não porque é belo”, que somos mudados.

Nas palavras de Bakhtin “a vida conhece dois centros de valores, diferentes por princípio, mas correlatos entre si: *o eu e o outro* [...]” (2010, p.142, grifo meu).

Idealizamos no outro aquilo que acreditamos que seja o que nos falta e, isso faz com que, ao encontrarmos um amor, coloquemos nele todas as nossas esperanças, acreditando que ele é quem nos completará e, em certa medida, nos completa sim. Mas o fato de que, ao amar, colocamos no outro muito do que nós desejaríamos que ele fosse, muitas vezes não o vendo como realmente é, mas sim só aquilo que queremos ver, acaba por nos frustrar e assim criamos barreiras para nunca mais passar por sofrimento semelhante, não queremos mais sentir esse “vazio”, então aceitamos que não viveremos um grande amor como acontece nos contos de fada, ou mesmo nos filmes românticos.

Mentiram-nos. Disseram-nos que nos amavam. Mas sabemos que a contemporaneidade e toda a história humana que desemboca nessa contemporaneidade mostram-nos um paradoxo. Falam-nos de amor, nunca se falou tanto de amor. Sem amar. Vem-nos outra questão. De que amor, falaram? Falam-nos constantemente do amor à soma das individualidades. Precisamos agora sobretudo amar as relações. Relações de todos os tipos. De todos os lados. Em todas as esferas de nossas vivências. Amar o ódio. Amar o amor. Amar a amizade. Precisamos sobretudo amar o não-amável. Esse é o genuíno amor. Radicalizemos. Amor ao mundo. Amor aos animais e às plantas. Aos amigos e inimigos. Somente assim poderemos compreender a verdadeira dialogia que Bakhtin tanto nos ensinou. A amorosidade dialógica deve ser o centro norteador de todas as relações dos estudos Bakhtinianos. (NAGAI, 2010)

O anseio por um amor é transferido na forma de escrita. O fã, ao ver que em sua série seu personagem preferido não conseguiu a concretude de um amor, coloca a sua vontade no papel. Para melhor exemplificar, disponibilizo aqui alguns títulos sobre as fanfics disponíveis sobre o seriado *The Good Wife*. Não apenas o fã parte para o lado mais romântico da história, como até mesmo as notícias que aparecem falando sobre a série, criam uma expectativa para esse romance. Um exemplo bem recente, é que na nova temporada, a sétima, entrará um novo personagem (homem), o ator Jeffrey Dean Morgan. O título da reportagem é: “*Is Jeffrey Dean Morgan The Good Wife’s New Love Interest? I’ll be happy to jump into that arena!*”⁴³. A primeira frase da reportagem faz a seguinte pergunta: “*Has The Good Wife found her new man?*”⁴⁴ ⁴⁵

⁴³ Será Jeffrey Dean Morgan o novo interesse amoroso de *The Good Wife*? Ficarei feliz em me juntar a essa arena

⁴⁴ Terá *The Good Wife* encontrado seu novo homem?

As fanfictions escolhidas para esse texto foram as disponibilizadas pelo site Need for Fic⁴⁶, visto que estão em português. Aqui são 16 fanfics, sendo delas 4 – PG; 5 – NC 17; 4 – G; 1 – R e 2 – PG 13.

Figura 27: Títulos e Classificações das Fanfics - Need for Fic

	A vida escolhida (PG)
	You Shook Me All Night Long (NC17)
	Segunda Chance (G)
	Thinking of you (G)
	Not Alone (G)
	Não Adianta Tentar (G)
	Solitud (PG)
	O que poderia ter sido? (PG)
	Eu Preciso de Você - NC-17
	Conversando Pelo Messenger (NC-17)
	Threesome (NC-17)
	Sexo Frágil (NC-17)
	Uma Fanfic Para Relaxar (R)
	Amanhã (PG)
	[Friday the 13th] The EVIL Wife (PG-13)
	O quarto mal iluminado (PG-13)

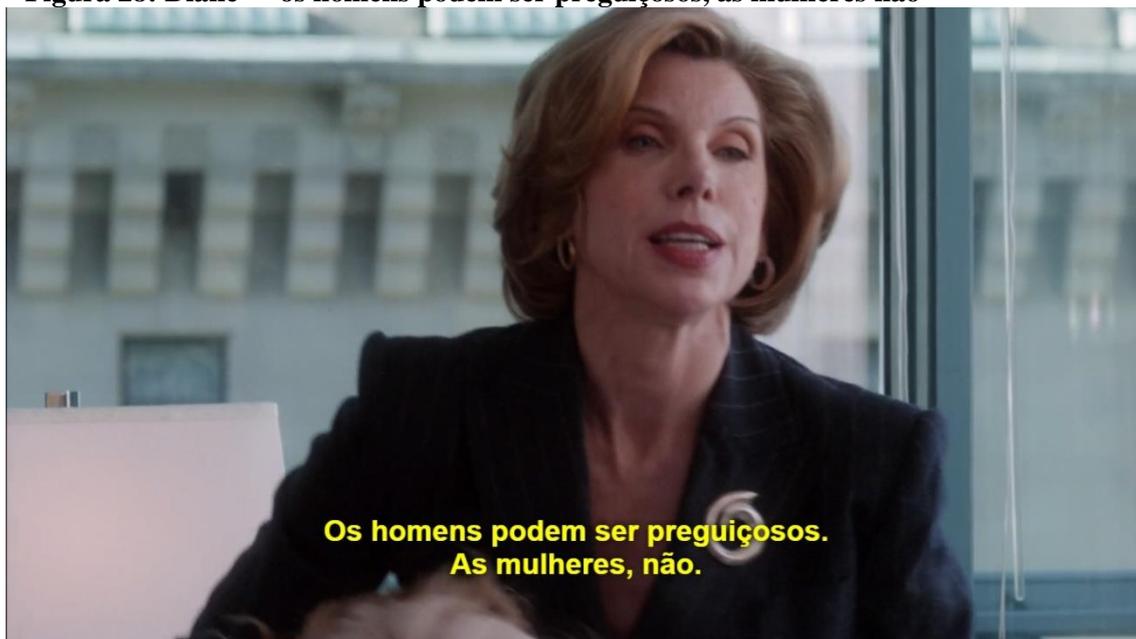
Fonte: Elaborado pelo autor

A série foi pensada para essa pesquisa, porque logo nos primeiros minutos do episódio piloto ocorrem duas situações que chamaram a atenção e trouxeram reflexões pertinentes para a elaboração desse trabalho. Logo nos primeiros 10 minutos, a personagem Diane Lockheart faz duas afirmações: “Os homens podem ser preguiçosos e a mulheres não” e “Não só está voltando ao trabalho bem tarde, mas você tem uma bagagem notável.”.

⁴⁵ <http://www.eonline.com/news/674817/is-jeffrey-dean-morgan-the-good-wife-s-new-love-interest-i-ll-be-happy-to-jump-into-that-arena>

⁴⁶ http://s1.zetaboard.com/Need_for_Fic/index/

Figura 28: Diane - "os homens podem ser preguiçosos, as mulheres não"



Fonte: Netflix

A primeira frase de que “*Os homens podem ser preguiçosos, mas as mulheres não*”, não está indicando por parte da personagem um preconceito, mas sim, uma realidade que ela, também sendo mulher e sócia em uma importante firma de advocacia, está acostumada e assim, ela pretende poupar ilusões à nova funcionária.

A partir da metade do século XX as mulheres conseguem entrar no mercado de trabalho, se libertando dos cuidados com a casa e com os filhos. De maneira que a preocupação de conseguir conciliar trabalho e família, é algo já conhecido, principalmente pelas mulheres. No entanto, o salário pago à mulher era inferior ao dos homens, de maneira que para a esposa da classe média não era tanto uma questão de aumentar a renda familiar.

Se havia um incentivo para as mulheres casadas saírem de casa nesses círculos, era a demanda de liberdade e autonomia; a mulher casada ser uma pessoa por si, e não um apêndice do marido e da casa, alguém visto pelo mundo como indivíduo, e não como membro de uma espécie (‘apenas esposa e mãe’) (HOBSBAWN; 2005, p. 312).

Em uma sociedade em que a mulher tem adquirido cada vez mais importância e visibilidade, é intrigante que, ao ser retratado na TV, ela tenha que ser mostrada como se fosse inferior, e na fala de Diane percebe-se que ainda existem preconceitos.

Diversos estudos têm surgido buscando entender esse fenômeno e possíveis formas de solução, inclusive o Fórum Econômico Mundial, tem apontado que essas

desigualdades têm diminuído. Mas esse é outro processo lento e pelo qual a mulher precisará lutar, pois envolve questões sociais intrínsecas aos homens, à sociedade de forma geral.

Relembrando a parte do domínio masculino, vemos que hoje, embora não seja algo tão evidente ou mesmo tão presente na vida, podemos perceber que ainda alguns subterfúgios são utilizados pelo homem para se impor às mulheres. No seriado isso é explorado, na segunda temporada, no 4º episódio, intitulado “Faxina”, Alicia vivencia uma situação desagradável, quando o juiz Jared Quinn, a interrompe perguntando “O que está vestindo?”; ela fica sem entender e ele diz “Você está vestindo calças” e na sequência diz que “No meu tribunal, exijo que os advogados usem gravatas e as advogadas usem saias”.

Figura 29: Juiz - "O que está vestindo?"



Fonte: Netflix

Essa segunda temporada foi iniciada em 2010, e esse episódio em particular trata de um tema que está mais contextualizado ao se pensar de um ponto de vista religioso. No âmbito social, já foi superado esse preconceito, mulheres vestem o que querem da maneira que bem entendem.

No ano de 2007, Cármen Lucia⁴⁷ foi a primeira mulher no Supremo Tribunal Federal a usar calça comprida no plenário. Até 2000, esse tipo de traje não era permitido, mas era necessário que ainda que se usasse calça, deveria ser acompanhado pelo blazer. Isso em pleno século XXI.

⁴⁷ <http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL11565-5601,00-MINISTRA+QUEBRA+TRADICAO+E+USA+CALCA+NO+STF.html>

No entanto, essa pesquisa traz esse episódio, não pensando no aspecto religioso ou moral, mas sim na falta de respeito demonstrada à mulher. De acordo com Swain (2001):

Apenas os discursos religiosos integristas ou de extrema direita se permitem, na atualidade, declarações de um tal teor pejorativo sobre as mulheres; entretanto, os ditos populares, as piadas, as letras de música e as representações sociais que encontramos em imagens e textos midiáticos reformulam o atrelamento da mulher a seu corpo e à natureza “feminina”.

De maneira que é possível ver que ainda nos dias atuais, se tem resquícios de um comportamento machista no que diz respeito à forma como alguns homens querem que a mulher se vista.⁴⁸ Ao ler as reportagens em revistas femininas, vê-se que há um padrão a ser seguido para que as mulheres possam agradar seus companheiros. Nesse episódio em particular, ao ser apresentada a questão da mulher ter que usar saia, embora essa não seja uma realidade tão comum ou presente atualmente, é possível compará-la com as imposições que sutilmente são feitas no sentido da busca por um corpo ideal.

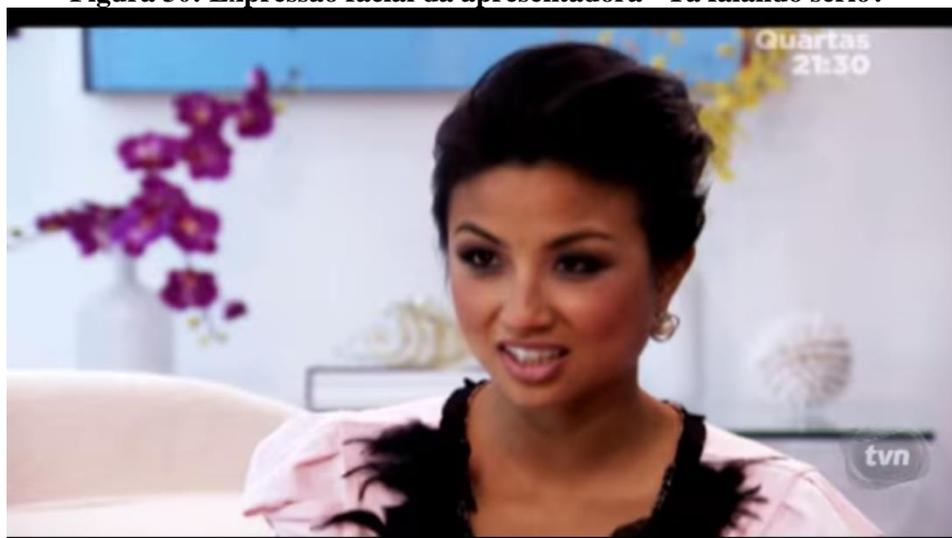
Na indústria cinematográfica ainda são poucas as mulheres que conseguem dirigir os filmes, entre os anos de 2002 e 2012, apenas 4.4 % dos 100 maiores sucessos de bilheteria foram dirigidos por mulheres. Assim, a maioria das produções são feitas por homens. E isso é algo complicado, pois as mulheres que são apresentadas ao público, são mulheres “criadas” por homens, o que traz mulheres estereotipadas que com uma mudança de look conseguem alcançar o sucesso, por exemplo, “Uma linda mulher”; “Casamento grego”, e até mesmo “Diário de uma princesa”, que é baseado em um livro escrito por uma mulher Meg Cabot, em que a personagem principal é retratada com cabelos duros, cacheados, embora seja branca. Mas do que isso, podemos ver nos canais da Discovery Home & Health, entre outros, as “Quartas de beleza”, em que são apresentados programas com transformações de mulheres, que chegam a ser humilhadas por não estarem dentro dos padrões de beleza, por não se vestirem da forma que a moda dita como a correta. Nessas transformações, a prática mais comum, é alisar os cabelos, passar maquiagem, substituir os óculos por lentes de contato e daí para frente.

Para que possamos entender e ver em outros lugares como se dá a “apresentação” de mulheres nas mídias, usarei como exemplo o programa “Mude o meu

⁴⁸ <http://cynthiasemiramis.org/2007/03/16/o-judiciario-e-as-roupas-femininas/>
<http://cynthiasemiramis.org/2009/06/27/roupas-tambem-sao-uma-forma-de-opressao/>

look”, da Discovery Home & Health, logo na abertura tem a seguinte cena: a apresentadora está sentada, conversando com uma moça que diz: “Eu fico feliz quando me visto com o meu estilo”. Ao que a apresentadora responde “Tá falando sério?” a expressão de seu rosto é de descrédito e até mesmo de desprezo. A moça responde: “Eu visto o que eu gosto.” E a apresentadora termina: “Você precisa mudar!”.

Figura 30: Expressão facial da apresentadora "Tá falando sério?"



Fonte: Youtube⁴⁹

Essas cenas são cada vez mais comuns nos programas de televisão. Vestir-se bem, passar uma maquiagem, mudar o penteado de cabelo, fazer exercícios, enfim, são inúmeros requisitos que são cobrados das mulheres. E não estou dizendo que isso seja ruim, afinal de contas, quem não quer estar bem vestido? Ou usar uma roupa que as pessoas elogiem? Isso não é um problema, mas o problema passa a existir quando somos forçados a vestir isso ou aquilo de acordo com o que alguém vem e diz que essa é a forma correta de se vestir. No exemplo dado acima, quando a moça diz que se sente feliz ao se vestir com seu estilo, e a apresentadora esboça a reação da imagem dizendo “tá falando sério?”, podemos ver que somos como que obrigadas a seguir determinados padrões ditatoriais. Como se um banho de loja fosse resolver todos os conflitos e problemas da pessoa.

Nos filmes também são apresentadas imagens semelhantes: por exemplo, o filme “Uma linda mulher” (1990), temos uma moça que é garota de programa e se veste com relativamente poucas roupas, mas que, ao aceitar passar determinado período com o cliente, começa a se vestir com roupas mais finas, dentro da moda daquele tempo e que

⁴⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=EJ-zbpIINqE>

então começa, inclusive, a pensar em voltar a estudar e deixar de ser uma garota de programa. Aí temos mais uma mulher que passa a se valorizar após um banho de loja.

Figura 31: Transformação de Uma linda Mulher



Fonte: Blog da Ana Sofia⁵⁰

Temos também o filme *Diário da Princesa*, que é baseado nos livros de mesmo nome da Meg Cabot. No filme, vemos uma jovem, Mia Thermopolis, que atende ao estereótipo de nerd, óculos, cabelos rebeldes, sem maquiagem, sobrancelha por fazer, gosto duvidoso para se vestir. E depois que ela descobre sua linhagem real, passa por uma transformação “mágica” e passa a ser uma moça com a pele perfeita, cabelos alisados e sedosos, lentes de contato no lugar dos óculos, vestidos sob medida e assim por diante.

⁵⁰ <https://blogdaanasofia.wordpress.com/tag/transformacao/>

Figura 32: Transformação em Diário da Princesa

Fonte: Taiff Mag⁵¹

Quando lemos o livro, percebemos que não é bem assim que acontece. Mia trava um embate duro para não ser transformada, ela se recusa, insistentemente vai contra a vontade da avó de ensiná-la a ser princesa por meio da mudança em sua aparência. Isso é contra os seus princípios; ela chega a discutir com o pai, porque se ela cedesse às exigências da avó, não seria mais ela, e que ela não serviria de boneca para satisfazer alguém. Ela só aceita a transformação, sob a promessa de que o pai faria uma doação diária de cem dólares para o Greenpeace. Mia é como toda garota tem inseguranças, medos, em muitos momentos tem baixa auto-estima; é apaixonada pelo garoto mais popular da escola, mas não consegue nem lhe dirigir a palavra; é vegetariana e se preocupa com os animais. Mas é interessante notar, que ao ser gravado como filme, a personagem não tem muitas atitudes desafiadoras, ela acaba aceitando as transformações que a avó impõe. Por que será isso?

Bom, vejamos um filme um pouco mais recente: “O diabo veste Prada” (2006). Andrea (Anne Hathaway) é uma mulher que quer ser uma jornalista, e que acaba conseguindo trabalhar como assistente júnior de Miranda Priestly na revista Runaway. Andrea é simples e se veste descuidadamente, mas, a partir do momento em que sofre uma transformação e passa a usar as roupas da moda, sua vida muda: começa a trabalhar loucamente; o namorado a abandona, pois não consegue disputar com o trabalho dela; é assediada por um belo escritor Christian; enfim, sua vida vira de ponta cabeça. Mas no final do filme, ela percebe que não quer ser uma pessoa sem valores, pois foi para Paris

⁵¹ <http://www.taiffmag.com.br/lista/6-filmes-com-transformacoes-de-looks>

no lugar da outra assistente Emily, que passara o ano todo se preparando para esse momento, mas foi deixada para trás pela chefe, que preferiu levar Andrea. Então, ela descobre que não quer ser assim, mas que a lição que ela tirava é que pelo menos seria uma mulher melhor vestida.

Figura 33: Transformação em O diabo veste Prada



Fonte: Caroll Sunshine⁵²

Em filmes podemos ver outro desses estereótipos é o de que as mulheres alcançam sucesso na carreira profissional, mas são infelizes no amor; o que faz com que elas acabem por “escolher” o trabalho em detrimento da família. Exemplos: A Proposta; Sem Reservas, entre outros.

Na série Arquivo X, que estreou em 1993 e teve 9 temporadas, acompanha dois agentes do FBI, Mulder e Scully, que cuidam de uma unidade que investiga casos misteriosos. Mulder acredita que a irmã tenha sido abduzida por alienígenas, já Scully é uma médica muito cética que está ali para contrabalancear a credulidade do agente. Nas primeiras temporadas, é possível percebermos que Scully é instruída para ficar atrás do agente Mulder, já nas novas ela lidera, veja:

⁵² <https://carollsunshine.wordpress.com/2015/07/08/as-transformacoes-do-cinema/>

Figura 34: Nas séries iniciais Scully ficava um passo atrás de Mulder, agora ela lidera o caminho.



Fonte: Twitter⁵³

No site bibliográfico da atriz Gillian Anderson, que é Scully, ela nos conta que quando foi fazer a audição para o papel, os produtores executivos da FOX, queriam uma pessoa com mais sex-appeal, mas foi o escritor-diretor que conseguiu mantê-la, pois ela tinha a integridade que exigia o papel.

Os dois tem o papel principal, nenhum é mais importante do que o outro, no entanto, Anderson sempre teve que se esforçar mais para poder ter reconhecimento igual, não por parte dos fãs, mas sim pelos produtores da série. Ela não podia nem andar ao lado dele, devia estar um passo atrás; aos poucos, ela consegue sair dessa posição e avançar para estar ao lado e mais pra frente, inclusive está à frente dele. Nesse ano será lançada uma décima temporada com seis episódios e, por incrível que pareça, os produtores ofereceram para ela a metade do salário oferecido ao parceiro⁵⁴.

Acredito que é importante notarmos que, embora ainda sejam mantidos certos estereótipos e idealizações de papéis e construção de personagens, podemos ver que nos filmes e seriados atuais, cada vez mais transparece uma busca por mudanças, por renovações e reconstruções. Veja por exemplo, os filmes da série *Star Wars*⁵⁵, o papel principal sempre é atribuído à jornada de um homem e o novo filme, *Star Wars: o despertar da força* nos apresenta uma mulher que não está sujeita e subordinada a nenhum homem, a não ser ao “sistema” em que as pessoas de seu planeta viviam. Forte,

⁵³ https://twitter.com/matt_neil1/status/618689299794362368

⁵⁴ <http://www.hollywoodreporter.com/features/x-files-became-a-list-852398>

⁵⁵ Guerra nas Estrelas

independente, guerreira, não fica à espera de algum homem providencie seu sustento, nem que a defenda contra os outros, ou mesmo contra o perigo. O filme também rompe com a idealização de homens ao trazer um *stormtrooper* negro que desenvolve um papel central para o desenrolar da trama.

Para além de discriminações como homem ou mulher, temos outro tabu sendo rompido: o da idade; aos homens dificilmente eram negados papéis por sua idade, mas para as mulheres, já era diferente. Mulheres mais velhas eram apresentadas apenas como as mães, tias solteironas, professoras desvalorizadas e assim por diante. Mas agora, cada vez mais, vemos mulheres em papéis principais, com mais idade. No cinema nem tanto, mas na televisão, há uma abertura maior para essas constituições outras. Veja por exemplo, Claire Underwood de *House of Cards*; Emily Thorne e Victoria Greyson de *Revenge*; Meredith Grey e todas as outras mulheres de *Grey's Anatomy*; Elizabeth McCord de *Madam Secretary*; e assim por diante.

No entanto, é necessário percebermos que, como disse Mafalda Tello (2015) em seu blog “Máfia Pipi”:

Se olharmos bem para o que andamos a viciar no sofá ao sábado à noite, reparamos que no geral uma mulher de sucesso nas escadas do poder é representada como uma mulher forte, confiante, inteligente, independente e tão eficiente como qualquer homem. Mas não podemos deixar de observar que também é vista como alguém que ainda está à procura de provar muito a si própria, sendo difícil por vezes conseguir sentir-se coerente em todos os papéis a que se propõe, seja em casa como mãe, seja no trabalho como chefe.

Nas séries podemos notar que esses estereótipos de mulher ainda estão presentes, mas em menor quantia do que nos filmes. Ao analisarmos *The Good Wife*, temos três mulheres que estão em foco boa parte da série. Alicia Florrick; Diane Lockhart e Kalinda Sharma. De modo que a seguir farei uma breve descrição das personagens.

T2:E4 A boa esposa – Alicia Florrick**Figura 35: Alicia Florrick**

Fonte: Ligados em Série⁵⁶

Alicia Florrick é a personagem principal da série e um dos focos dessa análise. A escolha dela para a pesquisa se deu pelo fato de que vemos que Alicia deixa os afazeres de casa, para poder trabalhar e sustentar a família após seu marido ser preso. Ela nos é apresentada como uma mulher em conflito, que sofre com a traição do marido, e que mesmo assim não consegue assumir um relacionamento com outro homem, porque isso afetaria os filhos e a carreira do esposo. Ela demonstra ao público os conflitos que as mulheres têm vivenciado ao longo de sua existência.

Ela é uma esposa que foi muito magoada quando seu marido, o procurador geral do condado, afirma em público que não era corrupto, mas não nega os casos extraconjugais. Vemos uma mulher ao lado do marido, com o rosto inexpressivo e aparentemente alheio ao que se passava, tanto que ao olhar para a roupa dele, vê um fiapo e quando vai tirar, Peter termina sua confissão e pega sua mão no ar. É interessante observar que, para ele, o importante era se defender da acusação de corrupção, mas não da humilhação que submetera a esposa que estava ao seu lado, com

⁵⁶ Disponível em: < <http://www.ligadoemserie.com.br/2014/07/as-mulheres-mais-bem-vestidas-das-series/>>

relações com prostitutas de luxo. Quando eles saem do palco público, ele pergunta se está tudo bem, e ela desfigurada pela raiva responde com um tapa no seu rosto.

Figura 36: Alicia após a entrevista de confissão de Peter



Fonte: Netflix

Essa cena inicial é impactante pela expressividade que passa, Alicia é a esposa muda, vestida impecavelmente com um blazer formal, paralisada; diante da humilhação pública, ela fica com o rosto inexpressivo, nos dá a sensação de um corpo “presente-ausente, de um manequim de loja na vitrine” (SOUZA, ALVES, 2011, p.4). Note na imagem abaixo, seu rosto perplexo, os ombros caídos, há um desalento em sua expressão corporal; foi pega de surpresa com tudo isso. Um diálogo interessante se dá entre Alicia e Kalinda, a investigadora da firma, no final do primeiro episódio:

Kalinda: Sabe o que eu não entendo? Por que o apoiou. Eu teria enfiado uma faca no coração dele.

Alicia: Eu sempre pensei que faria isso também. Quando eu ficava sabendo dos outros escândalos, das outras esposas. Pensei: “Como podem se deixar usar assim?” Aí, aconteceu tudo isso e eu estava ... despreparada.

Por isso que vemos em Alicia, uma aparente indiferença, ela não esperava nada daquilo. Todos nós, quando nos vemos diante de situações inesperadas, por mais que pensemos que vamos agir de uma ou de outra forma, não sabemos como será quando estivermos diante dela. E, para mim, isso é uma das coisas mais interessantes em Alicia,

nós podemos nos relacionar com ela, podemos ver nela reflexos de nós mesmos diante de muitas circunstâncias da vida. Ela é humana, não um robô sem emoções e sentimentos, ou alguém que está com a vida toda resolvida pela frente, sem nada de novo ou surpreendente. Ela é uma personagem em construção, assim como nós. Kalinda também é alguém que, sendo mais nova, faz e diz o que bem entende. Fico pensando que quando assisti pela primeira vez a série, eu também pensei que “como Alicia podia aceitar aquilo? E ficar ao lado de Peter, mesmo com tudo o que ele fez? Ele realmente merecia ‘uma facada no coração’”. Não é a questão de ser violenta, mas o fato de que a atitude dele é ultrajante e parece que ele não recebe o que merece por isso; talvez seja um desejo por justiça, e até mesmo um pouco de vingança.

Com a prisão do marido, seus bens confiscados, é necessário que ela assuma o controle da família, mude de casa, arrume um emprego para poder se sustentar e aos filhos. E nisso ela acaba tendo a ajuda da sogra, que fica em casa, para cuidar dos netos, enquanto Alicia trabalha.

Durante toda a série, veremos poucas vezes em que Alicia perde o controle e demonstra suas emoções. Uma delas é logo no primeiro episódio, quando ao visitar Peter na prisão, esse diz que era inocente das acusações e abuso de poder; ao que ela fica brava e altera a voz dizendo que não dava a mínima para isso, mas que na escola tinham mostrado um vídeo em que ele era visto “chupando os dedos dos pés de uma prostituta”; e termina dizendo que não iria brigar, e eles mudam de assunto. Um pouco depois, ele agradece que ela esteja bancando a chefe de família e se mostra esperançoso de que a acusação seja revertida: “Os advogados acham que a Corte apelativa vai ouvir meu caso. Se eles vencerem, tudo volta ao normal.”, diz Peter. Ao que ela responde: “Peter, nunca vai voltar ao normal.” (Ep. 1). E isso acaba por nos mostrar que um dos mais antigos estereótipos de gênero “o homem é o chefe de família” ainda está vivo. Ao mesmo tempo, podemos relacionar com a sociedade conservadora em que os personagens estão ambientados: tem dois filhos, viviam em um condomínio de luxo e cercados por famílias semelhantes.

Ela consegue o trabalho na empresa de um amigo e ex-namorado de faculdade, Will Gardner; ao entrar nos tribunais, conversar com clientes e possíveis testemunhas, ela sempre é reconhecida como “a mulher do promotor”. Quando ela está em público, boa parte do tempo, sua expressão é algo impenetrável, séria, fria e até mesmo altiva; sempre controlada, seu modo de vestir é discreto e formal. Em alguns raros momentos a vemos mais solta, com meios sorrisos ao perceber que está levando a melhor nos casos;

quando está com Will, em muitas cenas, ela parece relaxada junto com ele; ou quando está com os filhos, vemos uma mulher diferente, uma mãe, sempre atenta às ligações dos filhos; quando chega do trabalho é retratada com roupas mais folgadas, várias vezes com pijama e uma taça de vinho nas mãos. Ela também parece mais relaxada nas *happy hours* que passa com Kalinda, ao final dos casos. Mas também podemos vê-la brava, irritada, entristecida e aos prantos em alguns momentos.

Souza e Alves (2011) acreditam que Alicia seja uma personagem que esconde os sentimentos, e que passa a impressão de não ter emoções: “mas o que mais chama atenção é a sua máscara facial, incapaz de demonstrar o turbilhão de emoções que se passa no seu interior, seja quando se emociona e se envolve com seus clientes, ou mesmo com sua (detestável) sogra” (p.5-6). E penso que essa análise está incorreta, pois enquanto as situações diárias acontecem para Alicia, podemos vê-la reagir, com sorrisos, sua expressão brava quando algo dá errado, ou mesmo quando fica inconformada com algo que a sogra diga. Vejamos por exemplo, no primeiro episódio, quando Jackie liga para ela e fala que acha que as roupas de Grace (filha da Alicia) estão ruins, pois ela está engordando; diz ainda que “poderia levá-la fazer compras e ajudá-la a encontrar calças que a emagreçam”; ao que Alicia responde: “o peso dela estão bom, não quero que ela tenha problemas com o corpo”. Jackie responde “ela só terá problemas com o corpo se continuar engordando”. Alicia afasta o celular do rosto e faz uma careta e um som de “rosnado”.

Figura 37: Expressões e sentimentos



Fonte: Elaborado pelo autor

Nas imagens acima, podemos ver a situação descrita anteriormente, dela brava com a sogra, e na foto ao lado, vemos o leve sorriso, quando ela consegue que a testemunha contra seu caso, admita o erro. O que leva à sua primeira vitória na corte, após 13 anos sem advogar.

Nas relações de trabalho, temos um comportamento interessante da parte da secretária, Sonia que ela divide com o outro associado júnior, Cary. A postura da jovem

demonstra certa subserviência em relação a Cary, enquanto com Alicia, ela é mais indiferente. No primeiro episódio isso fica bem aparente, logo que ele explica para Alicia, que eles dividiriam a mesma secretária, e ela passa na frente dos dois, e Cary a segue com os olhos; a forma como os dois falam um com o outro, insinua uma relação de poder que poderia se tornar um envolvimento sexual mais para frente. É quando Alicia vence seu primeiro caso no tribunal, que Sonia a elogia, respeita-a um pouco mais, no entanto, sua atitude com Cary continua sendo servil. Em várias situações, vemos que Alicia precisaria da ajuda de uma secretária, e Sonia dificilmente está disponível para ela, pois está sempre correndo atrás das coisas que Cary pede.

Quando eles contratam uma nova secretária, esta divide melhor sua dedicação entre os dois. Acredito que seja importante mencionar, que ela é uma mulher negra e, portanto, talvez esteja mais aberta a compreender que as mulheres teriam que se ajudar mais do que tentar sabotar uma à outra.

É interessante notar como Alicia muda aos poucos, sua aparência inicial de anestesiada, dá lugar a uma mulher intensa nas suas lutas. Logo nos primeiros episódios, quando Glenn Childs pede que ela pare com um caso, para não se tornar “dano colateral” do marido, ela diz que se ele estava preocupado com o marido dela, então ele “obviamente nunca tinha deixado uma mulher com raiva antes”.

Em cada nova temporada, vemos diferentes conflitos pelos quais ela passou e como lida com eles. Mas algo que está presente em todas as temporadas é o fato de que o povo a idealizou como uma “santa Alicia”; ela esteve ao lado do marido apesar de sua traição; e mesmo quando podia se divorciar dele para poder estar livre, ela escolheu continuar o casamento, embora apenas nas aparências.

T2:E5 A advogada super poderosa - Diane Lockhart

Figura 38: Diane Lockhart



Fonte: Ligados em Série⁵⁷

Diane Lockhart diferentemente de Alicia não parece uma mulher em conflitos. Ela é muito bem decidida e aparentemente resolvida com a vida. Feminista liberal democrata e contra o armamento. Casada com Kurt McVeigh, republicano, conservador e defensor do armamento.

A luta dela é em defesa das mulheres ou de grandes causas, por exemplo, as causas contra as indústrias de armas. É considerada a maior especialista em casos litigiosos na cidade e acredita no poder das mulheres nos locais de trabalho. Sua escolha é mais pelo trabalho do que por formar uma família, de maneira que tem alguns relacionamentos afetivos temporários, mora sozinha, em um dos episódios, um jornalista sensacionalista é acusado e sua vingança é declarar no ar que Diane é lésbica. Para ela é tão divertida a situação, que explode numa gargalhada, não se importando com o que alguém que não a conhece diz dela.

Diane passa por uma situação chata quando, no episódio 10 da primeira temporada, ela é convidada para concorrer ao cargo de juíza; sendo indicada pelo partido democrático, sua vitória estava quase certa. No entanto, nesse momento, Alicia faz uma reclamação sobre as sentenças que determinado juiz está dando a jovens negros, com os quais ele é mais rigoroso. Pensando se tratar de um caso racial, ela abre

⁵⁷ <http://www.ligadoemserie.com.br/2014/07/as-mulheres-mais-bem-vestidas-das-series/>

uma reclamação; como Diane apoia Alicia, o convite para juíza é retirado. Seria bom terem mais mulheres juízas, mas desde que elas agissem de acordo com as regras, não importando se eram justas e honestas ou não.

É interessante observar que frequentemente aparecem casos que colocam os ideais políticos de Diane a prova. E não apenas isso, mas ao casar-se com um republicano e que é favorável ao desarmamento, ela passa por algumas situações difíceis. Um desses casos acontece no episódio 16, da sexta temporada “Caren Vermelha”, quando, após uma briga dos dois, eles resolvem passar um final de semana juntos, na verdade três dias de caça no Wyoming, com os homens mais ricos do país. Quando ela reconhece um dos homens, Gil, que seria um “Zuckerberg de Austin, Texas”, tenta fazer com que ele leve seus negócios para sua firma. Diane se aproxima da moça que ela acreditava ser a esposa do jovem, e tenta convencê-lo falando coisas que a jovem disse. Gil se afasta e ela começa a conversar com RD, que conta que Gil havia dito que poderia trazer uma garota de programa, ou uma democrata e que o pessoal tinha votado e escolheram a garota. Ela diz que ele estava brincando, ele diz que não e ela pergunta se teve “uma votação sobre ela”; ele retruca “o que tem você?” e ela “ser uma democrata”. E ele “acho seu marido conservador o bastante por vocês dois”. E logo na sequência eles travam um embate intenso sobre aborto. No final do dia, descobre que RD era ainda mais poderoso do que Gil, e aceita contratar sua firma, pois gosta de trabalhar com pessoas com pensamentos diferentes.

Voltando a questão da sexualidade, podemos perceber que ela é usada contra as mulheres. A estratégia do jornalista foi o de atacar Diane fazendo afirmações quanto à sua opção sexual. Diane é uma personagem que desafia essa dupla moral, a de que homens podem ter várias companheiras e mulheres não. Veja no caso contado anteriormente, de Gil que podia levar a amante e não a esposa para o clube de caça, os demais aceitavam essa situação. E uma personagem que levará essa questão a outro nível é Kalinda, a investigadora da firma.

T2:E6 A investigadora misteriosa – Kalinda Sharma

Figura 39: Kalinda Sharma



Fonte: Huffpost⁵⁸

Kalinda é uma personagem extremamente complexa. Pouco se sabe dela, suas origens, o outro investigador que aparece na série tenta descobrir alguma coisa sobre ela e tem seu carro destruído. Na 4ª temporada seu marido aparece, o que acaba por revelar algumas coisas sobre ela, mas ainda assim, há muito mistério em torno da personagem.

É a investigadora da firma, se torna amiga de Alicia, que ao descobrir que ela tivera um caso com seu marido, Peter, acaba afastando-se. Kalinda é muito competente no que faz, sua ajuda é inestimável na maioria dos casos e é por isso que eles têm tanto sucesso nos tribunais. Sua aparência é radical: roupas de couro, olhos bem destacados, saias/vestidos curtos com meia calça, cabelos presos. Ela é jovem, começa a série com 25 anos; quando Alicia diz que fazia 13 anos que ela não entrava num tribunal, Kalinda responde “nossa, eu tinha 12 anos”. Sua aparência é um misto de personalidade, sedução, sensualidade e mistério. Seu comportamento também indica mistério e ambiguidade, pois para atingir seus propósitos bebe sem ficar bêbada, seduz e se insinua para homens ou mulheres. No primeiro episódio, temos a cena de Kalinda, que para obter as gravações de uma filmagem, ela desabotoa a blusa, sai do carro e segue para a sala onde está o guarda. Na série mais um tema que é abordado é o fato do uso do corpo pelas mulheres para obterem vantagens. Kalinda é uma jovem que sabe o que quer, e tem posturas que demonstram isso; não se importa com o que tem que fazer para que

⁵⁸ Disponível em: <<http://i.huffpost.com/gen/1473906/thumbs/o-KALINDA-SHAMAR-570.jpg?3>>

possa levar a cabo suas investigações, e não tem problemas em misturar negócios e prazer.

Usar o corpo para atingir algum fim, não é prerrogativa apenas das mulheres, na série temos o advogado Louis Canning, que sofre de discinesia tardia, um distúrbio das atividades motoras, que causa movimentos involuntários do corpo, que explora abertamente esse distúrbio para alcançar a simpatia do juiz e do principalmente do júri. Quando ele aparece pela primeira vez na série, segunda temporada episódio 6, Alicia o encontra do lado de fora do tribunal, vê que ele anda mancando, e abre a porta pesada para ele. Ele então pede que ela procure seu passe de ônibus, que provavelmente haviam caído perto do carrinho de café. Isso a atrasa para a escolha do júri, quando ela entra na sala e o vê, percebe que tinha sido uma estratégia para atrasá-la. Outra pessoa que também faz isso, é a advogada Patti Nyholm (1ª temporada, episódio 5), que está grávida e usa isso para distrair e parar com os interrogatórios que seus clientes tinham que responder, ou mais pra frente no episódio 17, quando já teve o bebê e usa isso como pretexto para conseguir adiamentos no julgamento em que está participando, colocando e tirando a chupeta na boca da criança, para que esta chorasse.

Figura 40: Louis Canning e Patti Nyholm



Fonte: Elaborado pelo autor

Mais um exemplo, é a advogada Nancy Crozier, jovem e bonita que se aproveita de sua aparência e do fato de ter vindo de uma cidade pequena para conquistar a simpatia do júri e do juiz. Por exemplo, no caso que ela aparece é de um homem acusado de matar a própria esposa, o acusado em questão tinha hábitos sadomasoquistas e a advogada durante os questionamentos age como se estivesse sendo obrigada a fazer as perguntas, pois estaria muito envergonhada. As expressões em seu rosto são bastante convincentes, sua voz trêmula, olhando as anotações o tempo todo, como se não soubesse ainda o que dizer. Diz que está ficando “vermelha”, pois tudo isso seria novidade para ela; usa a mãe que falava “quando não souber, pergunte”, ao mesmo

tempo em que olha para o júri. Quando o réu explica o que seria a prática de asfixia erótica, ela dá um sorriso sem graça, diz que precisa se sentar, a expressão desnorreada em seu rosto. No entanto, é o sorriso de leve que ela exhibe para a defesa que mostra sua satisfação e nos faz perceber que ela não é assim tão inocente quanto aparenta e que é uma estratégia calculada.

Figura 41: Nancy Crozier



Fonte: Elaborado pelo autor

Em vários episódios, vemos outra questão importante ser explorada, que é a de aparência. Ser belo ou feio; se está vestido com pudor ou não e isso não é apenas com as mulheres, mas também os homens. Veja por exemplo, no episódio 18 também da primeira temporada. O episódio inicia com os jurados discutindo a inocência ou culpa da ré; com o empate de 6 a 6, uma das mulheres diz que isso era porque a ré é bonita, então os homens não lhe atribuíam a culpa, como se ser bonita não a tornasse “capaz” de matar. Outro jurado diz que é porque ele não confiava no policial, quando ele diz isso, outro jurado diz que é porque o policial usava brinco e não tinha feito a barba, então uma mulher afirma que “homens usam brinco hoje em dia”.

Figura 42: Deliberações do júri

Fonte: Elaborado pelo autor

Note que a aparência é algo que influencia na forma como as pessoas serão vistas e julgadas e esse episódio mostra muito bem isso. Tanto que quando Will fala seus argumentos finais para o júri, ele também usa a aparência da jovem para dizer “você acham que essa jovem seria capaz de cometer assassinato?”.

Cada uma dessas mulheres, Alicia, Diane e Kalinda, são três gerações que nos mostram diferentes etapas e fases da vida de uma mulher. Jackie também é muito importante por nos mostrar certa manutenção de um modo de vida. Enquanto Alicia e Diane são retratos das mudanças ocorridas em seu tempo, Jackie não quer mudanças, ela é pura e simplesmente uma mãe, como uma leoa pronta a defender seus filhos; Kalinda já nos mostra outra realidade, um olhar diferente da vida. E se pararmos para ver outras mulheres que aparecem no decorrer da série, veremos que cada uma reflete algo de diferente, por exemplo, Becca, a namorada de Zach (filho da Alicia), jovem de 16 anos, que faz as coisas à sua maneira, tem uma hora que ela dá para Zach um CD com músicas árabes e diz que assim ele conseguiria o que quisesse dos pais. Enquanto está na casa dos Florrick, ela usa o twitter para postar informações sobre Peter e Alicia, para falar que Alicia tinha um caso com Will. Ela é uma jovem de sexualidade bem desenvolvida, despreocupada com as ações de seus atos no fim das contas.

Outra jovem interessante é uma estudante de Direito que conhece Will quando este está presidindo um tribunal para uma sala de aula de uma colega, em um simulado; quando a moça lhe pede orientações, ele ensina e no dia seguinte, no tribunal, ela diz

que ele deveria “se recusar”, por ser tendencioso com ela, por ter lhe explicado como conduzir o interrogatório. Ao final do episódio, ela vai à firma Lockhart & Gardner, pede para que ele jante com ela (ela pagaria), e quando ele diz que pensaria, ela senta e fica à espera de sua resposta. Mais adiante, os vemos em um restaurante, e ele descobre que ela é filha do terceiro homem mais rico da Europa e então pede o vinho mais caro. Ela manda para ele de presente, um vinho de oito mil dólares com um bilhete “como está sua masculinidade agora?” (epi. 23)

Figura 43: Will recebe um vinho de oito mil dólares de uma jovem estudante



Fonte: Elaborado pelo autor

Na segunda temporada, enquanto Peter está em campanha, um terceiro candidato surge, Wendy Scott-Carr. Ela aparece na série, vaza um depoimento do atual promotor Glenn Childs, deixando a impressão de que Alicia teria feito isso para beneficiar Peter. Eli segue o moço que leva os documentos vazados e chega na juíza Victoria Adler, que é a mesma que havia oferecido e retirado logo após, para Diane o cargo de juíza. Diane apresenta para ela motivos pelos quais ela não deveria concorrer, mostrando que ela seria julgada por ser “mulher e não por ser corrupta”; então, durante um evento, Victoria anuncia quem seria o terceiro candidato: Wendy Scott-Carr. No discurso, Victoria diz que sempre se dizia que uma mulher concorreria, que era só esperar mais quatro anos, mas que “de vez em quando, precisamos de uma mulher para limpar a casa. É hora de limpar a casa”. Quando Wendy pega o microfone ela diz: “minha mãe e avó limpavam casas, então acho que posso continuar a tradição” (epi.4)

Wendy é uma candidata negra e a associação de que é necessário uma mulher para limpar a casa, mostra certa tendenciosidade no sentido de que a mulher negra, muitas vezes é mostrada como empregada doméstica. E o interessante é que, ao fazer seu discurso, ela diz que:

Eu poderia dizer que estou concorrendo por ter grandes ideais, mas na verdade [...] é por uma fonte. Eu tenho duas filhas. E há essa fonte perto do tribunal de que eu sempre gostei. E eu as levei para ver. E não estava funcionando. Então procurei a manutenção. Mas disseram

que o empreiteiro tinha um acordo com um vereador. E ele me disse que não havia recursos disponíveis. O dinheiro havia desaparecido. Como temos acesso aos níveis de corrupção? Como fazemos para a fonte funcionar de novo? Obrigada. (epi. 5)

Ela é uma pessoa fantástica: canta lindamente, doa 10% do salário para a igreja, trabalha na cozinha comunitária uma vez por mês, é voluntária na escola pública das filhas, leva uma vida simples. E a própria filha dos Florryck, Grace, aparece em um vídeo apoiando-a e diz que “ela é coerente. Com o Obama, política ficou interessante de novo”.

Figura 44: Wendy Scott-Carr



Fonte: Bitch Flicks⁵⁹

Em busca por um motivo para fazer com que ela retirasse sua candidatura, Eli sai à caça de algo que possa usar contra. Descobre então que ela estava indo ao médico para “aumentar o seio”, e que haveria gasto 19 mil dólares em dois meses. Ele consegue fazer com que esses dados cheguem ao pessoal do outro concorrente, para que eles usem e assim não fiquem mal vistos. Em entrevista ela diz que fez as cirurgias por ter sido tratada por câncer de mama estágio 2, com duas mastectomias. Essa ninguém esperava, então mais uma vez vão à caça de alguma outra coisa que possa ser usada, e descobrem que durante 5 anos ela teve uma babá que era ilegal no país; mas mesmo assim, eles não conseguem que o povo desgoste dela. No entanto, ao encontrarem a mesma informação sobre Glenn Childs, então ele acaba se desligando da corrida para procurador de Estado; deixando apenas Wendy e Peter. No final das contas, quem vence é Peter.

⁵⁹ <http://www.bitchflicks.com/2013/03/women-of-color-in-film-and-tv-so-is-there-a-racial-bias-on-the-good-wife.html#.VrpXHfkrLIU>

Há algo de um pouco ruim nas mulheres negras que são apresentadas nas séries, porque normalmente elas aparecem como pessoas amarguradas e vingativas, como é o caso de Dana Lodge e Geneva Pine, ambas trabalham na promotoria, são excelentes advogadas, mas por serem mulheres e negras, acabam passando por situações embaraçosas, e muitas vezes não são reconhecidas. Por exemplo, no episódio 12 da 2ª temporada, Geneva fica aborrecida por ver que Cary foi elogiado pelo promotor, Glenn Childs, e ela que trabalha com igual intensidade e dedicação nunca ouviu nenhuma palavra de encorajamento. Quando ela diz isso para Cary, ele diz “bom trabalho, Geneva”, ao que ela responde “sim, ter um pênis ajuda”, indicando que isso acontece por ela ser mulher e nem tanto por ser negra.

No entanto, Cary sobe de nível hierárquico, passa a ter um escritório maior do que o delas, e um outro promotor, também negro, Matan, sempre aparece nesse papel de amargurado. Matan trabalhava a mais tempo do que Cary, mas ele não subiu de nível; os episódios em que ele aparece, normalmente ele faz observações sarcásticas sobre Cary ser privilegiado porque bajula os chefes. Outro homem negro que aparece é Derrick Bond, que entra como sócio na Lockhart & Gardner, mas que acaba querendo sabotar Diane e removê-la da firma. Julius, outro associado da firma, também aparece algumas vezes e ele faz o papel de “briguento”, sempre discutindo com o pessoal, principalmente com David Lee, advogado de direito familiar.

Repare que é recorrente que o papel dos negros, nessa série, acaba sendo estereotipado nesse sentido, embora muitos sejam bem sucedidos econômica e profissionalmente, eles parecem ser pessoas que estão sempre “lutando contra tudo e contra todos”. Enquanto alguns papéis são revisitados e reconstituídos, outros ainda permanecem iguais, mas não podemos realmente generalizar, pois atualmente temos inúmeras outras séries no ar e várias delas revistam algumas dessas constituições, como é o caso de Scandal; da websérie brasileira Empoderadas⁶⁰, entre outras.

De um lado temos Diane, nascida e criada no período do final do século XIX, início do século XX, que prioriza o trabalho ao invés da família, sua realização pessoal; que viveu e ainda vive a liberdade sexual conquistada por sua geração. Sua segurança é ameaçada com a presença da mulher mais jovem, Alicia. E embora ela se preocupasse em ajudar outras mulheres a alcançarem o mesmo que ela, em ensiná-las e guia-las por

⁶⁰ https://www.youtube.com/watch?time_continue=24&v=Q6wHgvWqkGo

esse caminho de sucessos e conquistas profissionais, ela também tem medo, de ter esse seu lugar tomado, de ser substituída. Talvez seja o medo do envelhecimento.

Quando Alicia entra na empresa, assume um caso que era de Diane, e ao mudar a estratégia para o julgamento, sem avisar a ninguém, Diane se embravece e conversando com Will, diz que Alicia era uma novata que não se achava uma, e Will responde que ela (Alicia) estava pegando provas que Diane havia ignorado e continua “você é mentora dessas mulheres até que começam a competir com você e você [...]”; é então que ela sugere que tirassem Alicia de titular no caso e passassem para Cary. Embora essa situação não seja muito explorada, o que transparece é justamente esse medo, pois não apenas Alicia é outra mulher, que havia encontrado discrepâncias e evidências que ela havia ignorado, mas também é a esposa do procurador de Estado, que vivera em Highlands Park (o condomínio que eles moravam antes do escândalo). Também aqui temos a questão do *status* social, pois ela responde para Will que ensinar Alicia não era uma questão de ensinar “novos truques para um cão velho, mas a um cão de renome”.

Aos poucos, conforme a série vai passando, vemos que as atitudes de Diane com Alicia mudam, elas passam a se aceitar, ajudarem uma à outra, o medo do envelhecimento ou de ser substituída, desaparecem. Tanto que – no terceiro episódio da sétima temporada, Alicia não está mais na mesma firma - Diane está procurando jovens mulheres para orientar. Conversando com uma moça, ela fala que mulheres se ajudam e que ela orientou muitas excepcionais, inclusive Alicia Florrick e que queria orientar outra pessoa agora, elogia o trabalho da moça, sua diligência, sua ousadia nas opiniões jurídicas e que não valia a pena ser conservador. Conclui dizendo que gostaria de se reunir uma ou mais vezes na semana para essas orientações e desenvolverem estratégias. Ao que a moça responde se isso significaria mais horas, pois acredita que não poderia dar conta de tudo, por ter um namorado agora. Ela o conhecera online, Diane tira os óculos, se inclina para frente e pergunta “você entende que isso é uma honra?”, e ela “sim, completamente.” E começa a explicar euforicamente, que ela queria que esse relacionamento desse certo, que os dois tivessem tempo um para o outro, pois no último namoro, estava tão focada na carreira e até onde poderia chegar que havia cortado os laços românticos. É interessante notar as expressões da jovem ao falar tudo isso, seus olhos se arregalando, pois uma vez mais, a mulher se depara entre escolher a carreira ou um relacionamento amoroso. E Diane vai conversar com Cary (que agora é seu sócio) e pergunta “esses novos estagiários parecem menos comprometidos?” ao que

ele responde: “não, eu acho que cada geração de advogados olha para as outras e acha que não são dignos” e Diane: “isso, mas esta geração não é. Eles estão preocupados com seus namorados e longos dias de trabalho”. Cary diz então que “eles procuram mais equilíbrio em suas vidas. Mais tempo de lazer. E isso é uma coisa boa”. É então que ela pede uma reunião com os sócios, com o intuito de ajudarem Alicia com casos novos, pois eles não poderiam trazê-la de volta para a firma, senão RD os deixaria.

Os embates ideológicos se dão em todo o tempo, o velho e o novo, o igual e o diferente estão no mesmo lugar. As coisas mudam e continuam iguais ao mesmo tempo. Medos trocam as formas, mas ainda querem dizer as mesmas coisas.

Ao olharmos para Alicia, vemos a mulher do século XX, que se questiona sobre as perdas e ganhos da emancipação feminina ao notarem que suas conquistas não foram acompanhadas por novas atitudes e modos de vida dos homens. Nesse período temos uma volta aos ideais românticos de um casamento feliz com filhos, lembre que Alicia abdicou do direito de trabalhar para cuidar do marido e dos filhos. Ela só volta ao trabalho forçada pelas circunstâncias, nos casos em que participa se sai muito bem, extremamente capaz; na primeira temporada a vemos muito preocupada com os filhos, acredito que até certo ponto, ela talvez se sinta um pouco culpada por não ter mais tanto tempo para eles, tendo que recorrer à ajuda da sogra.

Kalinda já é totalmente diferente, jovem e consciente de seu corpo, de seu poder de sedução, segura de si mesma em todos os aspectos. Sua vida não se resume a estar presa em apenas um relacionamento amoroso, tanto que tem várias cenas em que beija o detetive Anthony; bem como com uma agente do FBI. Cary também tem um caso com ela.

Cada novo personagem que aparece na série, nos faz pensar em muitas coisas, vemos episódios que abordam temas interessantes e polêmicos. Talvez seja um pouco inocente da minha parte, mas penso que, quando vemos esses episódios, mais do que um passatempo, é um momento para refletirmos também. A realidade norte americana não é a mesma que a nossa aqui no Brasil, mas somos muito influenciados em várias áreas por eles, de modo que, ao assistirmos esses seriados, podemos ver que existem circunstâncias que sobrepujam as fronteiras.

Mulheres são menosprezadas e tem que lutar por reconhecimento em quase todos os países, não apenas nos Estados Unidos. Preconceitos com negros existem de longa data e em todos os cantos. Veja aqui no Brasil, temos muitos negros, mas ainda assim, temos poucas figuras negras em cargos de liderança política. A legalidade ou não

do aborto sempre causa polêmica. A questão do desarmamento também não é uma discussão facilmente resolvida. Enfim, são muitos itens que temos para refletir e que levariam uma vida e ainda assim não teríamos soluções para todos. Mas é necessário um repensar, precisamos nos conscientizar e começar as mudanças.

Vamos agora conhecer um pouco mais sobre a história da fanfic, e como isso pode nos ajudar a compreender a forma como os fãs respondem a todos esses estímulos que são fornecidos por meio dessa série.

3ª TEMPORADA

Título: A Constituição da Mulher no Seriado *The Good Wife* – dialogia no seriado e na fanfic

Autor: Ana Luzia Chavez Gomes

Categoria: Dissertação

Advertência: Spoiler de vários fatos importantes que ocorrem na série ao longo das seis temporadas.

Classificação: PG

Temporadas: 1

Episódios: 3

Completa – Em andamento

T3:E1 Fanfiction ou a Cultura Participatória

A cultura de fã ou cultura participatória, originária do inglês *participatory culture*, que é uma maneira de se designar uma subcultura em que os fãs se apropriam de conceitos e personagens, sem se preocupar com direitos autorais ou quaisquer restrições legais, para criar um novo produto. Ou seja, uma pessoa poderia criar um conto usando um personagem conhecido, por exemplo, o Coringa, do Batman, em que ele não seria um vilão, mas um herói. Embora isso possa entrar na questão dos direitos autorais, a indústria cultural acaba por relevar, pois assim continuará tendo retorno do seu público, se não fosse assim, poderia despertar a antipatia dos fãs; o que lhe traria prejuízos.

O fã quer saber o máximo possível sobre aquilo a que ele devota tanto do seu tempo e interesse e, muitas vezes, o que o autor oferece não é suficientemente satisfatório, sob o seu ponto de vista.

Há no ser humano, uma curiosidade sem fim. O interesse de saber e de conhecer cada vez mais está enraizado em si. De maneira, que quando o que o autor original publicou já não consegue responder a todas as perguntas que o fã tem, esse passa a criar, em uma tentativa de trazer essas respostas. E não apenas isso, mas como escreveu Félix (2008) “para um fã, às vezes não basta consumir o material originalmente disponível, ele também tem que entrar nesse universo ficcional, o modificando e o complementando”.

A palavra *fandom* é uma junção das palavras inglesas *fan* (fã) e *kingdom* (reino), portanto, reino do fã.

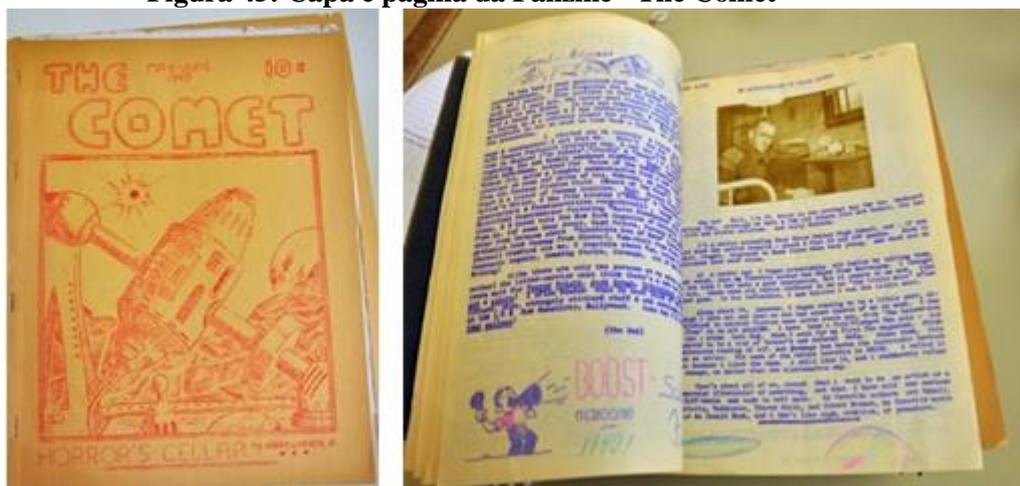
A origem das *fanfics* remonta aos séculos XVII e XVIII, quando as pessoas insatisfeitas com os finais, recriavam de acordo com seu desejo, não eram em computadores ainda, nem disponibilizados para tantas pessoas como hoje, na verdade, alguns autores como Lewis Carroll, com *Alice no País das Maravilhas*, que criou várias versões do mesmo texto; ou ainda Sir Arthur Conan Doyle com *Sherlock Holmes*. É com a propagação da internet, a partir do século XX que as fanfics se tornam mais populares e atingem um número maior de pessoas, com sua disponibilização nos *blogs*.

O primeiro exemplo da cultura de participação dos fãs é com as *fanzines* (junção das palavras inglesas *fan* e *magazine*, ou seja, revista de fãs). Surgida nos Estados Unidos, as *fanzines* falavam principalmente sobre histórias em quadrinhos e continham não apenas comentários dos mesmos, mas também histórias neles baseadas. A expressão

“fanzine” surgiu em 1940, cunhada por Russ Chauvenet. Em uma época anterior à disseminação da internet, os fanzines, que eram revistas amadoras e até mesmo artesanais, eram a única forma de se ter mais informações sobre seu seriado favorito ou discutir com outros fãs algo que lhes interessasse.

“*The Comet*”, de Ray Palmer (1930) é considerado como o texto pioneiro dos fanzines.

Figura 45: Capa e página da Fanzine "The Comet"



Fonte: UCTV – University of California Television⁶¹

Os fanzines tinham como principal foco a divulgação de informações e a criação de espaços para debates sobre aspectos da ficção científica (e, posteriormente, outros temas, como histórias em quadrinhos, seriados, livros, etc.). No entanto, seu aspecto principal era o ser feito *por fãs para fãs*, sem fins lucrativos, tendo inclusive distribuição gratuita, alguns recebiam um valor simbólico, pelo custo da produção; os colaboradores mesmo não recebiam nada por isso.

Aqui no Brasil, o primeiro fanzine foi “Ficção”, de Edson Rontani, criado em 1965 e que trazia textos sobre quadrinhos.

⁶¹ <http://myuctv.tv/2012/07/10/it-came-from-riverside-10-notable-fanzines-in-the-eaton-collection/>

Figura 46: Fanzine "Ficção" - Edson Rontani



Fonte: Blog do Beto Zulu⁶²

A publicação utilizava o termo “boletim” para se designar, pois aqui a expressão “fanzine” tornou-se popular posteriormente, isso por causa das publicações direcionadas à comunidade punk, sendo que o termo fanzine foi relacionado com dezenas de publicações do movimento punk entre o final dos anos 60 e meados dos anos 80. A partir dos anos 80, os fanzines sobre histórias em quadrinhos cresceram bastante no Brasil, trazendo artigos relacionados ao assunto e também publicando HQs produzidas por artistas brasileiros que não conseguiam outro espaço para divulgar seu trabalho.

O surgimento e expansão da internet, fez com que as fanzines saíssem do papel e entrassem também no meio eletrônico, o que o tornou mais barato e aumentou seu alcance. Isso não fez com que ele fosse exterminado do papel, mas é mais fácil encontrar blogs e sites sobre temas específicos, sendo possível ver que recebe influência das fanzines de papel, pela maneira como são desenvolvidos e editorados.

A fanfiction, que pode ser traduzida para o português literalmente como “ficção de fã” e abrange as histórias que os fãs criam sobre personagens e/ou universos ficcionais de que gostem, e isso inclui o cinema, histórias em quadrinho ou qualquer outra mídia. Aos seus escritores dá-se o nome de fanfiqueros ou *ficwriters*.

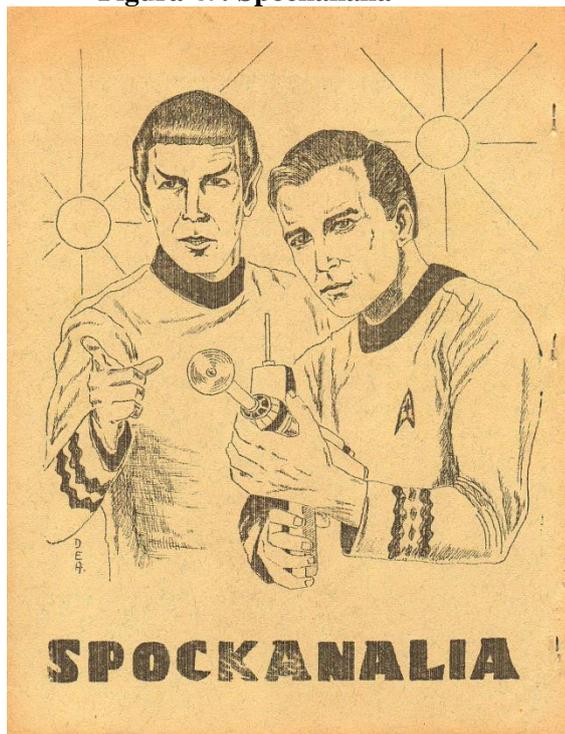
⁶² <http://www.blogdobetozulu.com.br/2014/04/o-que-e-fanzine.html>

Félix (2008) conta que na literatura grega, que é baseada em um universo mitológico, vários autores acabaram por se utilizar desses mitos criando novas versões com o fator “o que poderia ter sido” incluso. Essa criação é parecida com o fenômeno que hoje conhecemos como *fanfiction*, para ele a principal diferença entre as histórias criadas a partir dos mitos gregos e a *fanfiction* é que esta é mais que um texto semelhante, é sim uma história que tem sentido apenas dentro do seu cânone e que é feita para os adeptos desse cânone, assim é uma *história criada por fãs para fãs* (2008, p.121-122, grifo meu). Vargas (2005, p.21) dá a seguinte definição para *fanfic*:

[...] uma história escrita por um fã, envolvendo os cenários, personagens e tramas previamente desenvolvidos no original, sem que exista nenhum intuito de quebra de direitos autorais e de lucros envolvidos nessa prática. Os autores de fanfiction dedicam seu tempo a escrevê-las em virtude de terem desenvolvido laços afetivos fortes com o original.

A fanfic surge da maneira como hoje conhecemos no mesmo período das fanzines, ou seja, final dos anos 60 e início dos 70, devido aos seriados de TV. O primeiro fanzine que se tornou fanfic foi o norte-americano *Spockanalia*, baseado na série Jornada nas Estrelas, sendo uma homenagem a um dos personagens mais populares, o alienígena Spock.

Figura 47: Spockanalia



Fonte: Amazing Stories Mag⁶³

As histórias criadas por fãs são bem aceitas pelos outros, mas algumas vezes encontra nos autores originais certa resistência, por exemplo, Anne Rice, inclusive entra com processos contra, proibindo as tentativas de criação de novos materiais com seus textos. Ao mesmo tempo, encontramos J. K. Rowling, autora de Harry Potter, que estimula a criação, pedindo apenas que não sejam materiais pornográficos (WATERS, 2004). A própria indústria cinematográfica, por exemplo, a *Paramount* permitiu a criação de duas antologias de fanfiction selecionadas em concurso, do seriado Star Trek. O presidente da DC Comics, Paul Levitz declarou oficialmente na convenção New York Comic Con de 2008 que a empresa não é contra quem usa seus personagens, desde que não tenham fins lucrativos (YOUNG, 2008).

Alguns outros exemplos de escritores que não só estimulam como também já escreveram fanfics: E.L. James – autora de “50 tons de cinza”, que era uma fanfic de Crepúsculo e acabou virando livro e inclusive filme; Meg Cabot – autora de “O diário da princesa” e Cassandra Clare – autora da série “Instrumentos Mortais” e “As peças Infernais”

⁶³ <http://amazingstoriesmag.com/wp-content/uploads/2014/02/RG-Cameron-February-7-illo-5-Back-Cover.png>

Nas *fanfics* encontramos não apenas versões diferenciadas para os personagens principais de determinado texto original, seja ele na forma de um livro, de um filme, de uma novela, de um seriado, de desenhos, animes, mangás, jogos e assim por diante. Existem *fanfilms* – filmes de fãs; *songfics* – *fanfics* elaboradas a partir de uma música e *fanarts* – artes criadas pelos fãs também.

O uso indiscriminado da internet proporcionou a oportunidade de que cada vez mais pessoas possam ser ouvidas por seus pares. O meio literário também traz muitas exigências para permitir que um texto possa ser publicado; mas com o surgimento da internet, isso se perde um pouco, pois por meio de blogs, fóruns e etc., é possível que qualquer pessoa possa publicar e ser lida por seus semelhantes. É interessante observar que nos sites que disponibilizam as *fanfics*, existe uma categoria: “*Originais*”, que não conta com histórias de fãs de algo pronto, mas sim pessoas que criam novas histórias e disponibilizam ali, abrindo mão da oportunidade de lucrarem com seus escritos.

Existem diversos *sites* de *fanfics*, tanto gerais (como o FanFiction.net e o nacional Niah, *fanfiction.com.br*; *need for fic*) quanto específicos (Aliança 3 Vassouras, com *fics* sobre Harry Potter, de J. K. Rowling; ou o *Wonderful Fics*, sobre a série da década de 90 - Arquivo X), além de blogs (como o *Previously on ER*, sobre o seriado ER: Plantão Médico), comunidades virtuais e fóruns dedicados seja à *fanfiction* ou à obra original a ser retratada (MARTINELLI, 2013). As *fanfictions* tem uma forma de organização e termos próprios. Podem ser classificadas por faixa etária; público ao qual se destina ou tipo.

São variadas as conotações dadas às *fanfics* no sentido de quererem enquadrá-las dentro de alguma categoria específica da linguagem, da literatura, de gênero ou subgênero da literatura: derivativo ou apropriativo, enfim; no entanto, Jacques Derrida propõe o termo *Archontic* que significa “arquivos que estão sempre em expansão e nunca são fechados completamente.” (DERECHO, 2006, p.61) e isso pode ser entendido no sentido de que não há uma hierarquização e nem mesmo uma repetição dos textos, mas sim, há uma polifonia de discursos, várias vozes que conversam e transparecem nos pontos de vista, que provocam um alargamento dos sentidos, que nunca são definitivamente terminados, mas sim que estão em constante construção e ressignificação.

Quando um autor escreve, há uma necessidade de que ele pense no seu público alvo, um texto de Antonio Fais é excelente para exemplificar o papel do leitor e do escritor:

[...] Na escrita e na leitura, o escritor é o cavalheiro e o leitor a dama. Cabe ao bom escritor saber ler de antemão os desejos do leitor, para, da melhor forma possível conduzi-lo no salão de nossa imaginação, bailarem ambos por horas a rodar pelo salão. O leitor tem que confiar em seu parceiro, entregar-se em seus braços por inteiro e deixar-se levar noite adentro, sem tentar conduzi-lo ou olhar ao redor para ver quem mais dança pelos salões. (FAIS, 2006, p.9-10)

A leitura e a escrita são uma arte e não deve ser realizada de qualquer jeito, há todo um processo, uma confiança entre o escritor e seu público. O sujeito se torna fã, quando sua devoção passa a existir e seu interesse é atingido no mais profundo do seu âmago. De modo que o escritor tem que ser aquele cavalheiro, que deixa a dama a sonhar e expressar seus desejos, mas tendo uma mão firme por trás, dando dicas do caminho a ser percorrido e, não só isso, mas essa mão cavalheira deve ser sensível para conseguir constatar o desejo não só das costas da dama, mas também de seus pernas e pés, de tudo que há nela, para assim estabelecerem uma comunhão e então inventarem novos passos e caminhos. (FAIS, 2006, p.10)

E é nesse processo da criação de novos passos e caminhos que essa pesquisa se baseia; a *fanfic* se refere exatamente a isso. Não se pode dizer que todos os fãs terão a mesma opinião ou desejo de algo acerca da mesma história original, quando se leem as *fanfics*, encontramos os mais diversos tipos e gêneros de histórias, sejam aquelas mais romanceadas no sentido de unirem (*shipparem*) um determinado casal – sejam heteros ou homossexuais; como aquelas em que o foco principal está nos fatores sociais e psicológicos que envolvem cada personagem. Dessa forma, dentro das próprias comunidades dos fãs, são encontrados caminhos alternativos de acordo com a interpretação, preferência e contexto de cada um. Os fãs estão sempre atentos aos produtos que vão surgindo e que tenham relação com aquilo que se interessam. Quando os autores originais ainda estão vivos, eles inclusive acabam usando algumas coisas que os fãs escrevem para poder acrescentar à sua obra; outros preferem que suas obras não sejam utilizadas para a produção de uma *fic*, por exemplo, Anne Rice e Nora Roberts – essas chegaram a pedir a retirada do ar de *fics* baseadas em suas obras. Outros autores, produtores de livros, séries e filmes são mais envolvidos e disponibilizam caminhos, pistas e brincadeiras para os fãs poderem participar. Essa interação cria uma relação mais próxima entre o autor e o leitor.

O interesse pela fanfic acontece por vários motivos,

Desde a vontade de conhecer a visão dos fãs sobre a série até o fato de que só nas fanfics podem haver situações que o criador do seriado não permitiria, como por exemplo o fato das fanfics virem a suprir uma

carência de romance no seriado. Ainda há o fato de muitas pessoas acharem que apenas um episódio inédito por semana (uma média de 22 por ano) é muito pouco, e que muitas pessoas leem fanfics apenas por gostar, pois as histórias são muito criativas e por vezes surpreendentes (FARIA, 2000).

O processo de publicação e aceitação da fic na comunidade, não é um processo complicado, pois a inserção de um fã dentro desta, faz com que quando ele publica, seja facilmente aceito pelos demais fãs. Isso não quer dizer que qualquer coisa poderá ser publicada, existe todo um conjunto de normas e respeito que regem esse ambiente, tendo inclusive punições para os que não cumprem com as regras⁶⁴.

O fato de uma obra ter recebido um “Fim”, não necessariamente esgota todos os sentidos que ela pode ter, e isso podemos ver nas *fic*s; pois de certa maneira, elas são uma prática de releituras, que podem inclusive ser uma criação coletiva. Vemos no texto de Sampaio (2011) que a *fic*, ao ser publicada e lida pelos outros fãs, recebe comentários, e por meio desses, é possível que o *ficwriters*, que é o novo autor da *fic*, possa dar uma continuidade à sua história e, muitas vezes, os comentários dos outros fãs, traz novas perspectivas ao escritor, que poderá continuar a história de acordo com o que eles pedem. E é nisso que entra o conceito de dialogismo de Bakhtin, que dirá sobre o fato de que “os enunciados não são indiferentes uns aos outros, nem autossuficientes; são mutuamente conscientes e refletem um ao outro... Cada enunciado é pleno de ecos e reverberações de outros enunciados” (apud STAM, 1992, p. 73) e de intertextualidade em Julia Kristeva, segundo a qual “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto” (KRISTEVA, 1974, p.64).

A enunciação em Bakhtin – ou no Círculo de Bakhtin, não é o mesmo que enunciado, principalmente não tendo a ver com o que a linguística costuma trabalhar, ou ainda com o sujeito da enunciação de Benveniste – que se “apropria” da língua, como se ela existisse independentemente dos demais falantes, já no Círculo temos que o sujeito é socialmente constituído por meio da linguagem: sua consciência é *sígnica*, ele não preexiste. Nas palavras de Ponzio “O falante não se *manifesta* no diálogo, como se fosse já dado fora dele, como se tivesse um caráter já definido antes, nem o diálogo é *prelúdio* para a sua realização fora dele. O falante se realiza no diálogo e apenas nele.” (2011, p.14-15, grifos do autor).

⁶⁴ Regras de Envio de fic: no site Fanfiction - http://fanfiction.com.br/pagina/9/regras_de_envio
 Regras do Need For Fic - http://s1.zetaboards.com/Need_for_Fic/topic/3122834/1/

Para Bakhtin (2006), não existe enunciação fora do contexto sócio ideológico: cada falante tem um horizonte social bem definido, pensado e dirigido a um auditório social também definido. Podemos dizer então que a *enunciação procede de alguém e se destina a alguém* (grifo meu). Dessa forma, ela propõe uma réplica, uma reação do outro; a enunciação é compreensível na interação dos falantes. (RECHDAN, 2003).

De acordo com Volochínov pode-se dizer da interação verbal, “[...] que ela se desenvolve sob a forma de *intercâmbio de enunciações*, ou seja, sob a forma do *diálogo* e que este representa a forma mais natural da linguagem”. (2013, p. 163, grifo do autor).

Essas relações dialógicas estão impregnadas com a valoração de um ouvinte e de auditório potencial. E nesse ponto, destaco o que foi citado acima acerca de que o sujeito é socialmente construído pela linguagem e uno com o que foi dito sobre o diálogo. Quando se tem dúvida sobre uma decisão a ser tomada, o sujeito pensa nos prós e contras de cada uma das opções que estão diante de si, nesse processo se dá uma discussão interior em que outras vozes falam, e é então que as palavras de Volochínov (2013, p.165) se tornam mais presentes ainda: “E sempre uma dessas vozes, independentemente de nossa vontade e de nossa consciência, coincide com a visão, com as opiniões e com as valorações da classe a que pertencemos.”.

De maneira, que voltando ao tema *fanfic*, podemos encontrar a dialogia nos próprios textos das *fic*s. Aqui paramos para apresentar um pouco sobre a polifonia e depois daremos sequência acerca da dialogia na *fanfic*.

T3.E2 Polifonia ou as várias vozes em diálogo

Encontramos a polifonia, por meio de Bakhtin, em sua análise dos textos de Dostoiévski, quando ele nos mostra que a diferença de Dostoiévski dos demais escritores, não está na variedade de personalidades, de vidas e de dramas que povoam seus romances, mas sim a “multiplicidade de vozes e de consciências independentes” (BAKHTIN, 1981, p.5), mas também no fato de que os personagens não parecem fazer uma reprodução do pensamento do seu autor, mas são donos do seu próprio discurso. De forma que podemos dizer da polifonia que é o “resultado da expressão de diversos indivíduos autônomos e livres em relação ao autor”. (SOERENSEN, 2009). É aqui que temos um cenário onde a voz do autor e a voz do herói são colocadas no mesmo plano:

A voz do herói sobre si mesmo e o mundo é tão plena como a palavra comum do autor; não está subordinada à imagem objetificada do herói como uma de suas características, mas tampouco serve de intérprete da voz do autor. Ela possui independência excepcional na estrutura da obra, é como se soasse ao lado da palavra do autor coadunando-se de modo especial com ela e com as vozes plenivalentes de outros heróis. [...] Para Dostoiévski não importa o que sua personagem é no mundo, mas, acima de tudo, o que o mundo é para a personagem e o que ela é para si mesma (BAKHTIN, 1981, p. 6; 45)

Pensando a dialogia, podemos acrescentar o que escreveu Fiorin que as relações de sentido “não se dão apenas no face a face.” (2006, p.18), assim, em contrapartida com as *fanfics*, vemos que elas retornam para um enunciado original e a partir desse, construir a sua própria versão. Na literatura, podemos ver que a dialogia está presente, na verdade, a semelhança dialógica é tanta, que é possível encontrar vestígios dos demais enunciados com os quais dialogou, de modo que os romances, as tragédias, a ficção científica, sempre serão parecidos uns com os outros. Mas por não serem exatamente idênticos são considerados dialógicos. Quando se lê uma *fic* é impossível não perceber a semelhança que tem com seu cânone; mas em sua *fic*, é possível que o *ficwriter* possa modificar tudo aquilo que está no original, de acordo com a sua imaginação e com as interações estabelecidas com os outros fãs. A *fic* não é apenas uma tentativa de subverter a história original, mas é também a possibilidade de completar um pouco mais o que já estava pronto. De acordo com Volochínov (2013, p.15) “Não se trata [...] de dizer sobre elas uma última palavra, mas de acrescentar à cadeia infinita outras palavras”. O *ficwriter* acrescenta ao texto original, a sua própria voz, se faz ouvir e entender, ele se expõe e dá a sua voz para que outros também possam dela se apropriar e complementar posteriormente.

Voltando ao seriado, podemos ver que a construção de mulher que é feita no seriado, ao ser (re)apresentada pelo fã, percebemos certa semelhança. No capítulo 2, quando falei sobre a questão da mulher ter que deixar de lado o trabalho para cuidar da casa, filhos e marido, exemplificando com um trecho da série em que a personagem afirma que deixou o trabalho para cuidar dos filhos e de Peter.

Na *fanfic* intitulada “50 tons de Will Gardner”, de autoria de Carissinha, disponível no site fanfiction.net, podemos ver que os fãs, reagem de forma semelhante a Alicia, no sentido de pensarem que a personagem estaria em conflito com a escolha entre ter o que quer ou pensar nos filhos. Na *fic*, Alicia decide que apesar de não poder ter um caso com Will, seu chefe, poderia ao menos fantasiar sobre e manter um relacionamento à distância. Ao exprimir os pensamentos da personagem, Carissinha

escreve: “Alicia costumava pensar nas consequências das suas ações, *colocava seus filhos em primeiro lugar, até a campanha de Peter era uma preocupação constante [...]*”⁶⁵ (2012, grifo meu). Em outra fic, Carissinha ainda apresenta uma Alicia que sempre está preocupada com ser uma “boa esposa”: *Agora as coisas eram diferentes. Era mãe e precisava se manter fiel ao seu marido enquanto ele estivesse preso, independente das traições cometidas.* (2010)

Aqui vemos que da mesma forma que Alicia teve que abdicar de seu trabalho para se dedicar aos filhos e à carreira de Peter quando era mais jovem, mais tarde, mesmo trabalhando em uma firma, sendo uma excelente advogada, ela ainda coloca filhos e mesmo a carreira do marido à frente de sua possível “felicidade”.

Ainda pensando nessa questão dos cuidados da casa e marido, temos em outra fic “A vida escolhida”⁶⁶, escrita por Dedê, disponível no Need for Fic; uma breve descrição dos afazeres de Alicia enquanto grávida da filha Grace:

Alicia grávida de seis meses, andando o mais rápido que conseguia pelos corredores do supermercado. Nem um pouco segura de si e morrendo de vergonha do barulho que seu tênis fazia. O cabelo completamente despenteado com uma mecha presa nas mãos gorduchas de seu filho de catorze meses. Ela segurava o pequeno Zach com o braço direito, enquanto o esquerdo carregava uma mala azul repleta de fraudas, mamadeiras e dois mordedores. Alicia foi deixada para enfrentar um dia comum como outro qualquer. Pegar o terno de Peter na lavanderia, levar Zach para aula de natação e depois passear com o menino no parque. Alicia aproveitou o dia para ficar longe de casa, aquele lugar parecia uma prisão. (DEDÊ, 2010)

Mais do que cuidar das coisas da casa, Alicia é retratada pelo fã como se tivesse deixado de ser uma pessoa “glamorosa”, ou seja, a advogada elegante que era antes de casar e ter filhos. Na mesma fic citada acima, vemos isso:

Existira uma época na qual a vida de Alicia era glamorosa. Uma época que, ao sair de um elevador, ela mantinha a cabeça erguida e orgulhosa enquanto todos viravam descaradamente para ver a dona dos sapatos Jimmy Choo que soavam ao contato com o chão de mármore. Hoje aquele som poderoso e elegante havia sido substituído pelo barulho irritante que seu tênis molhado fazia depois de ter pisado uma poça d’água. (DEDÊ, 2010)

Anteriormente, quando apresentei as princesas da Disney, falei delas no sentido dos ideais praticamente impossíveis de feminilidade que elas apresentam, na idealização

⁶⁵ <https://m.fanfiction.net/s/8756685/4/>

⁶⁶ http://s1.zetaboard.com/Need_for_Fic/topic/3533163/1/

dos corpos. No entanto, ao estudar um pouco mais sobre elas, encontrei um estudo interessante, que as analisa de acordo com o tempo histórico em que foram criadas.

Branca de Neve (1937), Cinderela (1950) e a Bela Adormecida (1959), são as princesas clássicas, sempre à espera do Príncipe Encantado. Branca de Neve, ao ser abandonada na floresta, devido à inveja da madrasta, chega à casa dos anões e sua primeira reação é limpar a casa e cozinhar. Cinderela é castigada pela madrasta, sendo obrigada a limpar a casa. Retornamos às fanfics, o trabalho de casa é visto como uma espécie de castigo e até mesmo certa anulação da mulher: Ela sentira a brisa suave bater em seu rosto enquanto sentava no banco do parque vigiando Zach cambaleiar pelo gramado. *Aquela sensação sim era de liberdade. Uma mulher livre, não uma dona de casa.* (DEDÊ, 2010, grifo meu)

Em outra fic, temos uma postura diferente da escritora:

Não havia se submetido a ele por 15 anos porque se achava na obrigação de fazê-lo. Apenas gostava, gostava sim de ficar em casa cuidando dos filhos, cuidando da casa, cuidando de Peter. Gostava de frequentar reuniões escolares, reuniões para discutir a altura da grama da vizinha, horário para se ligar as mangueiras de irrigação. Era uma sensação de boa. Simples. Nada de problemas complexos. Nada de assassinos. Nada de problemas econômicos. A vida era muito mais leve. Mas sem nenhuma emoção. Era fazer o básico. Sabendo que o básico não mais lhe bastava. (L.O.R, 2011)

Aqui ela não vê como um castigo o cuidar da casa, do marido e dos filhos; no entanto, era uma vida monótona, sem emoções. E também, ao lermos a fic completa, podemos perceber que mais do que mostrar o lado de romance entre Will e Alicia, a escritora apresenta um caso em julgamento no tribunal, o que demonstra que apesar do amor romântico chamar muita atenção nas fics, outros aspectos que são abordados na série atraem a atenção do fã.

Com a chamada “segunda onda feminista” já não há interesse do público em belas moças à espera do príncipe; de modo que surge outra mulher: A pequena sereia (1989), esta é curiosa e desafia o pai querendo conhecer o mundo humano. Nas lacunas deixadas pela série, os fãs entram com suas teorias e os possíveis “como teria sido” surgem. Na série sabemos que Alicia e Will se conhecem dos tempos de faculdade, e que pode ter havido um romance entre eles que foi interrompido por Peter, que se tornou seu marido. Nas fanfics, vemos essa “rebeldia”, quando Dedê propõe que quem pediu alguém em casamento, foi Alicia. Ela era apaixonada por Will, que já tinha namorada, então Alicia busca fugir dos seus sentimentos, dormindo com Peter. Alicia

ficou com medo e pediu Peter em casamento: – Vamos fazer uma loucura, Peter? Fugir e nos casar. (DEDÊ, 2010).

Na série, vemos Alicia como uma mulher em conflitos, ao mesmo tempo em que luta para continuar como uma boa esposa, uma boa mãe. E a segunda temporada tem uma foto interessante, que apresenta Alicia em meio aos colegas de trabalho, o marido e os filhos, bem como a sogra, mostrando a amplitude de relações que ela lida no dia a dia; mas sua postura agora, diferentemente da primeira temporada é a de uma mulher empoderada, alguém que está se assumindo e tornando responsável por muito mais do que a relação familiar. E isso não é algo novo, mulheres trabalham e lidam com as famílias desde sempre.

Figura 48: A emancipação de Alicia



Fonte: Universal Globo⁶⁷

A esposa traída, com roupas impecáveis, mas apática, dá lugar a uma mulher brilhante e independente, que quer novos rumos para sua vida. E nesse processo de mudança, vemos que a alteridade acontece independente de qualquer circunstância e de qualquer pessoa; e é um processo diário. Pensando na alteridade, acredito que nas fanfics, mais do que simplesmente as várias possibilidades de interpretação dos fãs sobre os sentimentos de Alicia pelo marido ou então por Will, podemos ver que na escrita das fanfics, eles entendem essa relação como alteridade dialógica, pois acreditam que a relação da Alicia com alguém a transformou e a tornou a pessoa que é.

⁶⁷ <http://universal.globo.com/programas/thegoodwife/materias/evolucao-de-alicia-florrick-em-good-wife.html>

Alicia Florick: Advogada, mãe de família, esposa.

Será que ainda sou esposa? Fui casada com Peter por tantos anos. Na verdade fui feliz e o amei. Porém, os meus sentimentos por ele não são mais os mesmos. Quando tudo mudou? Não tem um momento específico. Talvez tudo tenha sido um processo lento e gradual que me transformou na mulher que sou hoje. Durante esse processo me conheci. (GABYMATOS, 2010)

No entanto, quando lembramos a história da mulher, todas as agruras e dificuldades, as superações que foram vivenciadas, é possível perceber que essas dificuldades ainda estão presentes em nossa vida. Não superamos totalmente. Digo isso, pois ao ler as fanfics, vemos uma descrição da Alicia em que ela está em conflito com o fato de ser esposa e agora ter esse papel como que “arrancado” dela. Quando o marido a trai e é preso ao mesmo tempo, ela precisa se ressignificar enquanto mulher. Mais do que apenas esposa, agora ela é mãe e sustentadora do lar.

Magoada, irritada, ferida, mas tendo que deixar todos os seus sentimentos de lado, pois tinha papéis a cumprir. Primeiro era mãe, do tipo que faria qualquer coisa por seus filhos. Segundo, uma esposa, traída é verdade, mas que nesse momento difícil iria ficar ao lado do marido.

Sempre que via ou ouvia falar de um escândalo sexual em que as esposas ficavam ao lado daqueles homens, Alicia se perguntava porque elas se submetiam aquilo. Era tão humilhante. Agora se via na mesma situação. E não conseguia enxergar outro modo de agir. É claro que não queria Peter na sua cama naquele momento, mesmo amando o marido. E também não sabia se o casamento ia durar. Mas em uma situação como aquela, ficar ao lado da família, e isso incluía Peter, era o certo a fazer. Não era nela mesma que tinha que pensar agora. Era hora de ser forte e lutar pelo bem estar de sua família, e isso, no momento incluía Peter. Depois que tudo passasse, eles veriam como iam resolver os problemas do casamento. Primeiro precisava arrumar um emprego, pois a situação financeira havia mudado muito, desde que o escândalo virou público. Não dava mais para manter a vida cheia de luxo que tinham, agora era o mundo real, e nesse mundo ela era a provedora da família. Só não sabia como ia sustentar seus filhos. Não tinha nenhum emprego em vista. A não ser... Teve uma idéia que talvez pudesse resolver por hora os seus problemas. (CARISSINHA, 2010)

Os valores e ideologias são socialmente construídos e ficam enraizados em nós, ao mesmo tempo em que são transformados; “[...] Não é vista como estável e homogêneo, mas também como algo que se transforma com a sociedade e se constitui na sua heterogeneidade” (GEGE, 2010, p. 16-17). Vemos que com o tempo, muitos valores mudam, são reconstruídos, ressignificados, situações que num primeiro momento seriam considerados errados ou porque não, pecaminosos. Sobre ideologia ainda o Gege (2010, p. 54) nos apresenta o seguinte ponto:

Entendemos a ideologia, portanto, como esse jogo de valores e ideias constituído ao longo da nossa sociedade através de diferentes grupos sociais, seja para mascarar a realidade (quando é uma ideologia dominante, da forma que nos mostrou Marx), ou seja, para responder a esse mascaramento (um desmascaramento da realidade). O importante é lembrar que sempre que temos uma ideologia oficial em jogo, temos também uma resposta da ideologia do cotidiano no interior do próprio signo. Essa última é a ideologia que instabiliza toda uma interação verbal e que faz cair qualquer tentativa de objetivar um signo. Se temos a ideologia oficial estável, temos uma ideologia do cotidiano instável”

Alicia, boa parte do tempo, vive esse conflito de valores, e isso não apenas na série, mas nas fanfics. São as ideologias em conflito, nesse processo de estabilização-instabilização que constitui as relações. O amor é em grande parte idealizado, romanceado, no capítulo 2 vimos um pouco sobre como surge o amor, não apenas no sentido erótico, mas o amor sentimental. Em nossa sociedade, a valorização do casamento é grande, de maneira que mesmo com todas as mudanças, ainda existem preconceitos quanto à mulher divorciada ter um amante. O homem pode ter outras mulheres, mesmo casado; mas a mulher não pode ter outros homens, ainda que divorciada, especialmente sendo uma figura pública. Na série, vemos que Peter traiu a esposa, foi preso e, no entanto, ainda conseguiu vencer as eleições para a promotoria e posteriormente para governador. No entanto, Alicia, ao ter uma conversa por telefone com Will, ainda na primeira temporada, quando este diz que quer ter um relacionamento, ela responde que precisa de um plano, pois “tenho a imprensa esperando para revelar um novo escândalo”. Com essa frase, podemos perceber isso: uma mulher tendo um relacionamento fora do casamento seria “um escândalo”, é inapropriado e ela é então considerada uma desonra, bem como perde o apoio das pessoas. Na fanfic, esses conflitos de Alicia estão presentes, pois ela não consegue decidir se pode assumir um relacionamento com o homem que ela talvez ame, Will, porque ainda está casada com Peter, que precisa de sua ajuda:

Peter estava preso fazia poucos meses e, apesar de tudo que o marido havia feito, não deixara de amá-lo. Sentia muito carinho pelo colega de trabalho, havia até se interessado por ele uma vez, quando estudavam juntos, só que eram amigos, nada poderia acontecer. Mas nos últimos tempos achava que Will a tratava de maneira diferente, mais íntima, carinhosa. Alicia se perguntava se não havia segundas intenções nisso. Se houvesse teria que cortar o mal pela raiz. Peter precisava dela, não era o momento para ter um caso, principalmente com Will, de quem seu marido morria de ciúmes. Chegava a ser engraçado. Se o advogado estivesse realmente interessado em ter algo com ela, e seu marido soubesse, não ia dar certo, mas seria

extremamente interessante ver a forma que Peter reagiria aquilo. Mas ela era mãe e não tinha certeza do que estava acontecendo. Era melhor tirar aquilo da cabeça. Kalinda não tinha nada que ficar falando sobre esse assunto e colocar idéias na mente dela. Dizer que eles tinham uma relação mal resolvida. Não havia nada de mal resolvido. Ou havia? (CARISSINHA, 2010)

Nos comentários que os outros fãs postam nas fanfics, há um que me interessou para essa análise: "Muito interessante, pois mostra como fica a mente de uma mulher que foi traída pelo homem que ama e é pai dos filhos dela, pois não é porque ela foi traída que vai deixar de acreditar nos valores que sempre fizeram parte de sua identidade" (ALICE, 2010).

É interessante observar que, na construção da personagem na série, podemos ver que ela muda gradualmente a cada temporada, desde a insegurança que ela demonstra na primeira temporada, cada susto e sobressalto com os acontecimentos.

Alicia chegou cedo ao escritório. Estava ansiosa, apreensiva, irritada, confusa. Uma verdadeira bagunça. Seus sentimentos estavam misturados e ela não sabia como acalmar a avalanche emocional que sentia. O julgamento de Peter estava bastante avançado, talvez ele saísse da prisão e voltasse para casa. Voltar para casa, esse era o problema. Havia vivido 15 anos com ele, tinha filhos, e agora não sabia como iria lidar se eles tivessem que voltar a viver juntos. Ela havia mudado muito durante os meses em que seu marido ficou na prisão, como mulher, profissional, não era mais a pessoa passiva que foi humilhada publicamente. Ainda representava o papel de esposa paciente, que estava ao lado do marido a qualquer custo. Mas não era mais essa pessoa. Aceitaria Peter de volta em casa, era mãe e precisava pensar nos filhos, que queriam o pai em casa. Por eles faria qualquer coisa, o que não significava que queria dar aquele casamento mais uma chance. Estava extremamente confusa, realmente não sabia o que fazer. (CARISSINHA, 2010)

Logo na primeira temporada, aparece um advogado novo, Ryan Alprin, que costuma fazer perguntas pessoais no meio das discussões e preparações para os interrogatórios e, em determinado momento ele quer saber por que Alicia não divorciou e ela se recusa a responder. Ele então diz que ela era alguém que “seguia ordens; a forma como se veste, como age; mas há uma parte de você que quer liberdade, quebrar regras [...] você gosta de pessoas que a assustem” (epi. 7). Quando um pouco mais adiante, ele diz que gosta de trabalhar com ela, Alicia diz que ele não deveria falar assim com ela, pois era casada; Ryan responde “mas seu marido te traiu”. Para ela não importa que o marido traísse; aparentemente ela se sente levemente atraída pelo advogado, no entanto, ela ainda está presa ao seu casamento.

Repare a seguir nas capas das temporadas:

Figura 49: The Good Wife 1ª, 2ª e 3ª Temporada - DVD Oficial



Fonte: Elaborado pelo autor

Casamento não é algo ruim e não estou querendo fazer uma apologia contra, no entanto, o casamento que ela tinha, era um de aparências, por medo do que uma separação poderia fazer com seus filhos. Na primeira e segunda temporada, em muitos momentos, quando conversando com os filhos, podemos ver que eles até faziam certa pressão para que ela continuasse com Peter, e em muitas das vezes, falavam influenciados pela avó. Na segunda temporada, quando Alicia descobre que o marido tinha dormido com sua melhor amiga, Kalinda, isso acaba por romper completamente sua tentativa de manter o casamento. E ela descobre isso no dia que ele é eleito procurador de Estado, e então, aluga um apartamento para ele e diz que eles estavam terminados. Quando ela vai para atender o primeiro caso, logo após essa separação, a vemos muito mais intensa, o tom de voz ao defender sua cliente, tudo muda. Jackie fala com ela e fica brava por sua decisão, ainda mais porque Alicia não explica porque estava fazendo isso. Ao contar para os filhos, estes ficam paralisados e surpresos, ficam sem entender, pensando que eles terem continuado juntos naquele ano, tinha sido apenas para que o pai fosse eleito; a conversa continua e Grace diz que ela tinha que protegê-los mais, e então ela começa a chorar. Peter a acusa de que nesse casamento tinham três pessoas: eles dois e Will; para ele, Alicia queria a separação para ter um caso com outro homem.

Para ele ter traído, era algo que pedir perdão e dizer que sentia muito, resolveria; mas Alicia terminar o casamento, era apenas para que ela pudesse ter outro homem. E talvez fosse, não podemos negar isso, ainda mais porque a temporada termina com

Alicia e Will indo passar a noite em um hotel. Mas foi apenas nesse momento, que ela conseguiu ultrapassar as barreiras.

Logo após esse episódio, o caso que eles devem analisar é o de uma mulher que tinha um site de encontros. Novamente temos Nancy Crozier como advogada da oposição e é interessante notar como ela apela aos candidatos do júri acerca da questão da sexualidade. Ela usa o fato de que o site possibilitava traições, infidelidades e a firma usa Alicia para refutar, visto que seu marido tinha traído e eles continuavam juntos. Quando está preparando a cliente para interrogatório, Alicia diz que não entende.

Cliente: você não entende [...] como eu posso dormir com outras pessoas além do meu marido?

Alicia: Sim. Digo, por que casar?

Cliente: eu o amo.

Alicia: sim. Mas o que isso tem a ver nesse contexto?

Cliente: significa que eu quero passar mais tempo com ele do que com outro homem ou mulher. Eu não entendo o contrário. Como você faz sexo com apenas um homem? Por que você faria o mesmo, jogar cartas, velejar, pescar, que seja com apenas uma pessoa?

Alicia: porque machucaria se não fosse.

Cliente: sim, mas isso não é sobre amor. Se trata de medo. Se trata de ciúmes. Não tem alguém que você quer agarrar a mão dele e deslizar pelas suas costas? [...] Você não quer isso? (epi. 22)

Nesse momento podemos entender que para ela não faz sentido trair, estar com outra pessoa que não o marido, isso seria machucá-lo. E embora ele tenha feito isso com ela, não quer dizer que ela fará a mesma coisa. No episódio seguinte, ao término de um caso em que a empresa sai vitoriosa, que Alicia e Will estão no bar para comemorar, eles bebem tequila que Will não gosta e ela sim e então ele diz: “são sempre as quietinhas, as que guardam os segredos mais sombrios”. Eles continuam conversando, flertando e nesse momento decidem se dar uma chance.

É a partir da terceira temporada, o foco principal transparece que é na Alicia. Enquanto na primeira temporada temos a esposa à sombra do marido, na segunda vemos que ela está em conflito entre ele e o ex-namorado, agora patrão. No primeiro episódio dessa terceira temporada, podemos ver Alicia diferente, ela entra na firma com um sorriso, os cabelos soltos com cachos leves. A postura dela nessa temporada muda, talvez por ter conseguido romper com alguns medos e prisões em que se encontrava. Os próprios filhos reconhecem que ela parece mais feliz sem Peter. Repare na foto a seguir, a sensualidade que transparece em Alicia não é algo que prevemos inicialmente, muitos de nós, ao assistirmos e acompanharmos a série, esperamos que Alicia tenha um

relacionamento feliz e usando um termo amplamente utilizado nas fanfics “*shippamos*” ela com Will; então essa terceira temporada, em que eles começam juntos, é aquilo que queríamos e esperávamos para ambos.

Figura 50: Alicia se liberta e assume a postura de femme fatale



Fonte: Universal Globo⁶⁸

No entanto, manter um caso entre patrão e funcionária não dá certo, pois isso afeta a firma, e não apenas isso, mas em certo momento, sua filha sai de casa, e ela acha que poderia ter acontecido algo de ruim, um sequestro ou algo do tipo, de modo que ela termina o caso, por medo de não dar conta de lidar com tudo isso: um caso escondido, filhos e trabalho.

Ao longo da temporada, novas mulheres aparecem, por exemplo, a esposa de Eli Gold, Vanessa, que está se candidatando e concorrendo ao cargo de senadora. É interessante observar o trabalho de Eli, pois ele acompanha o que o povo parece querer, anteriormente mencionei o fato de que na campanha de Peter Florrick, quando precisaram dos votos dos negros, eles correram atrás do apoio deles; mas quando viram que os brancos suburbanos não estavam convencidos, então correram atrás destes. E

⁶⁸ <http://universal.globo.com/programas/thegoodwife/materias/evolucao-de-alicia-florrick-em-good-wife.html>

quando está na campanha de Vanessa, Eli descobre seu caso com um Bin Laden, e isso após o 11 de setembro, que ocasionou a queda das Torres Gêmeas, de maneira que poderia ser um fator impeditivo para ela. Pensando nas estratégias, ele aponta que o fato de ela ser mulher, poderia lhe ganhar os votos femininos, mas apenas se ela ganhasse tais votos e então diz que as “eleitoras são tradicionais. Não gostam de mulheres modernas”. Tanto que ela entende que o fato dele a apoiar, na verdade era também uma estratégia para angariar mais votos, pois afinal o “marido” estava ao seu lado.

Note as capas das temporadas seguintes, no final da quarta temporada, Alicia e Cary decidem que querem iniciar a própria firma, insatisfeitos que estavam com as coisas na Lockhart, Gardner e Associados. A partir desse momento, as coisas recomeçam mais uma vez, pois abrir a nova firma Florrick, Agos & Associados requer deles a busca e caça por clientes, disputas com os antigos empregadores Will e Diane; Peter se torna governador e isso faz com que muitos vissem a firma como da “esposa do governador”.

Figura 51: Alicia e Cary abrem a própria firma



Fonte: Netflix

Na quinta temporada, há um acontecimento importante e que deixou a nós, fãs, muito entristecidos: Will morre. E para eu não restem dúvidas, os próprios diretores pensaram em matar realmente o personagem, para que não ficássemos com a esperança de que ele voltasse e reatasse o caso com Alicia.

Na ficção seriada televisiva está o ato de despertar emoções no telespectador, levando-o a amar ou odiar tais personagens, se envolver no desenrolar da trama, torcer pelo par romântico da história (SANTOS, 2010, p.24).

Essa frase acima retrata bem o sentimento de quando Will morre, em entrevista o ator⁶⁹ contou que acompanhando as postagens no twitter sobre o episódio, havia uma

⁶⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=KBtMUwfhjrs>

moça que contava que a mãe estava inconsolável com sua morte, tanto que ele pegou o telefone e ligou para ela, checando se ela estava bem porque ele tinha ouvido que ela estava com problemas para dormir e conversaram por muito tempo.

Acompanhando a vida dos personagens em nossas séries, podemos notar que aos poucos cresce um sentimento de identificação, simpatizamos, amamos e odiamos junto com essa pessoa. E isso é algo importante para a continuidade da série, e para que mesmo depois de encerrada, ela possa ter um retorno e nos fazer lembrar esses momentos, como é o caso, por exemplo, de *Gilmore Girls*, uma série muito boa, que há alguns anos foi cancelada, mas que agora a *Netflix* irá lançar uma temporada sobre. Há algo de peculiar no retorno; rever personagens que amamos por tanto tempo, que há muito não víamos, que novidades eles nos trarão?

Diane, após a morte de Will, acaba se unindo à firma de Alicia e Cary, entrando como sócia majoritária junto com eles e não apenas isso, mas consegue recuperar o prédio da Lockhart & Gardner para que eles pudessem ter um espaço melhor, do que o prédio em reformas que eles haviam encontrado e estavam trabalhando.

Não há forma de Alicia fugir do fato, ela carrega o sobrenome do marido, então onde quer que vá, ou o que quer que faça, sempre as pessoas lembram-se dela como a esposa que apoiou o marido, ou então como a esposa do governador. Isso é bom e é ruim também; abre portas inesperadas e ao mesmo tempo pode fechar outras. Em vários casos, vemos pessoas que a apoiam por sua decisão de manter o casamento e outras que desaprovam. Isso terá um impacto mais efetivo, na sexta temporada, quando Alicia acaba cedendo às insistências de Eli Gold e concorrendo ao cargo de promotora. Essa temporada não foi uma das melhores, houve muitas bagunças devido ao fato dessa candidatura; mas é interessante por vermos um lado novo de Alicia, um lado mais político, e que assim como havia ocorrido antes com Peter, ela precisa procurar outras pessoas que a apoiem. Pede ao outro concorrente que deixassem estratégias que difamassem ao outro de lado, que fosse uma corrida honesta e justa. Ela vence, mas o Partido Democrático faz com que ela renuncie ao cargo logo após o resultado, tendo que admitir ter trapaceado para conseguir vencer. Embora ela não tivesse feito nada de errado e na verdade nem o pessoal do seu partido, mas os democratas haviam feito as coisas de modo que a culpa recaísse nela, então acaba renunciando. E aqui temos mais um recomeço para nossa Alicia: ela não pode retornar a firma Lockhart & Agos, e então chegamos à sétima e última temporada.

Figura 52: The Good Wife 4ª, 5ª e 6ª Temporada - DVD Oficial



Fonte: elaborado pelo autor

Nessas outras temporadas, vemos que Alicia não se sente mais presa ao casamento, ao sentir interesse por alguém, ela tenta aproveitar, nem que seja apenas uma vez. É o caso do jovem que acompanhava e dirigia sua campanha. Ela estava feliz por seu parceiro Cary ter sido inocentado, e o beija no estacionamento (epi. 11); isso causa certo constrangimento no dia seguinte, mas logo passa e eles passam a noite juntos. Após a morte de Will, Alicia se aproximou de Finn Polmar, o promotor no caso em que Will morreu e a relação deles é baseada em respeito um com o outro, e levemente se insinua um possível *affair*, mas acaba não acontecendo nada entre os dois, pois Finn estava tentando reatar seu casamento.

Aqui é interessante notar que embora a série insinue possíveis romances para Alicia, eles não exploram muito isso. Normalmente as cenas nos deixam entrever a possibilidade de que algo aconteça com ela, e ao mesmo tempo, exploram um pouco a infidelidade de Peter; pois embora eles continuem casados, com fins políticos, ele se envolve com outras mulheres.

A sétima temporada é interessante e mais uma vez nos mostra Alicia recomeçando. Ela teve que renunciar ao cargo de promotora, o cliente que estava rendendo uma boa quantia de dinheiro para a firma não permite que eles recontratem Alicia, se a trouxessem ele tiraria seus negócios multimilionários. De modo que ela se vê abandonada e tendo que parar de advogar ou então abrir uma nova firma outra vez; o que ela faz, montando um escritório em casa. Canning continua insistentemente pedindo que ela trabalhe com ele; e ela não aceita, mas ele envia casos para ela.

Peter entra na corrida para vice-presidência, o que o leva a contratar Ruth Eastman para a campanha e deixar Eli Gold de lado, então a temporada acaba explorando um pouco esse lado político de Eli tentando sobrepujar a pessoa que “roubara” seu posto. Penso que mostrar Peter pensando mais nele mesmo, e não tendo se focado em ser fiel ao seu companheiro e assessor de tanto tempo, nos leva como fãs, a não gostarmos muito dele.

E é aqui também que aparece um novo personagem, o qual já mencionei anteriormente devido às propagandas lançadas antes da temporada vir ao ar. Será que Alicia finalmente terá seu final feliz? Será que ela encontrou seu homem? Jason Crouse é um investigador que rejeita um contrato melhor recompensado monetariamente para trabalhar com Alicia, que pagaria bem menos. De maneira que logo no começo percebemos que ele será seu par romântico.

Embora seja explorado esse possível romance, vemos que algumas coisas mudam, Alicia começa a trabalhar com presos que vão para a audiência de fiança e lá conhece Lucca Quinn, uma mulher negra. Elas trabalham juntas não apenas nesse tribunal de fianças, mas também no escritório caseiro que Alicia abriu.

Eli não deixa por menos o que Peter fez com ele, dispensando-o, e se une à Alicia, pois ela ainda seria importante para a campanha. Quando Peter concorreu a promotor, ele necessitou do apoio da esposa para poder ser eleito e alcançar os votos do povo. Para a vice-presidência não seria diferente; então Alicia precisava aparecer nas entrevistas, festas e eventos que ele fosse. E aí entra Eli que controlaria sua agenda, para que pudesse conciliar seu trabalho com o papel de esposa. Temos um momento interessante nessa temporada, quando Eli aceita que Alicia e Verônica (a mãe) fossem a um programa de culinária, em que Verônica mostraria receitas para Alicia fazer para a família. Alicia e a mãe tem uma relação complicada, talvez por ela estar mais preocupada em suas próprias realizações e não tanto com os filhos, então o episódio mostra essa briga entre elas, inclusive quando Verônica chega para a gravação do programa, ela havia bebido.

SEASON FINALE

Título: A Constituição da Mulher no Seriado *The Good Wife* – dialogia no seriado e na fanfic

Autor: Ana Luzia Chavez Gomes

Categoria: Dissertação

Advertência: Spoiler de vários fatos importantes que ocorrem na série ao longo das seis temporadas.

Classificação: PG

Temporadas: 1

Episódios: 1

Completa – Sim

ARGUMENTOS FINAIS

Estamos chegando ao final dessa pesquisa; é um momento tenso esse, de dar uma “conclusão”, no entanto, visto que ainda estamos sendo constituídos, isso aqui não é o fim, é mais um (re) começo.

Dessa maneira, trouxe a questão da constituição de mulher por meio de seriados televisivos, mais especificamente o seriado *The Good Wife*, que por ter várias mulheres com um papel de destaque, me chamou maior atenção do que outros seriados. O fato de que ele é baseado em fatos reais, traz um toque diferenciado. Mas mais do que isso, ver apresentado em série o que a mulher passa na vida real, embora de uma forma romantizada, nos faz analisar nossas ações, e perceber que, com todas as mudanças que já tivemos, que todas as revoluções alcançadas, ainda existe muito preconceito. A questão da violência contra a mulher, em pleno ano de 2015, parece inconcebível, mas ainda existe e em um número alarmantemente alto.

Superar os preconceitos é difícil, é um tempo muito longo que crescemos aprendendo a deixar a mulher mais para baixo. E digo mais, quando nós conseguimos ocupar certos espaços, nos apossamos ciumentamente dele e hoje, não queremos abri-lo para outros. Nesse sentido, é só ver que pouquíssimos homens conseguem dar aula para o Ensino Infantil, esse é um ambiente dominado quase que majoritariamente por mulheres. No entanto, existem outros espaços que estamos conquistando aos poucos, por exemplo, na política, embora tenham mulheres, ainda são poucas e qualquer “erro”, os preconceitos vêm à tona, sob a forma de justificativas do tipo “é mulher, não sabe o que faz” e assim por diante.

Ao analisarmos a questão da mulher na sociedade, somos levados a refletir sobre os mais variados aspectos, a forma como vemos mulher hoje, traz toda a influência de todo um passado. Lutamos diariamente para superar preconceitos, para escapar das armadilhas de uma arrogância, para ultrapassarmos as barreiras.

A cada ano que passa, novas conquistas são feitas, novos papéis sociais são construídos, de maneira que nada está realmente acabado. Da mesma forma como hoje muitas situações foram superadas, existem outras, que dentro de alguns anos, poderão soar como verdadeiras maluquices para nossos filhos ou netos.

Somos seres que amam e desejam ser amados, e isso se reflete de várias formas e uma delas, é a maneira como escrevemos as fanfics. Nós que assistimos filmes, séries, criamos com esses personagens laços, nos filmes é um laço um pouco mais superficial,

pois só temos o contato naquelas quase duas horas ou um pouco mais. No entanto, ao acompanhar um seriado, pensando que ele tenha uma duração média de 45 minutos e 20 episódios, temos cerca de 90 horas acompanhando uma série. É muito tempo, para que não vejamos o quanto isso mexe conosco. Então acredito que esse estudo é importante, porque nos mostra como a imagem constituída por um outro, chega em nós e como reagimos a isso.

Lembro que um dia assistindo a um episódio da série *The Big Bang Theory* (8ª temporada, episódio 24), houve um momento que foi divertido. Sheldon é um personagem meio doido, cheio de regras e normas de comportamentos, gosta de elaborar contratos para todas as situações possíveis e imagináveis. E um dia, ele estava beijando a namorada Amy, quando ela diz “você acredita que fazem 5 anos desde nosso primeiro encontro?” e ele “eu sei. Você acha que devo começar a ver o seriado do *Flash*?”, ela responde “é nisso que você está pensando?”, ele “uma das coisas”; ela “alguma delas é sobre mim?”, ele “sim, pensei: não decidi se devo ver a série do *Flash*; já sei, vou perguntar à Amy.”; ele tenta beijá-la novamente, ao que ela se afasta dizendo “o que você está fazendo?” e ele “você está certa, você meio que acabou com o clima”; ela fica boquiaberta e diz “não cortei nada. Foi você, falando dessa série estúpida”, ele que tinha se levantado, vira para ela e diz “calma lá, começar a ver uma série que pode durar anos não se decide levemente. Estou enfrentando um problema de compromisso”. E o episódio continua; mas não vamos nos prender a isso. O que me interessou foi o fato de que tomar a decisão de assistir uma série realmente é algo importante, porque poderemos passar anos assistindo. Tem séries que acompanho há mais de 10 anos. É muito tempo da nossa vida oferecido ao entretenimento, são centenas de horas dedicadas, de maneira que não posso concordar com os pensamentos de Horkheimer e Adorno ou ainda de Foucault, com seus sujeitos assujeitados e não pensantes. Toda palavra enunciada vem cheia de significados e emprenha-se das nossas palavras outras quando as respondemos. Não é possível assistirmos a algo e ficarmos completamente vazios de sentidos.

É interessante notar que a série não fica presa a um ou outro tema apenas, não explora somente um relacionamento amoroso para Alicia, mas mostra aspectos outros da vida e do dia a dia de uma pessoa. E é por isso que nos identificamos tanto com os personagens; e eles também não são pessoas 100% certas ou 100% erradas; como se a vida fosse simplesmente um preto no branco; eles nos mostram preconceitos sendo confrontados, em muitos momentos contribuem para a manutenção de certos

estereótipos; mas podemos ver que são personagens reais e reconhecíveis, são identificáveis.

A personagem do seriado é criada por alguém, é interpretada por outro alguém, quando ela nos é apresentada, já está carregada de significações variadas. E nós, com nosso olhar, damos outras significações.

Viver é um encanto constante que nos altera, nos constitui, nos torna humanos, viver é um diálogo, e esse diálogo não é necessariamente apenas uma troca de palavras, se dá mesmo no silêncio, nos olhares, no sorriso, nos encontros.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Milton José de. A educação visual da memória: imagens agentes do cinema e da televisão. **Pro-Posições**, Campinas, vol. 10, n. 2 (29), julho de 1999. Disponível em: < <http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/textos/29-artigos-almeidamj.pdf>> Acesso em 09 jun 2015.

_____. O estúdio de televisão e a educação da memória. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 25, n.86, p. 269-272, abril 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n86/v25n86a16.pdf>> Acesso em 09 jun. 2015.

ALVES, Ivia. Representações de mulheres através de imagens. **Fazendo Gênero 10. Anais eletrônicos**. Florianópolis: 2012. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384972016_ARQUIVO_IviaIracemaDuarteAlves.pdf> Acesso em: jun. 2015

ANNALES, ESC. A história das mulheres. **Cultura e Poder das Mulheres: ensaio de historiografia. Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG**. Vol. 2, n. 1. Niterói: EdUFF, 2000, p. 7-30.

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. Editora Senac, São Paulo. 2000

ARONOVICH, Lola. **Novela bate em mulher desde cedo. Geledés**. Março de 2014. Disponível em: < <http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/180-artigos-de-genero/24105-novela-bate-em-mulher-desde-cedo>> Acesso em: 09 jun 2015

BAIO, Cesar. O artista e o aparato técnico: entre os processos artísticos e os métodos da tecnologia. **XXI Encontro Anual da Compós**, Universidade Federal de Juiz de Fora. 12-15 jun 2012.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F. Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 150 p. 2006.

_____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981

_____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Para uma Filosofia do Ato Responsável**. 2 ed. São Paulo: Pedro e João, 2012.

BARROS, Adriana Lúcia de Escobar Chaves de. Bakhtin e a construção do sujeito contemporâneo. **Avépalavra: Mato Grosso do Sul**. 2013. Disponível em: <<http://www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/15/artigos/adriana.pdf>> Acesso em 18 abril 2015

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**: em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 2003.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 4ª edição. Difusão Européia do Livro: São Paulo. 1970

BEBEL, August. **Woman under socialism**. New York: New York Press, 1923, p.343. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/30646/30646-h/30646-h.htm>> Acesso em 21 jul. 2015

BETTO, Frei. A Marca vermelha do batom: como o movimento feminista evoluiu no mundo. **Adital**. 2001. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=1334>> Acesso em 10 jun 2015.

BORELLI, Silvia H.S.; MIRA, M.C. Sons, imagens, sensações: radionovelas e telenovelas no Brasil. **Intercom**, São Paulo, v. XIX, n.1, 1996. p. 33-57.

BLOCK, R. Howard. **Misoginia Medieval**: e a Invenção do Amor. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

BONA, Rafael Jose. A narrativa transmídia na era da convergência: análise das transposições midiáticas de The Walking Dead. **Razón y Palabra**, n. 82, mai 2013. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/N/N82/V82/22_BonaSouza_V82.pdf> Acesso em 20 jun 2015

BREDER, F. C. **Feminismo e Príncipes Encantados**: a representação feminina nos filmes de princesa da Disney. 2013. 74 f.: il. Disponível em: <<https://literaturaexpandida.files.wordpress.com/2011/09/feminismo-e-prc3adncipes-encantados-a-representac3a7c3a3o-feminina-nos-filmes-de-princesa-da-disney.pdf>> Acesso em 20 mai. 2015

CABOT, Meggin Patricia. **O diário da princesa**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002. 187 p.

CÂNTICOS. Português. In: **Bíblia Sagrada**. Almeida Corrigida e Revisada Fiel. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/ct/5>> Acesso em mai. 2015

CAVALCANTE, Maria do Socorro A. de O. **O sujeito responsivo/ativo em Bakhtin e Lukács**. Universidade Federal de Alagoas (UFAL) Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/2SEAD/SIMPOSIOS/MariaDoSocorroAguiarDeOliveiraCavalcante.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

COLONNA, V. **L'Art des Séries Télé**: Ou Comment Surpasser Les Américains. Paris: Payot & Rivages, 2010 content/uploads/2011/11/Estudo-de-Recep%C3%A7%C3%A3o-Atrav%C3%A9s-de-Fanfiction-Theane-Sampaio-2.pdf Acesso em: 25 de jun. 2014

CORACINI, M. J. **A celebração do outro**: arquivo, memória e identidade. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

CHAVES, Glenda Rose Gonçalves. **A radionovela no Brasil**: um estudo de Odette Machado Alamy (1913-1999). Belo Horizonte, 2007. Dissertação de mestrado. 144fls. Disponível em: < http://www.ufrgs.br/napead/repositorio/objetos/fases-da-publicidade/textos/agenciaria_02.pdf> Acesso em dezembro de 2015

CRUZ, Sabrina Uzêda. A representação da mulher na mídia: um olhar feminista sobre as propagandas de cerveja. **Vivências**, n. 37, 2011, p. 151-161. Disponível em: < 87

DAVIS, Viola. **Discurso de Premiação do Emmy 2015**. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=OSpQfvd_zkE> Acesso em janeiro de 2016

DERECHO, A. Archontic Literature: a Definition, a History, and Several Theories of Fan Fiction. In: BUSSE, K and HELLEKSON, K. **Fan Fiction and Fan Communities in the age of the Internet**. Jefferson, North Carolina: McFarland & Co., 2006

ECO, Umberto. Innovation et répétition: entre esthétique moderne e post-moderne. BEAUD, Paul & QUÉRE, Louis (org.) Dossier: Les theories de la réception. Réseaux no. 68 CNET. 1994. *Apud* MOTTER, M. L.; MUNGIOLI, M. C. P. Serialidade: o prazer de re-ver e pré-ver. **Intercom**. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB. 6 a 9 de setembro de 2006. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/12895613101841687758486373378452364370.pdf>> Acesso em 15 mai. 2015

ESTER. Português. *In* **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira Almeida.

ESQUENAZI, Jean Pierre. **As séries televisivas**. Texto & Grafia. Ed. 2011.

FAIS, A. **É quase tudo quase verdade**. São Carlos: Pedro & João Editores Ltda., 2006.

FARIA, Clarissa Kezen - **Fan Fiction**: uma forma de arte disseminada na Internet. Paper apresentado à disciplina Estética e Cultura de Massas. IACS/UFF. Dez. 2000

FÉLIX, T. C. O dialogismo no universo *fanfiction*: uma análise da criação de fã a partir do dialogismo Bakhtiniano. **Ao Pé da Letra**: Universidade Federal de Pernambuco – vol. 10.2, 2008. Disponível em: <http://www.revistaopedalettra.net/volumes/vol%2010.2/vol10.2-Tamires_Felix.pdf> Acesso em 25 de jun. 2014

FIORIN, J. L. O dialogismo. *In* **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. 1. Ed. São Paulo: Ática, 2006.

FIUZA, Sílvia Regina de Almeida. **Imagens do feminino**: a construção de gêneros na televisão brasileira. 2010. 201 f.. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2010

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do Poder**. 18 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. **Arqueologia do Saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2008

FURLANETTO, Aline. *Et all.* **Websérie Abismo**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo. 2013. Disponível em: <<http://lunetaproducoes.com.br/abismo/wp-content/uploads/2013/12/Pasta-Projeto-Integrado-IV-sem-RTVi-NOT-Webs%C3%A9rie-Abismo-Luneta-Produ%C3%A7%C3%B5es.pdf>> Acesso em 01 dez. 2014

FURUZAWA, Camila Prado. Séries policiais: características e particularidades das narrativas policiais televisivas. **Relatos de Pesquisa**. PUC-RS. 2013

GALVÃO, Walnice. **A donzela-guerreira: um estudo de gênero**. São Paulo, Editora SENAC, 1997.

GEGE. **Palavras e Contrapalavras**: conversando sobre os trabalhos de Bakhtin. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 128 p.

GERALDI, J. W. O mundo não nos é dado, mas construído. In: VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

GOMES, Gisele Ambrósio. História, Mulher e Gênero. **Virtú**. 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/virtu/files/2011/09/HIST%C3%93RIA-MULHER-E-G%C3%8ANERO.pdf>> Acesso em out. 2014

HALL, Stuart. **The work of representation**. In: Representation – Cultural representations and signifying practices. Londres, Reino Unido, SAGE Publications, 1997.

HOBBSAWN, Eric. **A era dos extremos – O breve século XX: 1914-1991**. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

HOINEF, N. A nova televisão. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995, In PEREIRA, Rita Marisa Ribas. Infância, televisão e publicidade: uma metodologia de pesquisa em construção. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 235-264, março 2002. http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/37/PDF%20para%20INTERNET_37/11_Sabrina%20Uz%C3%AAd%20da%20Cruz.pdf> Acesso em 23 dez. 2014.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 364p.

_____. Televisão, consciência e indústria cultural. In: COHN, Gabriel (org.) **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JOST, François. **Do que as séries americanas são sintoma?** Porto Alegre: Sulina, 2012. 88

JUDT, Tony. **O legado da guerra**. In Pós-guerra: 1945-1953. 2008. Disponível em: <<http://www.objetiva.com.br/arquivos/capas/9788573028799.pdf>> Acesso em dez. 2015

KRISTEVA, J. **Introdução à Semântica**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LEAL, Larissa do Socorro Martins. As várias faces da mulher no medievo. **Linguagem, Educação e Memória**. n. 03. Dez. 2012. Disponível em: <<http://www.giacon.pro.br/lem/EDICOES/03/Arquivos/larissaleal.pdf>> Acesso em 15 out. 2014

LINS, Letícia Alves. **Cerveja, mulher, diversão**: representações e diálogos nas propagandas de cerveja brasileiras. 2004. 164 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/gris/images/LINS%20Let%20C3%ADcia%20Alves..pdf>> Acesso em mar. 2015

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

MAGALHÃES, Dulce Maria da Graça. **Dimensão simbólica de uma prática social**: consumo do vinho em quotidianos portugueses. Tese de Doutorado em Sociologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, 2005.

MARTINELLI, Amanda Cristina. **Fanfiction**: um contemporâneo gênero do discurso que reconfigura o papel do leitor no orbe virtual. 2013. 71 p. Monografia (TCC – Biblioteconomia e Ciência da Informação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

MATTOS, A.C Gomes de. **Histórias de Cinema: Os Seriados de Antigamente**. 2010. Disponível em: <<http://www.historiasdecinema.com/2010/04/os-seriados-de-antigamente/>> Acesso em: 01 dez. 2014.

MOLON, Susana Inês. Notas sobre constituição do sujeito, subjetividade e linguagem. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 4, p. 613-622, out./dez. 2011

MORIN, Edgar. **Cultura de Massa no Século XX**: o espírito do tempo. 9.ed. Rio de Janeiro: Forense, 1997. 204 p.

MOTTER, M. L.; MUNGIOLI, M. C. P. Serialidade: o prazer de re-ver e pré-ver. **Intercom**. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB. 6 a 9 de setembro de 2006. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/12895613101841687758486373378452364370.pdf>> Acesso em 15 mai. 2015

NAGAI, Eduardo Eide. **Teses bakhtinianas**: a amorosidade dialógica nos estudos bakhtiniano. 2010. Disponível em: <<http://textosgege.blogspot.com.br/search/label/Eduardo%20Eide%20Nagai>> Acesso em jun. 2015

OLIVEIRA, Aline Gonçalves de. **Seriados de TV**. 2012. Disponível em: <<http://seriados-de-tv.info/>> Acesso em março de 2015

OROZ, Silvia. **Melodrama**: o cinema de lágrimas da América Latina. 2.ed. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1999.

PEREIRA, Rita Marisa Ribas. Infância, televisão e publicidade: uma metodologia de pesquisa em construção. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 235-264, março 2002.

PERROT, Michelle. "Qu'est-ce qu'un métier de femme?". **Le mouvement Social**, n° 140, Juillet - Septembre 1987, p. 3

PONZIO, A. A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo. *In* Bakhtin, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. 2ª ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

_____. Problemas de sintaxe para uma linguística da escuta. **Introdução à Palavra própria e a palavra outra na sintaxe da enunciação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

_____. **La revolución bajtiniana**. El pensamiento de Bajtín y la ideología contemporánea. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998.

PORTO, Priscilla Fragoso da Silva. Dispositivos-cidade e televisão: imagens e cenas urbanas como processo de subjetivação. **Anais de evento**. XXI Confaeb. UFMA – São Luís, 2011. Disponível em: <http://www.faebr.com.br/livro/Comunica%F4%80%83%A7%F4%80%83%B5es/dispositivos_cidade%20e%20televisao_imagens%20e%20cenas%20urbanas%20como%20processo%20de%20subjetivacao.pdf> Acesso em 09 jun 2015.

PROBST, Elisiana Renata. **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. ICPG: Instituto Catarinense de Pós-Graduação. Santa Catarina. 2002. Disponível em: <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf>> Acesso em dez. 2015

RECHDAN, M. L. de A. **Dialogismo ou Polifonia**. 2003. Disponível em: <<http://site.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/dialogismo-N1-2003.pdf>> Acesso em 26 de jun. 2014

ROCHA, Everardo. A mulher, o corpo e o silêncio: a identidade feminina nos anúncios publicitários. **ALCEU**. v.2 - n.3 - p. 15 a 39 - jul./dez. 2001

SAMPAIO, T.N. **Estudo de recepção através de Fanfiction**: uma proposta. *In*: Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-RIO, n.8, 2011, Rio de Janeiro. Anais. Disponível em: <http://pucposcom-rj.com.br/wp-89>

SANTOS, Rodrigo Lessa Cezar. **Ficção seriada televisiva e narrativa transmídia**: uma análise do mundo ficcional multiplataforma de True Blood. 2013. 141 f.: il. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/14015/1/Rodrigo%20Lessa.pdf>> Acesso em 15 mai. 2015

SARLO, B. O Sonho Acordado. In: SARLO, B. **Cenas da Vida Pós-Moderna: Intelectuais, Arte e Videocultura na Argentina**. Tradução Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. Alegre: Faculdade de Educação/UFRGS, Vol.6, N° 2, jul/dez 1990.

SCOTT, Sir Walter. **Ivanhoé**. Reino Unido: A. Constable, 1820.

SEVERO, Cristine Gorski. Sobre o sujeito na perspectiva (do Círculo) de Bakhtin. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**: vol. VIII; nº. XXV; abril – jun 2008. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/view/9/16> Acesso em 20 jun. 2015

SILVA, João Paulo Melo da; OLIVEIRA, Alessandro Eleutério de. As séries televisivas e a indústria cultural. **Anais do Congresso de Pesquisa e Extensão da Semana de Ciências Sociais da UEMG/Barbacena**. 2014. Disponível em: <<http://www.uemg.br/openjournal/index.php/anaisbarbacena/article/view/835>> Acesso em janeiro de 2016.

SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth. (org.) **Bakhtin: Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008.

SOERENSEN, C. **A profusão Temática em Mikhail Bakhtin**: Dialogismo, Polifonia e Carnavalização. Travessias, ed. 05. 2009. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/59767715/A-PROFUSAO>> Acesso em 26 de jun. 2014

SOUTO, C.; CAMPOS, L. Vinho combina com casa? Um estudo exploratório de itinerários domésticos de consumo. **Anais do XXXII ENANPAD**, Rio de Janeiro, 2008.

SOUZA, Ângela M. F. de Lima e; Alves, Ivya. As mulheres e a sexualidade na série *The good wife*. **II Seminário Enlaçando Sexualidades**. Set. 2011. Disponível em: <<https://nugsexdiadorim.files.wordpress.com/2011/12/as-mulheres-e-a-sexualidade-na-sc3a9rie-the-good-wife1.pdf>> Acesso em outubro de 2015

STAM, R. **Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa**. São Paulo: Ática, 1992.

STOKES, Colin. Como filmes ensinam masculinidade. **Ted Talks**. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ueOqYebVhtc>> Acesso em janeiro de 2016

SWAIN, Tania Navarro. Feminismo e Representações Sociais: a invenção das mulheres nas revistas “femininas”. História: **Questões & Debates**, Curitiba, n. 34, p. 11-44. UFPR. 2001. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/historia/article/viewFile/2657/2194>> Acesso em 22 jan. 2015

TELLO, Mafalda. As mulheres que representam na ficção e na realidade. **Blog Máfia Pipi**. 2015. Disponível em: < <http://mafiapipi.com/as-mulheres-que-representam-na-ficcao-e-na-realidade/>> Acesso em janeiro de 2016

TERTULIANO *apud* DALARUN, J. Olhares de clérigos. In DUBY, Georges.; PERROT, Michelle (org). **História das mulheres no Ocidente**. vol. 2: A Idade Média. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

VARGAS, M. L. B. **O fenômeno fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletrônico**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005.

VAZ, Sérgio. The Good Wife: a primeira temporada. **50 Anos de Filme**. 2011. Disponível em: < <http://50anosdefilmes.com.br/2011/the-good-wife-a-primeira-temporada/>> Acesso em dezembro 2015.

_____ The Good Wife: a segunda temporada. **50 Anos de Filme**. 2011. Disponível em: <<http://50anosdefilmes.com.br/2012/the-good-wife-a-segunda-temporada/>> Acesso em dezembro 2015.

VOLOCHÍNOV, V. N. **A Construção da Enunciação e Outros Ensaio**s. São Carlos: João & Pedro Editores, 2013.

VOLOSHINOV, V. N.; BAKHTIN, Mikhail M. ¿Qué es el lenguaje? In: SILVESTRI, A.; BLANCK, G. **Bajtín y Vigotski**: la organización semiótica de la conciencia. Barcelona: Anthropos, 1993. p. 217-279.

WATERS, Darren. Rowling backs Potter fan fiction. **BBC News**, mai. 2004. Disponível em < <http://news.bbc.co.uk/2/hi/entertainment/3753001.stm>>. Acesso em: out 2015.

WU, David. **Hua Mulan**, a lendária e corajosa guerreira. Epoch Time. 2013. Disponível em: < <https://www.epochtimes.com.br/hua-mulan-a-lendaria-e-corajosa-guerreira/#.VpqFQPkrLIX>> Acesso em: nov. 2015

YOUNG, Clive. DC Comics officially OKs fan films. **Fan Cinema Today**, abr. 2008b. Disponível em < <http://archive.is/6TTS#selection-213.158-213.159>> Acesso em: dez. 2015

FILMOGRAFIA

A BELA Adormecida (Sleeping Beauty). Direção: Clyde Geronimi, Les Clark, Eric Larson e Wolfgang Reitherman. Produção: Walt Disney. Walt Disney Productions, 1959. 75 min, cor.

A BRANCA de Neve e os Sete Anões (*Snow White and the Seven Dwarfs*). Direção: David Hand, William Cottrell, Wilfred Jackson, Larry Morey, Perce Pearce e Ben Sharpsteen. Produção: Walt Disney. Walt Disney Productions, 1937. 83 min, cor.

A PEQUENA Sereia (*The Little Mermaid*). Direção: Ron Clements e John Musker. Produção: John Musker e Howard Ashman. Walt Disney Pictures, 1989. 82 min, cor.

CINDERELA (*Cinderella*). Direção: Clyde Geronimi, Hamilton Luske e Wilfred Jackson. Produção: Walt Disney. Walt Disney Productions, 1950. 74 min, cor.

CORAÇÃO de cavaleiro (*A knight's tale*). Dirigido e roteirizado por Brian Helgeland. Estados Unidos, 2001. 140 min, cor.

ENROLADOS (*Tangled*). Direção: Nathan Greno e Byron Howard. Produção: Roy Conli, John Lasseter e Glen Keane. Walt Disney Pictures, 2010. 100 min, cor.

MARVEL'S Agent Carter. Criação de Christopher Markus e Stephen McFeely. Produção de Sara E. White. Dirigido por Louis D'Esposito, Joseph V. Russo, Scott Winant, Stephen Cragg, Peter Leto, Stephen Williams, Vincent e Christopher Misiano. Estados Unidos, 2015 – 2 temporadas (em andamento ainda).

MULAN. Direção: Tony Bancroft e Barry Cook. Produção: Pam Coats. Walt Disney Pictures, 1998. 87 min, cor.

O DIABO veste Prada (*The devils wear Prada*). Roteiro Aline Brosh McKenna. Dirigido por David Frankel. Reino Unido, Estados Unidos, França, 2006. 109 min, cor. Baseado no livro de mesmo nome de Lauren Weisberger.

O DIÁRIO da princesa. Produzido por Whitney Houston. Dirigido por Garry Marshall. Estados Unidos, 2001. 115 mins, cor. Baseado nos livros de mesmo nome de Meg Cabot.

STAR WARS: o despertar da força (*Star Wars: the forcen awakens*). Produção Kathleen Kennedy, J.J.Abrams, Bryan Burk. Direção de J.J.Abrams. Estados Unidos, 2015. 137 min, cor.

THE GOOD wife (*The Good Wife*). Criado e produzido por Robert e Michelle King. Direção de Ridley e Tony Scott, Charles McDougall e David W. Zucker. Estados Unidos, 2009 – 2016. (45 mins. aprox.) Disponível em Netflix.

UMA LINDA mulher (*Pretty woman*). Escrito por J.F.Lawton. Dirigido por Gary Marshall. Estados Unidos, 1990. 119 mins, cor.

VALENTE (*Brave*). Direção: Mark Andrews e Brenda Chapman. Produção: Katherine Sarafian. Pixar Animation Studios, 2012. 93 min, cor.

ANEXOS

- Fanfics completas

Carissinha – 50 Tons de Will Garder - 2012

Carissinha – Não adianta tentar – 2010

Dedê – A vida escolhida – 2010

Orlandi – Segunda Chance – 2011

GabyMattos – O Processo – 2010

Carissinha – Crush (3 capítulos) – 2010

Carissinha – Conversando pelo Messenger - 2011

Fanfic : 50 Tons de Will Gardner – capítulo 4

No dia seguinte ambos agiram como se nada tivesse acontecido, como se estivessem afastados. Mal olharam nos olhos um do outro. A única interação entre eles foi uma reunião sobre o último caso que em que estavam trabalhando e que estava movimentando a firma.

Ao final do dia, quando pegou o elevador para o estacionamento, Will entrou e desceu os andares junto com ela.

Ambos se olharam, um olhar cheio de significados.

- Como nós estamos? – Will perguntou.

- O que quer dizer? – ela sabia do que ele estava falando, mas Alicia não estava com vontade de facilitar as coisas.

Ele sorriu. Era a única maneira de lidar com a falsa e recente amnésia de alicia.

- Eu falo com você mais tarde, Will – ela disse, logo caminhando em direção ao carro.

- Mais tarde? – ele a seguiu e barrou a passagem dela.

Alicia não estava preparada para aquilo. Queria ter um contato com ele, mas não pretendia fazer nenhum avanço, muito menos ali, no estacionamento da firma que trabalhavam.

- O que você está fazendo Will?

- Eu? – ele perguntou inocente. – Nada.

Ao receber a resposta cínica do advogado Alicia não se controlou e começou a rir.

- Isto é uma loucura.

- Mas é isso que você quer, não?

- Você está com fome, Will?

- Muita – foi a resposta que ele deu. – Mas não de comida.

- Nós deveríamos jantar – o sorriso dela dizia que o jantar poderia ser bem satisfatório para os dois. – Comer comida de verdade, mas... Mas eu tenho uma ideia. Vá até sua casa, se arrume e me encontre no restaurante italiano que os sempre fomos.

- Não sei se é uma boa ideia, Alicia.

- Confie em mim. Vai parecer um jantar totalmente inofensivo. Se nos fotografarem, estávamos lá para nos encontrar com um cliente que não apareceu.

- Alicia, nós já tivemos nossa parcela de problemas.

- Will, eu faço a reserva

A advogada não disse mais nada, apenas sorriu e entrou em seu carro, deixando Will

curioso e excitado. Ela não sabia o que estava acontecendo com sua mente. Alicia costumava pensar nas consequências das suas ações, colocava seus filhos em primeiro lugar, até a campanha de Peter era uma preocupação constante; mas de repente ela só queria continuar com aquele jogo excitante.

Alicia entrou no restaurante com um sorriso enorme. Estava confiante, sentindo-se sexy; mesmo sabendo que aquela ideia era absurda, que ainda estava casada e que a imprensa só queria um motivo para acabar com ela. Mesmo assim estava enlouquecida com a ideia do que tinha em mente.

Fanfic : Não adianta tentar – 2010

Carissinha

Thursday, 11. February 2010, 18:06



Título: Não Adianta Tentar

Autor: Carissa Vieira (Carissinha)

Categoria: Challenge Fevereiro/2010, Despedida, 1a temporada.

Advertências: Spoiler do pilot.

Classificação: (G)

Capítulos: 1 (one shot)

Completa: [X] Yes [] No

Resumo: Will está se indo embora do escritório. Alicia vai se despedir dele também.

Não Adianta Tentar

Depois de uma forte briga entre Diane e Will, o advogado havia se irritado e desistido da empresa. Vendeu suas ações a sócia e resolveu ir embora, deixando de ser advogado. Ele estava arrumando seus pertences para poder ir embora, quando sua amiga apareceu.

- Você está bem? – Alicia pergunta ao entrar na sala do seu amigo e agora ex-chefe, Will.
- Sinceramente, estou. Estava cansado disso aqui mesmo. Já havia pensado várias vezes em deixar de ser advogado. Agora terei mais tempo de fazer outras coisas. Jogar um pouco.
- Me chame pra ir assistir.
- Com certeza.

Os dois riram juntos. Existia uma cumplicidade entre eles que o tempo não havia apagado, e a aproximação por causa do trabalho só os havia tornado mais cúmplices. Will olhou para Alicia, ficando sério de repente.

- Eu vou sentir sua falta.
- Eu também. Não imagino trabalhar nesse lugar sem você. Só estou aqui por sua causa.
- Você é uma excelente profissional. É por isso que está na firma. Foi por esse motivo que a ajudei a se tornar uma associada.
- Obrigada. – Alicia agradeceu sinceramente, dando um abraço no amigo de tantos anos, um gesto que se arrependeu de ter feito. Sabia que Will podia interpretar as coisas de maneira errada, e ela mesma não queria pensar na possibilidade de sentir nada por ele. Sabia que as pessoas olhavam, comentavam sobre a aproximação dos dois. Até Peter tinha tido ciúmes do advogado. Não podia dar mais motivos para falarem, nem razões pra sua própria mente cogitar a possibilidade de ter um caso com seu amigo. Sem graça, Alicia se afastou, interrompendo o abraço.

- Você já se arrependeu de não ter tentado fazer algo que queria muito? - Will perguntou de repente.
- Acho que todo mundo tem algum arrependimento desse tipo.
- É – ele respondeu pensativo. – Eu tenho um grande arrependimento. E sei que agora é tarde, meu tempo já passou.

Alicia olhou profundamente para o advogado. E viu. Enxergou dentro dos olhos dele o que ia

desconfiava havia algum tempo. Will se arrependia de não ter tentado ser mais que um amigo na época da faculdade. Ela teve uma paixão pelo colega, mas ele nunca tomou nenhuma atitude. Aí chegou Peter e tudo mudou. Agora as coisas eram diferentes. Era mãe e precisava se manter fiel ao seu marido enquanto ele estivesse preso, independente das traições cometidas. E não podia negar que ainda amava Peter. Todos os problemas não haviam mudado isso. Will sabia disso também. Tinha conhecimento que agora era muito tarde para os dois. Havia perdido sua chance anos atrás, não adiantava mais tentar.

- Bom Alicia. – Ele começou – É melhor eu ir. Está na hora de me despedir de vez dessa firma, e ainda tenho muitas coisas para resolver.

Dizendo isso, ele pegou seus pertences e foi embora do escritório.

Fanfic – A vida escolhida

Dedê	Thursday, 1. July 2010, 14:33 Post #1
	<p>Título: A vida escolhida Autor: Andressa Casale <i>aka</i> Dedê Categoria: [Gincana 1 ano] Desafio Drabble 1000 Upgrade II, Festa e Blecaute, Missing Scene. Advertências: Nenhuma. Classificação: PG Capítulos: 1 (one shot) Completa: [X] Sim [] Não Resumo: Alicia uma vez disse para Will que se tivesse sido diferente entre eles não teria sido romântico. Teria sido a vida. E essa foi a vida que Alicia escolheu. Beta: Liv... She rocks my world! 🥰</p> <p>Existiria uma época na qual a vida de Alicia era glamorosa. Uma época que, ao sair de um elevador, ela mantinha a cabeça erguida e orgulhosa enquanto todos viravam descaradamente para ver a dona dos sapatos Jimmy Choo que soavam ao contato com o chão de mármore. Hoje aquele som poderoso e elegante havia sido substituído pelo barulho irritante que seu tênis molhado fazia depois de ter pisado uma poça d'água.</p> <p>A única coisa que não havia mudado eram os olhares curiosos.</p> <p>Olhares que observavam uma Alicia grávida de seis meses, andando o mais rápido que conseguia pelos corredores do supermercado. Nem um pouco segura de si e morrendo de vergonha do barulho que seu tênis fazia. O cabelo completamente despenteado com uma mecha presa nas mãos gorduchas de seu filho de catorze meses. Ela segurava o pequeno Zach com o braço direito, enquanto o esquerdo carregava uma mala azul repleta de fraudas, mamadeiras e dois mordedores.</p> <p>O dia não poderia ter sido pior. Pensou Alicia acomodando o bebê num carrinho de compras.</p> <p>Na noite anterior quando olhara na agenda, algo que só mantinha para não perder completamente o laço com o mundo adulto, ela notara que era dia 21 de julho. A data chamou sua atenção simplesmente pelo fato de que havia esquecido completamente que seu aniversário estava chegando.</p> <p>Aparentemente ela não fora a única a esquecer. Naquela manhã, quando Zach acordou a casa inteira com seus berros pela babá eletrônica, Peter simplesmente levantou e foi se preparar para mais um dia de trabalho. Nem ao menos um bom dia ele lhe ofereceu, quanto mais um feliz aniversário.</p> <p>E Alicia foi deixada para enfrentar um dia comum como outro qualquer. Pegar o terno de Peter na lavanderia, levar Zach para aula de natação e depois passear com o menino no parque. Alicia aproveitou o dia para ficar longe de casa, aquele lugar parecia uma prisão.</p> <p>Ela sentira a brisa suave bater em seu rosto enquanto sentava no banco do parque vigiando Zach cambaleiar pelo gramado. Aquela sensação sim era de liberdade. Uma mulher livre, não uma dona de casa. Ao sentir seu bebê chutar na barriga Alicia sorriu tentando lembrar quando ela passou de uma jovem advogada promissora para uma</p>

grávida de pés descalços. Dando luz a bebês como uma coelha. Ela não odiava a face inocente do menino que sorria naquele momento aproveitando a natureza, mas sim a face egoísta de seu marido. Que deveria estar flertando com alguma secretária que não fora nem capaz de lembrá-lo sobre o aniversário da própria esposa.

Pensar nisso fez Alicia questionar-se. Tinha tomado a decisão correta ao se casar com Peter? Na faculdade Alicia tinha uma paixão por Will, eles eram colegas de sala, e durante quatro anos tudo o que fizera foi observar Will com sua namorada enquanto Alicia sonhava em fugir com ele e abrir uma firma de advocacia. Peter fazia um curso de extensão junto com eles, e logo se interessou pela jovem de cabelos negros que sempre sabia fazer a pergunta exata na hora certa quando eles brincavam de tribunal.

Para Alicia fora tão simples usar Peter como um mecanismo de fuga. Ir para cama com Peter para tentar empurrar os sonhos de um futuro com o Will para fora de seus pensamentos. Por isso quando Will foi procurá-la dizendo que começará a ter sentimentos por ela, Alicia ficou com medo e pediu Peter em casamento: – Vamos fazer uma loucura, Peter? Fugir e nos casar.

Ele não pensara duas vezes antes de concordar, lembrou Alicia ao empurrar o carrinho pelo corredor de comidas congeladas. Zach olhava hipnotizado para os produtos em display nas gôndolas, e Alicia teve a resposta para pergunta que fizera a si mesma várias vezes naquele dia. Sim, tinha valido a penas pela peçonha que ela e Peter criaram juntos. Ela tinha certeza de que se fosse Will ao invés de Peter, talvez não estivesse jantando pizza pronta no seu aniversário de trinta anos; mas teria sido uma vida comum como todas as outras.

Então ela terminou as compras e seguiu para casa, não para sua prisão, mas para vida que escolheu para si mesma. Ela estacionou o carro na garagem, pegou o bebê no colo e caminhou para cozinha. Quando tentou ligar a luz, nada aconteceu.

– Peter! – Alicia chamou o nome de seu marido, sabia que ele estava em casa por causa do carro na garagem. – Peter! Por que estamos sem luz?

Ele não respondeu, o que irritou Alicia um pouco. Ela colocou as compras em cima da mesa e foi à procura do marido. Quando abriu a porta da sala de jantar levou um susto com um monte de pessoas gritando “SURPRESA”. Ela olhou em volta, um borrão de faces familiares misturadas com luz de velas, a face sorridente de Peter era a única que se destacava. Era o mesmo sorriso de Zach.

– Amor, desculpa pelo blecaute. – Peter disse de braços aberto ainda sorrindo. – Mas veja só você ganhou um jantar à luz de velas.

Alicia que estava lutando para não demonstrar nenhuma reação não conseguiu mais segurar o choro. – Oh, meu Deus. – Ela disse sem forças. – Eu achei que você tinha esquecido.

– Como eu ia esquecer o aniversário da rainha da minha vida? – Ele continuava a sorrir, um contraste claro com a lágrimas nos olhos de sua mulher.

Peter caminhou até ela pegou seu filho no colo e a abraçou forte. Deixando que os hormônios da gravidez de sua esposa molhassem sua camisa através de lágrimas salgadas. As pessoas sorriam e tiravam fotos. Quando ela se acalmou um pouco Peter secou as bochechas dela com seus dedos carinhosos e deu um selinho gostoso nos lábios dela.

– Eu te amo, meu amor. – Ele suspirou nos ouvidos dela com delicadeza. – Feliz aniversário.

– Te amo também. – Disse acanhada.

Seus amigos e familiares começaram a bater palmas e pedir discurso. Alicia ficou vermelha, respirou fundo tentando recompor-se. A verdade é que ela não sabia o que dizer para demonstra o quanto ela se sentia feliz.

Fanfic : Segunda Chance

Laís Orlandi

Saturday, 23. April 2011, 00:19 [Post #1](#)

Título: Segunda Chance

Autor: Laís Orlandi

Categoria: Willicia, songfic, segunda temporada.

Advertências: Spoiler dos próximos episódios de The Good Wife. A cena final.

Classificação: Livre

Capítulos: 1 (one shot)

Completa: [X] Sim [] Não

Resumo: Will e Alicia tem uma grande vitória e decidem comemorar.

Song: [From this Moment On - Shania Twain](#)

Dedicação: Dedico essa fanfiction a Jess e a Caa. Companheiras de surto Willicia. Escrevi correndo. Mas foi com carinho!



Fora um grande dia. Aquele tipo de dia em que você nem se lembra de como acordou. Um dia onde as horas parecem anos, os minutos dias e os segundos parecidos com horas. Dias assim cansam mais que isso, dias assim faziam com que ela remoesse tudo de ruim que havia acontecido em sua vida. Esse dia em especial foi mais que longo. Foi um dia de vitória.

Ser a primeira empresa a ganhar uma causa contra o recém reeleito Procurador do Estado Peter Florrick tinha um gosto especial.

Era uma vingança. Por tudo. Mas principalmente pela vida que poderia ter tido e não teve. Das sensações que poderia ter sentido e não sentiu. De poder acordar ao lado dela, de poder ler o jornal de manhã sabendo que ela estava fazendo seu café. Aquela foi à vitória mais saborosa que já tivera. Ganhará não somente de Peter Florrick. Ganhará de Peter Florrick com Alicia ao seu lado.

Enfrentar Peter nunca fora um problema. Não havia se submetido a ele por 15 anos porque se achava na obrigação de fazê-lo. Apenas gostava, gostava sim de ficar em casa cuidando dos filhos, cuidando da casa, cuidando de Peter. Gostava de frequentar reuniões escolares, reuniões para discutir a altura da grama da vizinha, horário para se ligar as mangueiras de irrigação. Era uma sensação de boa. Simples. Nada de problemas complexos. Nada de assassinos. Nada de problemas econômicos. A vida era muito mais leve. Mas sem nenhuma emoção. Era fazer o básico. Sabendo que o básico não mais lhe bastava.

Ganhar de Peter em um tribunal iria repercutir. Ela discutira com ele na frente de um juiz. Ela acabou com sua alegação, com suas provas, ela inocentara um homem. Ela defendeu. Ela sentiu vontade de vencer como nunca antes. Olhar para Peter do outro lado sem poder gritar aos quatro cantos o que sentia e achava dele naquele momento a torturava mais que qualquer traição. Ganhar dele seria reconfortante.

*From this moment life has begun
From this moment you are the one*

Ela olha pro lado. Após ouvir o encerramento da acusação, ela apenas olha para sua direita e lá está Will Gardner, ele apenas sorri, chega bem perto dela e sussurra:

- Você faz o encerramento. Esse caso é seu.

Se ela ficou atordoada com a responsabilidade de ultima hora, não demonstrou. Alicia era firme em um tribunal, era coesa, era a advogada mais dedicada que já havia visto.

Alicia se levanta, arruma a terno como sempre faz ao levantar para um encerramento. Ela encara o júri, todos hipnotizados pelas palavras que viriam a seguir:

- Senhores, vocês acreditam em segundas chances?

Alicia esperou que os jurados confirmassem. O sinal de positivo de cada um deles deu a ela força para continuar.

- É eu também acredito. No momento não sei se acredito em terceira e quarta chances. Mas acredito em segunda chance.

Aparentemente a promotoria não acredita - fala olhando diretamente para Peter - Pois sua maior preocupação foi em enfatizar os maus antecedentes do Sr. Robbins. Senhores, Sr. Robbins passou por uma grande provação no passado e não lidou bem com ela, é fato. Pelo que fez foi condenado, cumpriu sua dívida para com a sociedade e justiça. Mas agora ele está quite. Responsabilizá-lo por algo só porque em um passado distante ele fez algo semelhante não é só injusto é desumano. Esse homem já pagou sua dívida. Ele só quer viver. Sem que a qualquer momento um tsunami envolva sua vida novamente, ele quer dormir sem pensar que amanhã pode ser alvo de mais investigações. Sr. Robbins quer apenas paz para tentar levantar sua vida. Senhores... Senhoras, a segunda chance que lhes perguntei antes diz respeito a isso que vivemos agora, Sr. Robbins merece uma segunda chance para recomeçar sua vida sem a sombra do passado perseguindo seu presente. Ele merece. – Alicia faz uma pausa, olha para Will e conclui - Todos nós merecemos uma segunda chance.

Will a olha e a aprovação do seu olhar é demonstrada através do brilho.

- Acho que você acaba de ganhar o júri. O juiz. Você acabou de ganhar do Peter. – Diz Will num meio sorriso.

- Não cante vitória antes da hora Will.

Todos se levantam para a retirada do júri e do júri. Peter se aproxima:

- Alicia, que foi isso? – Pergunta franzindo a testa.

- Senhor Promotor, não é o momento. – Ela sai a tempo de ouvir Will dizer um cordial 'Promotor' e sair ao seu alcance.

- Será sempre assim Alicia?

- Peter é meu marido fora daqui. Quero ganhar as coisas por mim. Nunca confabulei com

advogado do outro lado, não é agora que vou começar.

- Hei, está tudo bem, ok. Só perguntei. Se em cada caso que tivermos contra a promotoria você agir assim, ficarei feliz em ti acompanhar, será ótimo ter tantas vitórias seguidas.
- Will, eu...

Alicia é interrompida pelo meirinho que anuncia a decisão tomada seria anunciada:

- O júri chegou a um veredicto? – Pergunta o juiz
 - Sim, meritíssimo. – Responde o Jurado 1
 - A respeito da acusação contra o Sr. Robbins a respeito de enriquecimento ilegal o júri o declara...
 - Inocente senhor.
- Alicia olha alívio da para Will, ele dá um sorriso aberto, como quem diz “Eu disse”

*“From this moment I have been blessed
I live only for your happiness
And for your love I'd give my last breath
From this moment on”*

Enquanto andavam em direção ao estacionamento do fórum eles discutiam a respeito do julgamento:

- Sério Alicia, foi um belo encerramento...
- Acho que usei mais coração que a razão Will. Não sei que sempre dará certo.
- Com o júri provavelmente dará sempre. Pessoas comuns, prontas a se apegar.
- Deveríamos comemorar. Kalinda... - A voz dela embarga.
- Que tem Kalinda?
- Ela tem essa mania de comemorar as vitórias com doses de tequila.
- Ha, sério. É uma ótima. Aceita tomar um drink comigo então?
- Porque não. Claro.

Chegando ao pub que sempre frequentavam. Sentam-se em duas cadeiras altas perto do balcão.

- Duas tequilas- Pede Will.
- Limão, por favor – Completa Alicia.
- Está experiente, você não era assim não. Que aconteceu? – Pergunta brincado.
- Muita coisa Will. Sabe, tenho saudades daqueles tempos... – Diz olhando pra tequila que acabara de chegar.

*I give my hand to you with all my heart
I can't wait to live my life with you, I can't wait to start
You and I will never be apart
My dreams came true because of you*

- Eu também.

Eles se olham. Levantam os copos:

- Saúde – Diz ela.
- A vitória.
- Do que você sente mais falta? – Pergunta ela enquanto levanta a mão para o barman servi-los mais uma dose.
- Tudo, eu acho. Não tenho saudades das aulas de Processo Civil.
- Ai, nem eu. Que tortura era aquilo.

Ambos riem alto, lembrando as aulas de Direito.

- Eu sinto falta de você. Quero dizer, você enfrentou algumas coisas para ficar comigo, gostava da forma como cuidava de mim. – Fala Alicia olhando para o fundo do copo, como se lá estivesse às respostas para todas as perguntas que tanto lhe afligiam.
- Alicia, eu... – Will começa a falar sem saber como concluir.
- Ok Will. Eu sou casada... Você...
- Alicia, hei... Olha para mim.

Ela levanta seus olhos da bebida e o encara.

- Eu também sinto sua falta. Da forma como nos nós... Sinto falta de você também.
- Todos nos merecemos uma segunda chance Will.

Alicia desvia o olhar, e tira sua mão do copo.

*“I do swear that I’ll always be there.
I’d give anything and everything and
I will always care.
Through weakness and strength,
happiness and sorrow, for better, for worse,
I will love you with every beat of my heart”*

A mão de Alicia vai deslizando de encontro com a mão de Will, que estava pousada sobre o balcão. Ela encosta seus dedos nos dele.

- Nos merecemos uma segunda chance Alicia? – Pergunta incrédulo com o que estava acontecendo.
 - Todos nos merecemos Will. – Ela fala olhando no fundo dos olhos de Will.
- Ao ouvir a respostas Will segura a mão de Alicia e a acaricia. E dá um sorriso sincero.

Eles começariam a se dar a segunda chance.

FIM

Fanfic : O Processo

gabymatos	Thursday, 24. June 2010, 20:58 Post #2
	<p>Título: O processo Autora: Gaby Matos Categoria: Pov, Pos Finale Advertências: Nenhuma Classificação: G Capítulos: One shot Completa: [X] Yes [] No Resumo: O que se passa na mente de Alicia enquanto a mão do Peter está estendida.</p> <p>TGW</p> <p>O Processo de Alicia Florick</p> <p>Alicia Florick Advogada, mãe de família, esposa...</p> <p>Será que ainda sou esposa? Fui casada com Peter por tantos anos. Na verdade fui feliz e o amei. Porém, os meus sentimentos por ele não são mais os mesmos. Quando tudo mudou? Não tem um momento específico. Talvez tudo tenha sido um processo lento e gradual que me transformou na mulher que sou hoje. Durante esse processo me conheci. Esse fato com certeza foi deflagrado pela prisão do Peter. Quando fui obrigada a tomar as rédeas da minha vida. Aprendi a andar com as minhas próprias pernas. Aprendi que eu era capaz de exercer dignamente a profissão que descobri ainda amar. Tive vitórias e também tive derrotas. Disputei com um garoto uma vaga de emprego e durante a disputa percebi que a advocacia era a minha vida. E claro houve o Will. Colega de faculdade, amigo querido. Aquele que a história nunca foi vivida plenamente. Aquele que na hora h nada dava certo porque simplesmente não era pra ser. Sei que ele me deu o emprego por amizade e também como moeda de troca. Meu sobrenome não deixou de ser Florick. Mas, agarrei a oportunidade como se aquilo dependesse a minha vida. E admito estava bem. Tinha conseguido viver sozinha. Novamente era uma mulher plena e capaz. Percebi também que não queria voltar atrás. Voltar a ser a Antiga Alicia. A Alicia do Peter. A volta dele despertou em mim sentimentos heterodoxos. Mas nenhum desses sentimentos foi o amor que um dia senti por ele. Eu estou amando outro? <i>Não sei</i> Eu estou amando o Will? <i>Também não sei.</i> A única coisa que sei nesse momento é que não me interessa a mão estendida do Peter. Não me interessa voltar pra minha antiga vida. Eu quero que o Will me ofereça um plano para continuar sendo a mulher que descobrir ser. E quem sabe descubra o amor, mas desta vez em outros braços.</p>

Fanfic : Crush

Carissinha	Saturday, 27. February 2010, 02:58 Post #1
	<p>Título: Crush Autora: Carissa Vieira (Carissinha) Categoria: Multitemporadas, angst, por enquanto. Advertências: spoilers 1a temporada Classificação: (NC-17) Capítulos: não sei ainda. Completa: <input type="checkbox"/> Yes <input checked="" type="checkbox"/> No Resumo: Alicia tinha um casamento perfeito, mas depois do escândalo sexual do marido, tudo mudou. Será que os sentimentos dela mudaram?</p> <p>Obs - Postei em outras fics porque tem momentos Willicia e Petticia. Vamos ser democráticos. 😊</p>

Capítulo 1

[...]

Perder o controle. Eu não posso perder o controle. Era o que Alicia pensava, sentada sozinha no sofá da sua nova casa. Magoada, irritada, ferida, mas tendo que deixar todos os seus sentimentos de lado, pois tinha papéis a cumprir. Primeiro era mãe, do tipo que faria qualquer coisa por seus filhos. Segundo, uma esposa, traída é verdade, mas que nesse momento difícil iria ficar ao lado do marido. Sempre que via ou ouvia falar de um escândalo sexual em que as esposas ficavam ao lado daqueles homens, Alicia se perguntava porque elas se submetiam aquilo. Era tão humilhante. Agora se via na mesma situação. E não conseguia enxergar outro modo de agir. É claro que não queria Peter na sua cama naquele momento, mesmo amando o marido. E também não sabia se o casamento ia durar. Mas em uma situação como aquela, ficar ao lado da família, e isso incluía Peter, era o certo a fazer. Não era nela mesma que tinha que pensar agora. Era hora de ser forte e lutar pelo bem estar de sua família, e isso, no momento incluía Peter. Depois que tudo passasse, eles veriam como iam resolver os problemas do casamento. Primeiro precisava arrumar um emprego, pois a situação financeira havia mudado muito, desde que o escândalo virou público. Não dava mais para manter a vida cheia de luxo que tinham, agora era o mundo real, e nesse mundo ela era a provedora da família. Só não sabia como ia sustentar seus filhos. Não tinha nenhum emprego em vista. A não ser... Teve uma idéia que talvez pudesse resolver por hora os seus problemas.

Capítulo 2

[...]

Alicia esperava que estivesse enganada, que tudo fosse coisa da sua cabeça. Conhecia Will fazia muito tempo e não queria estragar a amizade que tinham. Mas ele realmente parecia estar interessado nela, e não como amigo. Já fazia tempo que vinha notando uma mudança sutil na maneira que o advogado agia quando estavam juntos. Lembrava da noite em que ficaram sozinhos no escritório, trabalhando em um caso. Era divertido conversar com ele, que sempre a entendia e estava ao seu lado, mas naquela noite

sentiu algo diferente. O jeito que ele a olhou, a referência que fez ao casal que saía tarde do trabalho porque tinham um caso. Isso a incomodou. Se por um lado sentia-se lisonjeada, por outro ficava apreensiva. Peter estava preso fazia poucos meses e, apesar de tudo que o marido havia feito, não deixara de amá-lo. Sentia muito carinho pelo colega de trabalho, havia até se interessado por ele uma vez, quando estudavam juntos, só que eram amigos, nada poderia acontecer. Mas nos últimos tempos achava que Will a tratava de maneira diferente, mais íntima, carinhosa. Alicia se perguntava se não havia segundas intenções nisso. Se houvesse teria que cortar o mal pela raiz. Peter precisava dela, não era o momento para ter um caso, principalmente com Will, de quem seu marido morria de ciúmes. Chegava a ser engraçado. Se o advogado estivesse realmente interessado em ter algo com ela, e seu marido soubesse, não ia dar certo, mas seria extremamente interessante ver a forma que Peter reagiria aquilo. Mas ela era mãe e não tinha certeza do que estava acontecendo. Era melhor tirar aquilo da cabeça. Kalinda não tinha nada que ficar falando sobre esse assunto e colocar idéias na mente dela. Dizer que eles tinham uma relação mal resolvida. Não havia nada de mal resolvido. Ou havia?

Alice	Friday, 19. March 2010, 15:40 Post #11
	<p>Muito interessante, pois mostra como fica a mente de uma mulher que foi traída pelo homem que ama e é pai dos filhos dela, pois não porque ela foi traída que vai deixar de acreditar nos valores que sempre fizeram parte de sua identidade...</p> <p>Gostei de sua forma de narrar a estória, é direta e enfatiza o drama psicológico, mas se me permitir uma sugestão, eu investiria em mais diálogos, porque somados à sua capacidade de descrições psicológicas vai deixar o texto mais fluído e o leitor mais curioso...</p> <p>Parabéns, adoro a série e você escreve bem.</p>

Capítulo 3

[...]

Alicia chegou cedo ao escritório. Estava ansiosa, apreensiva, irritada, confusa. Uma verdadeira bagunça. Seus sentimentos estavam misturados e ela não sabia como acalmar a avalanche emocional que sentia. O julgamento de Peter estava bastante avançado, talvez ele sáísse da prisão e voltasse para casa. Voltar para casa, esse era o problema. Havia vivido 15 anos com ele, tinha filhos, e agora não sabia como iria lidar se eles tivessem que voltar a viver juntos. Ela havia mudado muito durante os meses em que seu marido ficou na prisão, como mulher, profissional, não era mais a pessoa passiva que foi humilhada publicamente. Ainda representava o papel de esposa paciente, que estava ao lado do marido a qualquer custo. Mas não era mais essa pessoa. Aceitaria Peter de volta em casa, era mãe e precisava pensar nos filhos, que queriam o pai em casa. Por eles faria qualquer coisa, o que não significava que queria dar aquele casamento mais uma chance. Estava extremamente confusa, realmente não sabia o que fazer.

- Alicia – Kalinda apareceu em seu escritório – Diane nos espera na sala dela.

Seguiram juntas para a sala da chefe.

- Você vai ao julgamento do Peter? – Kalinda perguntou.

- Não sei. Seu depoimento é amanhã, não?

- Sim. – Se olharam e pararam de conversar quando chegaram a sala da chefe.

- Alicia, Kalinda - Diane começou a falar quando as viu – Estamos defendendo uma atriz que processou um tablóide por publicar que ela tinha um caso com o ator que fazia seu filho em um seriado. O garoto tem apenas 16 anos. O marido dela pediu o divórcio. Façam com que ela se acalme e com que não fale com ninguém. Cary está com o Will, cuidando de outras coisas. Quero que vocês duas, além de acalmar a cliente, consigam o máximo de informações dela, e de quem trabalhou no seriado. Precisamos descobrir quem está mentindo. O pior é que parece que todos estão.

Fanfic : Conversando pelo Messenger

Título: Conversando Pelo Messenger

Autor: Carissinha

Categoria: [Gincana 2 anos] Desafio Ficlet I, metafic, pós segunda temporada.

Advertências: Spoiler da finale das segunda temporada, trechos de outras fics.

Classificação: NC-17

Capítulos: 1 (one shot)

Completa: [X] Sim [] Não

Resumo: Alicia e Will conversam pelo messenger.

N/A: Quero agradecer a Mandioca e a Lai, porque eu usei trechos de fics das duas. E é para as duas que eu dedico a fic 🍷 🍷 . Por sempre surtarem comigo por esse ship complicado ao extremo.

Conversando Pelo Messenger

Alicia entrou em seu escritório e ligou o computador, entrando no Messenger. Não costumava passar muito tempo conversando online, mas era uma oportunidade de encontrar Will, que parecia adorar tudo que dizia respeito à tecnologia. Era engraçado, pessoalmente os dois se sentiam constrangidos. Era impossível não lembrar que há pouco mais de uma semana estavam em um quarto de hotel, se permitindo dar vazão à paixão que compartilhavam desde a faculdade, mas que não puderam extravasar antes. Só que depois daquele momento, o constrangimento tomou conta do relacionamento dos dois. Ela era casada com o procurador, para todos os efeitos, mesmo que isso não fosse mais verdade. Ele era um dos solteiros mais cobiçados de Chicago e, namorado de uma jornalista bem sucedida. Não tinham um relacionamento e, provavelmente, não teriam no futuro. E Will era seu chefe. Por mais que quando se vissem um turbilhão de sentimentos tomasse conta, tudo o que podiam fazer era aparentar calma.

Bastou ficar online uma mensagem apareceu:

WGardner: Oi! Estou surpreso de te ver online. Era uma pena que da sala dela fosse impossível ver o escritório de Will, no outro corredor.

Alicia: Pois é! Eu ainda acho mais divertido conversar olhando nos olhos, mas estou me acostumando a usar isso aqui.

WGardner: Não é a mesma coisa, mas pode ser bem divertido. Houve uma pequena pausa. Alicia não sabia se deveria responder. Aquela conversa poderia tomar um rumo bem perigoso. Com eles qualquer coisa poderia ser perigosa e se transformar em tensão.

WGardner: Alicia? Está aí?

Alicia: sim. Você realmente gosta de internet, eu sei.

WGardner: A internet tem coisas bem legais. Você sabe o que é fanfic?

Alicia: Já ouvi falar. Meus filhos me contaram que escreveram algumas sobre Peter e a tal da prostituta que ele me traiu.

WGardner: Você não devia pensar nisso.

Alicia: Eu não costumo pensar. Isso ficou no passado, do mesmo jeito que Peter. Alicia se arrependeu do que escreveu na hora que clicou em enviar. Agora não podia mais apagar.

WGardner: Você faz bem. Mas, voltando às fanfictions, eu descobri que existem algumas em que nós dois somos protagonistas. Aquilo realmente surpreendeu Alicia.

Alicia: Sério? E como são?

WGardner: Algumas são fofinhas, com final feliz. Vou te mostrar um trecho:

A mão de Alicia vai deslizando de encontro com a mão de Will, que estava pousada sobre o balcão. Ela encosta seus dedos nos dele.

- Nos merecemos uma segunda chance Alicia? – Pergunta incrédulo com o que estava acontecendo.

- Todos nos merecemos Will. – Ela fala olhando no fundo dos olhos de Will. Ao ouvir a respostas Will segura a mão de Alicia e a acaricia. E dá um sorriso sincero. Eles começariam a se dar a segunda chance.

Outras tem um final triste para nosso amor:

- Você já se arrependeu de não ter tentado fazer algo que queria muito? - Will perguntou de repente.

- Acho que todo mundo tem algum arrependimento desse tipo.

- É – ele respondeu pensativo. – Eu tenho um grande arrependimento. E sei que agora é tarde, meu tempo já passou. Alicia olhou profundamente para o advogado. E viu. Enxergou dentro dos olhos dele o que já desconfiava havia algum tempo. Will se arrependia de não ter tentado ser mais que um amigo na época da faculdade. Ela teve uma paixonite pelo colega, mas ele nunca tomou nenhuma atitude. Aí chegou Peter e tudo mudou. Agora as coisas eram diferentes.

Alicia: Nossa! As pessoas realmente escrevem sobre nós. E escrevem muito bem! Parece que nos conhecem.

WGardner: É porque você não viu as que são NC-17.

Alicia: NC, o quê?

WGardner: NC-17. São fanfics onde existem cenas... como posso dizer? Cenas mais quentes.

Alicia: Eles nos colocam fazendo sexo? Ela realmente estava ficando chocada com aquilo. As pessoas a imaginavam fazendo sexo com Will? Ela já imaginava isso demais para ler algo do tipo.

WGardner: Sim. Essas fics são bem... interessantes.

Alicia sabia que ele queria dizer outra coisa.

WGardner: Lê um trechinho:

Meus lábios procuraram pelos seus, e os tomaram em um beijo sedento de desejo. As línguas entrelaçaram-se de forma agressiva, erótica. Enquanto a mão que estava sobre seu seio o acariciava, - oras com força, oras com gentileza – a outra seguia seu curso pela cintura, e então as nádegas volumosas, apertando-as sem nem um pingo de gentileza. Alicia gemeu novamente.

Não pude mais esperar. Fazia tantos anos, tanto tempo sonhando em tê-la novamente. Levantei o vestido e abri o zíper da calça. Em menos de um segundo, eu já estava dentro dela. Sem aviso, sem pedir permissão, eu me movimentava com todo o desejo reprimido explodindo em minhas veias. E de repente, tudo estava tremendo.

Alicia não acreditava no que lia. Era muito real e muito excitante. E a fazia lembrar da loucura que ela e Will cometeram ao passarem uma hora dentro de um quarto de hotel. Pessoas públicas não deviam se expor tanto.

WGardner: Não vai dizer nada?

Alicia: O que deseja que eu diga, Will? E a sua namorada Tammy, como vai?

WGardner: Você pode esquecer a Tammy por alguns minutos? A questão aqui não é a Tammy. Nós bem sabemos. Essas fanfics mexem comigo, me fazem lembrar da nossa história e de como eu quero você, de todas as maneiras. É horrível desejar o que não se pode ter.

Alicia: Você acha que eu não sei? Will, nós não devíamos ter começado essa conversa. Só vamos nos magoar, como sempre.

WGardner: Eu sei. Você tem razão.

Alicia: Acho melhor eu ir continuar trabalhando no caso da promotora assassinada e tentar esquecer as coisas que estou sentindo agora.

WGardner: Você sempre tem razão.

Alicia desligou o computador pensando em como as fanfics estavam certas sobre eles, de uma forma ou de outra. Eles se amavam, mereciam uma segunda chance, mas talvez tivessem realmente perdido o tempo certo. Tudo o que restou, foi uma única noite de loucura.